



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Gustavo Pfister Pirola

**Considerações Evolucionistas Sobre as Relações Entre Imprevisibilidade, Dimensões de Apego e
Investimento Parental em Pais e Mães Brasileiros**

VITÓRIA
2023

Gustavo Pfister Pirola

**Considerações Evolucionistas Sobre as Relações Entre Imprevisibilidade, Dimensões de Apego e
Investimento Parental em Pais e Mães Brasileiros**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, como parte dos requisitos para se obter o grau de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia

Linha de pesquisa: Processos de Desenvolvimento e Aprendizagem

Orientadora: Prof.^a Dra.^a Rosana Suemi Tokumaru

Financiamento: FAPES

VITÓRIA
2023

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

P671c Pirola, Gustavo Pfister, 1994-
Considerações evolucionistas sobre as relações entre imprevisibilidade, dimensões de apego e investimento parental em pais e mães brasileiros / Gustavo Pfister Pirola. - 2022.
105 f. : il.

Orientadora: Rosana Suemi Tokumaru.

Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais.

1. Psicologia do desenvolvimento. 2. Comportamento de apego. 3. Parentalidade. 4. Comportamento humano. I. Tokumaru, Rosana Suemi. II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências Humanas e Naturais. III. Título.

CDU: 159.9

Folha de aprovação

Gustavo Pfister Pirola

Considerações Evolucionistas Sobre as Relações Entre Imprevisibilidade, Dimensões de Apego e Investimento Parental em Pais e Mães Brasileiros

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, sob orientação da Prof.^a Dra.^a Rosana Suemi Tokumaru, como parte dos requisitos para se obter o grau de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia do Desenvolvimento

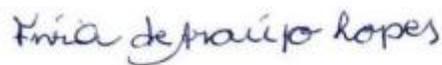
Financiamento: FAPES

Dissertação defendida e aprovada em 16 de Dezembro de 2022.

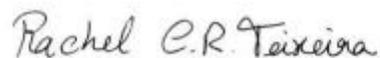
Banca examinadora:



Profa. Dra. Rosana Suemi Tokumaru (Presidente da comissão – UFES)



Profa. Dra. Fívia de Araújo Lopes (Examinador externo – UFRN)



Profa. Dra. Rachel Coêlho Ripardo Teixeira (Examinador externo – UFPA)

“The future’s uncertain, and the end is always near”

Roadhouse Blues – The Doors (1970)

Agradecimentos

Aos meus pais, Luciana e Zenor, que sempre batalharam para que eu pudesse estar onde estou hoje, e me ensinaram desde cedo a importância de investir nos estudos. À minha irmã Bruna, que sempre foi uma figura de apoio em minha vida. Agradeço, também, às tias e tios que me ajudaram nesse processo.

À minha orientadora Suemi, que é um modelo de pessoa e pesquisadora que eu almejo ser. Obrigado pela paciência, discussões frutíferas e disposição de me ensinar durante nossas orientações. Pela postura de acolhimento quando a insegurança me acometeu em várias ocasiões.

Agradeço aos companheiros espirituais que me acompanham. Por terem me agraciado com força, luz, resiliência e sabedoria para enfrentar esta desafiadora tarefa, e me ajudarem a nunca desistir dos meus sonhos.

Ao meu psicólogo Renan, que me foi essencial para me ajudar a cuidar de minha saúde mental. Aos colegas do LabEt, que foram parcerias potencializadoras nesse processo. Aos meus amigos de Ufes e da vida que estiveram comigo nessa empreitada: Carlos Francisco, Miguel Piccin, Daniela Santanna, Larissa Batista, Léia Conceição, Raphael Almeida, Carol Egert, Nayara Kuster, Gustavo Manenti, João Pedro Hülle, e muitos outros que não vão caber aqui, mas que também levo de coração. Aos amigos da turma de Mestrado 2020, que estiveram comigo no olho do furacão, rs.

Às professoras Fívia Araújo, Rachel Ripardo, e o professor Mauro Júnior, que gentilmente contribuíram de maneira rica no meu trabalho. Às professoras Valeschka Guerra e Fabiana Ramos pelas oportunidades, estímulos e por me ensinarem valiosas lições sobre pesquisa durante a graduação. Um agradecimento especial a todos os pais e mães que contribuíram respondendo à coleta de dados, e a todos(as) que ajudaram na divulgação.

À equipe do PPGP, que sempre foi muito solícita e compreensiva quando precisei (um abraço de honra ao Arin!). À FAPES, pela bolsa e oportunidade de financiamento, sem a qual fazer o mestrado e conseguir produzir esta dissertação, seria praticamente impossível.

Resumo

Pirola, G. P. (2022). *Considerações Evolucionistas Sobre as Relações Entre Imprevisibilidade, Dimensões de Apego e Investimento Parental em Pais e Mães Brasileiros* [Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo].

A infância é basilar para a construção dos primeiros modelos de percepção do mundo, apego e regulação psicológica, através do estabelecimento de relações de vínculo com os cuidadores primários e outros círculos sociais. O cuidado parental é um grande modulador nos primeiros anos do desenvolvimento infantil, e há correlação entre o investimento dos pais e a formação dos padrões de apego da prole. Ainda é pouco explorada, no entanto, a relação entre a exposição a contextos imprevisíveis na infância, e outras variáveis psicológicas na vida adulta, como as dimensões de apego, crenças de imprevisibilidade e o investimento parental. Com base na Teoria da História de Vida, realizamos um estudo transversal quantitativo com 582 pais e mães vindos de vários estados brasileiros, no qual utilizamos como base o autorrelato de cuidadores primários sobre seus ambientes na infância, suas crenças de imprevisibilidade, dimensões de apego e o investimento parental exibidos atualmente. Utilizamos como instrumentos psicométricos a Escala de Imprevisibilidade Familiar na Infância (EIFI) e itens das escalas de Imprevisibilidade/Severidade, a Scale of Unpredictability Beliefs (SUB), Experience in Close Relationships (ECR) e a Escala de Investimento Parental (EIP). Avaliamos se (1) há influência da percepção de imprevisibilidade sobre as dimensões de apego, sobre as crenças de imprevisibilidade e o investimento parental atual, e se (2) as crenças de imprevisibilidade e as dimensões de apego atuais desempenham influência sobre o investimento parental. Verificamos influências significativas para as assertivas 1 e 2, e constatamos a importância que ambientes de imprevisibilidade na infância exercem no desenvolvimento da

percepção do mundo, nas relações interpessoais e no investimento parental desempenhado pelos participantes na vida adulta. A imprevisibilidade de cuidado mostrou ser um poderoso preditor tanto para as crenças, o apego e a parentalidade. Além disso, a imprevisibilidade em geral apresentou pouco efeito explicativo sobre o investimento parental. Mas esse efeito foi maior quando testamos o apego e as crenças em relação ao investimento parental. Acreditamos que a imprevisibilidade na infância modula o investimento parental de maneira indireta, e que pode existir uma relação de mediação.

Palavras-chave: Imprevisibilidade, severidade, apego, investimento parental, teoria da história de vida.

Abstract

Pirola, G. P. (2022). *Evolutionary Considerations on the Relationships Between Unpredictability, Attachment Dimensions, and Parental Investment in Brazilian Fathers and Mothers*

[Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo].

Childhood is fundamental for the construction of the first models of perception of the world, attachment, and psychological regulation, through the establishment of attachment relationships with primary caregivers and other social circles. Parental care is a major modulator in the early years of child development, and there is a correlation between parental investment and the formation of attachment patterns in offspring. The relationship between exposure to unpredictable contexts in childhood, however, and other psychological variables in adulthood, such as attachment styles, unpredictability beliefs, and parental investment, is still uncertain. Based on Life History Theory, we conducted a quantitative cross-sectional study with 582 fathers and mothers from several Brazilian states, in which we used as a basis the self-report of primary caregivers about their childhood environments, their unpredictability beliefs, attachment styles, and parental investment currently exhibited. We used as psychometric instruments the Scale of Family Unpredictability During Childhood (EIFI) and items from the Unpredictability/Harshness scales (Szepeswol, 2020), the Scale of Unpredictability Beliefs (SUB), Experience in Close Relationships (ECR), and the Parental Investment Scale (EIP). We assessed whether (1) there is an influence of perceived unpredictability on attachment styles, unpredictability beliefs, and current parental investment, and whether (2) current unpredictability beliefs and attachment dimensions play an influence on parental investment. We found significant influences for assertions 1 and 2, and found the importance that unpredictability environments in childhood exert on the development of world perception, interpersonal relationships, and parental investment played by participants in adulthood. Caregiving

unpredictability was shown to be a powerful predictor for both beliefs, attachment, and parenting. Furthermore, unpredictability in general showed little explanatory effect on parental investment. But this effect was greater when we tested for attachment and beliefs. We believe that unpredictability in childhood modulates parental investment in an indirect way, and that a mediating relationship may exist.

Keywords: Unpredictability, harshness, attachment, parental investment, life history theory.

Sumário

Introdução e fundamentação teórica	12
Objetivos	26
Objetivo geral.....	26
Objetivos específicos	26
Hipóteses	27
Metodologia.....	28
Participantes	28
Procedimentos de coleta	28
Instrumentos.....	29
Imprevisibilidade familiar na infância	29
Condições socioeconômicas na infância	30
Imprevisibilidade na vida adulta	30
Condições socioeconômicas na vida adulta.....	31
Apego na vida adulta	31
Investimento parental na vida adulta	31
Procedimentos de análise.....	32
Procedimentos éticos	34
Resultados.....	36
Perfil da amostra.....	36
A imprevisibilidade na amostra estudada	36
Imprevisibilidade na Infância	36
Imprevisibilidade na vida adulta	40
Dimensões de apego na vida adulta	42
Investimento parental na vida adulta.....	43
Relações entre imprevisibilidade, apego e investimento parental	44
Teste de hipóteses	45
Discussão.....	50
Limitações do estudo	60
Considerações finais	62
Referências.....	65
Tabelas	76
Tabela 1.....	76

Tabela 2.....	78
Tabela 3.....	80
Tabela 4.....	82
Tabela 5.....	83
Anexos.....	85
Anexo A.....	86
Anexo B.....	89

Introdução e fundamentação teórica

Em ambientes estressores os indivíduos podem ter propensão a desenvolver crenças e modelos mentais que favorecem a percepção do mundo como mais caótico, menor percepção de autoeficácia para lidar com as adversidades, elevados níveis de insegurança e desamparo nas relações, além de fortalecerem a percepção de que as ações individuais não têm efeito sobre o que acontece em sua vida (Ross & Hill, 2002). Esses fatores podem constituir modelos de imprevisibilidade mental e são descritos como crenças de imprevisibilidade (Ross *et al.*, 2022; Ross, Short, & Garofano, 2016; Hill *et al.*, 1997; Ross & Hill, 2002; Ross, Hood & Short, 2016). Tais crenças atuam na aprendizagem de aspectos sociais da regularidade, consistência e expectativas que as pessoas criam sobre si, sobre seus pares e o mundo. Tais características adaptativas são constituintes do processo de formação da personalidade (Jonason *et al.*, 2016). Por exemplo, jovens adultos que crescem em contextos de imprevisibilidade durante a infância tendem a desenvolver mais traços de sofrimento psicológico no funcionamento da sua personalidade (Chen *et al.*, 2017; Teixeira, 2015), sintomas depressivos (Hood *et al.*, 2019), maior propensão à impulsividade e tomada de risco (Doom *et al.*, 2016; Howat-Rodrigues, 2010), decisões em curto-prazo (Howat-Rodrigues, 2010; Martinez *et al.*, 2022), respostas mais individualistas em dilemas ético-morais (Maranges *et al.*, 2021; Zhu *et al.*, 2018) e antagonismo às normas e relações sociais (Jonason *et al.*, 2016).

Diversos tipos de estressores ecológicos podem afetar nossas cognições e modelos mentais. A literatura tem exemplificado alguns tipos de recursos que podem ser utilizados para operacionalizar a imprevisibilidade ambiental: falta de acesso a recursos sanitários básicos, moradia, acesso a água potável, negligência física e emocional, abuso infantil (e.g. psicológico, emocional, físico e sexual), convivência com dependentes de substâncias químicas na família ou diagnosticados com transtornos mentais, presença de relações agressivas entre os familiares, violência doméstica,

envolvimento familiar com atividades criminosas, membros familiares em condição de cárcere, testemunhar agressões verbais e físicas dentro de casa, sofrer *bullying* em outros contextos sociais, ou vivência anterior da criança em lares adotivos (Afifi *et al.*, 2017, 2019, 2020; Alhowaymel *et al.*, 2021; Del Giudice, 2009; Ellis *et al.*, 2009). Todos esses fatores compõem um quadro de falta de consistência nos padrões comportamentais e da regulação do funcionamento familiar, impondo barreiras às próprias condições de convivência (Alarcão & Gaspar, 2007).

Nessa direção, as investigações têm colocado mais enfoque nas consequências da relação parental e sua influência no desenvolvimento infantil, enquanto fator promotor de adversidade (e.g. Hampson *et al.*, 2016). Contudo, são poucos e recentes os estudos de Teoria da História de Vida (THV) que têm se debruçado a investigar as consequências de ambientes imprevisíveis durante a infância sobre os repertórios de cuidado parental (e.g. Belsky *et al.*, 2012; Hartman *et al.*, 2017; Steele *et al.*, 2016; Szepeswol, 2020; Szepeswol *et al.*, 2015) ou sobre as dimensões de apego dos adultos (e.g. Steele *et al.*, 2016). Escolhemos trabalhar com a premissa de abordar o desenvolvimento pelo viés da Psicologia Evolucionista, enquanto um grande guarda-chuva para compreender a modulação desses construtos.

A Psicologia Evolucionista (PE) é fruto da convergência entre a Biologia Evolutiva com a Psicologia, atualizada por estudos modernos na área da genética (Cosmides & Tooby, 2003; Tooby & Cosmides, 2015). A principal postulação desse campo do conhecimento é baseada na explicação basilar da Teoria de Seleção Natural (Darwin, 1859). Há evidências robustas acerca da ancestralidade comum aos grandes primatas (Cosmides & Tooby, 2003; Tooby & Cosmides, 2015), como orangotangos, chimpanzés e gorilas, e esse é um dos indícios que a PE utiliza para propor que as características comportamentais e os mecanismos psicológicas dos seres humanos podem estar sujeitos às mesmas leis naturais que outros organismos, e que são dotados de capacidade plástica e adaptativa ao ambiente aos quais estão inseridos (Izar, 2018).

A plasticidade do organismo só é possível mediante a Seleção Natural. Esse fenômeno se caracteriza por pressões ambientais que mantêm alelos responsáveis pela modulação de determinadas características morfológicas, fisiológicas e comportamentais. A pressão seletiva é ambiente para processos de variação genética, na qual ocorre mutação e recombinação. Tais alterações na carga genotípica são herdáveis para as gerações seguintes, e essas apresentam os mesmos genes que os pais. Também é outro princípio importante a noção de que alguns fenótipos podem ser mais adaptativos que outros, e que alguns organismos podem ter maior capacidade reprodutiva em determinados ambientes (Izar, 2018).

Para explicar como a pressão seletiva atua na variabilidade fenotípica de populações e indivíduos, o etólogo Nikolaas Tinbergen (1963) sintetizou quatro níveis explicativos sobre a causa dos comportamentos, baseado nos estudos de comportamento animal. Os níveis explicativos podem ser interpretados em duas grandes categorias: Proximais e Distais. Análises de caráter proximal englobam tanto a causa imediata, quanto a ontogênese. Quando se pergunta o que levou o indivíduo a agir daquela forma em um momento muito específico, trata-se de uma explicação de causa imediata. A ontogênese busca saber quais tipos de fatores que modelam o comportamento do indivíduo ao longo do seu desenvolvimento. Na segunda grande categoria, discute-se o nível Distal. Suas subclasses são a filogênese e o valor adaptativo. Na primeira, compara-se o histórico do comportamento ou traço fenotípico ao longo de gerações e entre espécies aparentadas, e se há algum tipo de efeito modulatório ao longo da história evolutiva de uma determinada espécie. O outro nível é o valor adaptativo, que se trata da função biológica de um comportamento ou traço. A função diz respeito a como aquele fenótipo contribuiu para aumentar o sucesso reprodutivo do indivíduo que o exibiu em comparação com outros que não o exibiram (Izar, 2018; O'Brien & Gallup, 2011).

Na década passada, houve a proposição de um nível explicativo adicional no modelo de Tinbergen, o qual enfoca o papel adaptativo da cultura humana e a interação desta com os genes.

Contextos culturais auxiliam a selecionar traços adaptativos inerentes às espécies, e, portanto, características ambientais que atuam na plasticidade de comportamentos e influenciam o desenvolvimento. Da mesma forma, os insumos fornecidos pela cultura podem desempenhar um papel importante na evolução das características genéticas, por intermédio de aprendizagem social (O'Brien & Gallup, 2011). Nesse modelo dinâmico evolutivo do desenvolvimento de comportamentos, cognições e mecanismos de tomada de decisão, a PE utiliza teorias de nível médio (Ketelaar & Ellis, 2000), com o objetivo de analisar hipóteses acerca da complexidade fenotípica comportamental e relacioná-las com concepções meta-teóricas, tais quais as utilizadas neste estudo: Teoria da História de Vida, Teoria do Apego e Investimento Parental.

De acordo com a Teoria da História de Vida (THV), a energia e os recursos necessários à sobrevivência e reprodução do organismo são limitadas pela própria dinâmica ambiental. Dessa forma, o organismo teria sido selecionado para tomar decisões sobre o investimento dos recursos e da energia disponíveis ao longo do seu ciclo vital com base em *trade-offs* considerando seu contexto evolutivo (Del Giudice, 2009; Del Giudice et al., 2016). Um *trade-off* é um dilema de alocação energética entre diferentes funções vitais do organismo. *Trade-offs* agem como elos de cadeias decisórias, de forma que as escolhas anteriores podem influenciar as posteriores. É possível que o investimento em uma função específica possa diminuir o potencial adaptativo em outra (Del Giudice, 2009; Del Giudice et al., 2016). Comumente verificam-se conflitos entre dois principais traços evolutivos, a fertilidade e a parentalidade, uma vez que o primeiro se refere à capacidade de transmitir seu material genético e maximizar o número de proles, enquanto o último está associado ao nível de cuidado que o organismo dispõe com uma determinada prole, mediante as condições ambientais. Quanto maior o número de filhos, a tendência é que o cuidado parental seja menor. A forma como o organismo toma decisões sobre como alocar seus recursos energéticos faz parte do que se denomina Estratégias de História de Vida (EHV), as quais variam em um *continuum* lento-rápido (Ellis et al., 2009; Del Giudice, 2009; Del Giudice et al., 2016). Essa variação ocorre pelo fato

de os indivíduos estarem expostos a contextos adaptativos diferenciados, e com pistas ecológicas distintas.

Várias são as condições adversas que oferecem risco à vida dos organismos (e.g. pandemias, desastres naturais ou antrópicos, contextos de violência, etc). Ambientes de maior escassez e imprevisibilidade na obtenção de recursos, além de elevados indicadores de morbidade/mortalidade, podem atuar na seleção de mecanismos psicológicos que tornem os organismos mais sensíveis à percepção destas condições de risco extrínseco às quais estão expostos. Por sua vez, tais mecanismos podem modular o desenvolvimento de estratégias de história de vida (EHV) mais rápidas. A nível proximal, EHV favorecem estratégias românticas/sexuais de curto-prazo, além do aumento na quantidade de número de filhos, em detrimento da possibilidade de um hipotético e incerto cenário futuro em que haja maior abundância de recursos para investir na prole. Isso beneficia o sucesso reprodutivo dos genitores, dado que se multiplicam as probabilidades de algum dos filhotes chegar até a vida adulta e transmitir os genes herdados de seus cuidadores, mesmo em ambientes imprevisíveis e perigosos (Carvalho, 2018; Ellis *et al.*, 2009; Del Giudice *et al.*, 2009, 2016; Quinlan, 2003, 2007).

Ambientes de maior previsibilidade/disponibilidade de recursos e menor risco de contrair doenças, ou mesmo morrer, permitem prolongamento da vida do organismo. Por sua vez, a percepção de risco extrínseco é menor, e por conseguinte o organismo pode alocar a energia no próprio desenvolvimento e crescimento do corpo, além de aumento no esforço parental. Por sua vez, tais mecanismos podem modular o desenvolvimento de estratégias de vida mais lentas. A nível proximal, EHV lentas (seleção K) favorecem respostas de vínculo sexual/romântico de maior intimidade e duração, concomitante a comportamentos de engajamento no cuidado da prole, em detrimento da quantidade de filhos (Carvalho, 2018; Ellis *et al.*, 2009; Del Giudice *et al.*, 2016; Quinlan, 2007).

Um dos componentes de adversidade ecológica que modulam EHV é a Imprevisibilidade ambiental. Esta pode ser conceituada como uma característica inerente às condições do ambiente, na qual não há necessariamente ausência de disponibilidade dos recursos, mas baixa possibilidade de regulação e antecipação de determinados acontecimentos futuros, como o período ou em quais condições os recursos estarão disponíveis (Hill *et al.*, 1997; Ross & Hill, 2002). Por outro lado, discute-se que os modelos mentais de imprevisibilidade são aspectos cognitivos ligados à precisão da percepção do organismo a respeito de prever acontecimentos futuros nesses contextos (Hill *et al.*, 1997; Ross & Hill, 2002). Atualmente há modelos teórico-metodológicos recentes que visam mensurar as crenças de imprevisibilidade dos indivíduos (e.g. Ross *et al.*, 2016).

Recentemente um dos grandes desafios da literatura sobre EHV tem sido delinear o que são ambientes imprevisíveis, de forma a explicar o desenvolvimento de determinadas EHV. O modelo explicativo da THV tem utilizado mais comumente a operacionalização entre Severidade e Imprevisibilidade (e.g. Belsky *et al.*, 2012). A Severidade é composta pelas taxas de mortalidade e morbidade que estão associadas a elementos que estão fora do controle dos indivíduos (e.g. pandemias, desastres naturais, etc). Por sua vez, a Imprevisibilidade é mensurada por variação na Severidade ao longo do tempo, normalmente associado com variações estocásticas nas condições ambientais. O construto de imprevisibilidade mais replicado na THV (Belsky *et al.*, 2012) tem sido operacionalizado através dos seguintes eventos: mudanças na empregabilidade dos pais, mudanças de residência, além de questões envolvendo divórcio dos cuidadores, e engajamento em novos casamentos (Belsky, *et al.*, 2012; Sung *et al.*, 2016). Mesmo diante de falta de consenso sobre se imprevisibilidade e severidade são um só domínio, ou dimensões separadas, verificamos que frequentemente estes estressores ambientais estão ligados a eventos relacionados às relações interpessoais e vinculação com nossos pares, principalmente quando relacionamos às dimensões de apego (Howat-Rodrigues, 2010; Szepeswol *et al.*, 2021; Ripardo, 2011, 2015).

As dimensões de apego são moduladas por um sistema psicobiológico inato que está relacionado à necessidade de proteção e vinculação com outros indivíduos (Ainsworth *et al.*, 1978; Bowlby, 1980/1998, 1969/2002, 2004). Também pode ser entendido como construto relacionado às representações mentais de relacionamentos interpessoais que a criança constrói nos seus primeiros anos de desenvolvimento (Collins & Read, 1990; Collins & Feeney, 2000; Simpson & Rholes, 2017). São componentes dos modelos cognitivos, psicológicos, comportamentais, e se embasam, principalmente, nos padrões de cuidado que recebem de seus pais (Del Giudice, 2009; Del Giudice *et al.*, 2016; Szepeswol & Simpson, 2019). A Teoria Evolutiva da Socialização (Belsky, 1997) considera a construção dos modelos afetivos de apego em um grande espectro de características fenotípicas, que variam entre traços de Apego Seguro, Inseguro-Evitativo e Inseguro-Ansioso (Belsky, 1997; Szepeswol & Simpson, 2019).

Organismos nos quais predominam estratégias de apego seguro respondem com mais confiança nas relações, maior quantidade e qualidade de afetos positivos, autonomia, maior facilidade para interagir em situações sociais e uma visão predominantemente positiva do mundo. Ambientes mais previsíveis de desenvolvimento e afeto propiciam autonomia, engajamento e preparação da prole ao enfrentamento dos desafios do mundo (Szepeswol, 2021). Um estudo com 1041 adolescentes israelenses (idades 12–16, $M = 14.45$ anos, $DP = 1.16$) investigou a relação entre a imprevisibilidade/severidade na infância e verificou que a imprevisibilidade na infância teve efeito preditor na regulação emocional na adolescência, e que adolescentes mais velhos eram mais propensos a sentir os efeitos de desregulação emocional, se comparados aos mais novos (Szepeswol, 2021). Quando o estudo avaliou 327 adultos americanos (idades 18–87; $M = 38.53$ anos, $DP = 13.18$), verificou a relação da imprevisibilidade/severidade na infância com a regulação emocional e a qualidade de vida na fase adulta. Constataram que, igualmente na amostra de adolescentes, os adultos também tiveram influências da imprevisibilidade infantil nas dificuldades emocionais da vida adulta, mas assim como na adolescência, sendo que o mesmo efeito não foi encontrado para a severidade (Szepeswol, 2021).

Bases teóricas do pensamento evolucionista têm apontado que a consistência e regularidade no cuidado dos pais, e uma rede de suporte de relacionamentos íntimos são fortes fatores para favorecer a seleção de estratégias de apego seguro nos relacionamentos (Belsky, 1991, 1997; Szepeswol & Simpson, 2019). Essa, por sua vez, é importante para o desenvolvimento de habilidades de ajustamento conjugal na vida adulta. Foram utilizadas como medidas de apego a percepção das limitações à expressão da individualidade e aos comportamentos exploratórios, qualidade do laço emocional com figuras parentais de apego, ansiedade de separação e dependência (Consoli *et al.*, 2018).

A THV supõe que ambientes mais imprevisíveis tendem a favorecer a seleção padrões comportamentais mais voltados a características de ansiedade e evitação no apego, às quais estão associadas com traços elevados de afetos negativos, pouca confiança em outras pessoas e dificuldades para vinculação e interação social e afetiva. Há indícios de que o desenvolvimento de padrões de ansiedade e evitação no apego esteja associado com ambientes onde o indivíduo cresce com maior escassez de recursos e menor regularidade e qualidade no que tange o cuidado parental (Belsky, 1991, 1997, 2019), de forma que o indivíduo apresenta mais indicadores de sofrimento psicológico na regulação emocional e relacionamento com outras pessoas. Tais fatores apresentam riscos à saúde mental e física dos indivíduos (Belsky, 1991, 1997; Szepeswol & Simpson, 2019). O apego inseguro pode ser operacionalizado em duas dimensões que representam estratégias específicas, Ansiedade e Evitação.

A dimensão de ansiedade no apego está associada a estratégias que favorecem forte repertório de dependência interpessoal no indivíduo, necessidade de validação constante por seus pares e padrões de baixa autonomia e necessidade de proteção por parte dos seus cuidadores (Szepeswol & Simpson, 2019). Estratégias de ansiedade no apego estão ligadas ao desenvolvimento de crenças a respeito de si mesmo e incerteza sobre seu valor enquanto pessoa, além do investimento de forma mais ativa nas relações, visando criar controle nas situações que podem

provocar abandono por parte de seus pares (Belsky, 1997; Simpson & Rholes, 2017; Szepeswol & Simpson, 2019).

Por outro lado, o predomínio de estratégias de evitação no apego favorecem menor investimento dos organismos em relações interpessoais duradouras, maior necessidade de independência, autonomia e controle das situações. Ambientes imprevisíveis que selecionam estratégias evitativas desfavorecem características interpessoais de criação de laços afetivos e românticos de grande duração, além da esquia de comportamentos ou situações que demandem o estabelecimento de intimidade (Belsky, 1997; Simpson & Rholes, 2017; Szepeswol & Simpson, 2019).

Uma das características relacionadas à formação dos vínculos de apego e qualidade nos relacionamentos românticos é a homossexualidade, que é a propensão ao envolvimento em atividades sexuais com múltiplos parceiros fora de relacionamentos comprometidos e estabelecidos (Shiramizu & Lopes, 2013). Szepeswol e colegas (2017) conduziram um estudo baseado nos dados coletados em um programa longitudinal (*Minnesota Longitudinal Risk and Adaptation, MLSRA*), durante os 23 anos de idade dos participantes. Verificaram que a experiência infantil em lares onde há maior imprevisibilidade de recursos materiais e psicológicos pode estar associada ao desenvolvimento de uma homossexualidade menos restrita na vida adulta, por intermédio da qualidade do vínculo entre pais e filhos, e o apego seguro (Szepeswol *et al.*, 2017). Tal como a homossexualidade, ambientes de imprevisibilidade selecionam EHV rápidas, que propiciam a maturação do organismo para início da vida sexual (Del Giudice, 2009; Ellis *et al.*, 2009). Um estudo longitudinal norte-americano (Sung *et al.*, 2016) investigou uma amostra de mães e filhas. O objetivo foi verificar se a entrada na puberdade feminina é acelerada mediante a exposição a contextos estressores (operacionalizados como severidade – renda familiar; imprevisibilidade – transições paternas, mudanças de residência, empregabilidade dos pais). As filhas foram avaliadas usando o experimento da Situação Estranha (Ainsworth *et al.*, 1978), e foram coletadas informações sobre a

idade de menarca da filha e da mãe, além do peso de nascimento. Durante o processo do estudo longitudinal a construção de vínculos de apego predominantemente seguros com as mães mostrou-se um fator protetivo contra a aceleração da maturação sexual na adolescência (Sung *et al.*, 2016).

O Investimento Parental (IP) é definido como qualquer tipo de comportamento dos pais que aumente a probabilidade de que um filhote sobreviva até sua fase reprodutiva, às custas da habilidade dos pais de investirem em novos descendentes. Tal investimento pode ocorrer desde a produção de gametas, até o ato de proteger, alimentar e cuidar direta ou indiretamente dos filhos (Trivers, 1972). Através do IP pode-se compreender as dinâmicas reprodutivas que organismos machos e fêmeas adotam mediante a pressão seletiva e a disponibilidade de energia e parceiros (Geary, 2005/2016; Tokumaru *et al.*, 2018). Em termos comparativos entre espécies, há variados níveis de cuidado parental à prole, e o ser humano não está excluído desse processo de seleção natural, principalmente por ser um mamífero que compartilha características reprodutivas e comportamentais com outros seres vivos de mesma classe taxonômica (Geary, 2005/2016; Tokumaru *et al.*, 2018).

A herança mamífera do *Homo sapiens sapiens* é caracterizada por gestação interna e amamentação, as quais acarretam custos energéticos extras (Tokumaru *et al.*, 2018). Tal modelo é custoso por conta da elevada extensão do período da infância e desenvolvimento de habilidades cognitivas que auxiliam na captação dos recursos ambientais, necessidade de aprendizagem social de normas socioculturais para vida em sociedade, adiamento da maturação sexual humana em relação a outros primatas, bem como a forte dependência que os filhotes possuem de seus pais nos primeiros anos de vida (Carvalho, 2018). Todos esses elementos podem agir como desencadeadores de *trade-offs*, a depender dos níveis de morbidade e mortalidade extrínseca, além da disponibilidade de recursos ambientais (Ellis *et al.*, 2009; Geary, 2005/2016; Tokumaru *et al.*, 2018).

Um estudo norte-americano (Cabeza de Baca *et al.*, 2016) com amostra de 65 mães e filhos (faixa etária 10–12 anos) investigou se as estratégias reprodutivas maternas influenciavam no

desenvolvimento de crenças de imprevisibilidade em suas crianças. As crenças foram medidas por um instrumento psicométrico que avaliava itens sobre o senso de controle da criança sobre os acontecimentos de sua vida. Além disso, foi avaliado o "caos familiar", na qual tinham questões sobre a estabilidade das rotinas da casa. O esforço reprodutivo materno foi medido através do número de filhos com parceiros diferentes, número de namorados desde o nascimento dos filhos, enquanto o esforço parental foi medido por itens que refletem o convívio amigável com a criança, tais como ter conversas amigáveis com a criança e perguntar como foi o dia dela depois que chegou da escola. Dentro das medidas de esforço parental materno foi avaliada a satisfação da criança na relação com a mãe, com perguntas relacionadas a vivências cotidianas, tais como se a mãe dá presentes, e faz companhia o quanto pode. Os resultados indicam que quando os dilemas de alocação energética nas mães pendem para reprodução em detrimento da parentalidade, acabam por exercer forte impacto para que seus filhos desenvolvam modelos de crenças de imprevisibilidade (Cabeza de Baca *et al.*, 2016).

Um estudo longitudinal dos EUA (Hampson *et al.*, 2016), realizado com pais e filhos, discute evidências de que ambientes com forte presença de severidade ambiental estão associados a menor investimento parental (medido pela frequência de monitoramento/supervisão dos filhos, inconsistência na disciplina e parentalidade positiva), o que pode influenciar os filhos a adotarem EHV rápidas (medidas por crenças sobre o uso de substâncias químicas psicoativas, frequência de envolvimento em comportamentos de risco, orientação decisória a curto prazo) e ter menor ajustamento à realidade, medido por instrumentos de autorrelato sobre a satisfação com a vida e com a saúde, sociabilidade e recorrência de sintomas depressivos. A severidade foi mensurada por um indicador do censo de 2000, contendo dados sobre os percentis de desemprego masculino, mudanças residenciais na infância, abandono do Ensino Médio, quantidade de residências vagas para moradia. Também foi medida por um instrumento psicométrico com itens sobre como os pais se sentem sobre sua vizinhança, sobre a frequência de crimes na vizinhança, e para avaliar a pobreza familiar avaliaram se a criança participava de programas sociais de acesso a alimentação na escola.

Os resultados indicaram que ambientes de severidade na infância modulam indiretamente as variáveis de ajustamento na vida adulta, por meio da adoção de EHV rápidas no fim da adolescência e início da vida adulta (Hampson *et al.*, 2016).

Outros estudo longitudinal norte-americano (Szepeswol & Griskevicius, 2015) levantou a hipótese de que pais que vivenciaram contextos de imprevisibilidade e severidade (ambos operacionalizados como Belsky *et al.*, 2012) nos primeiros quatro anos da infância, independente do sexo, tendem a investir pouco em suas proles e desenvolvem estratégias de apego inseguro. Os participantes foram avaliados desde seu nascimento até os 32 anos de idade. No trigésimo segundo ano de vida foi aplicada etapa observacional com esses participantes – agora na condição de pais –, e seus atuais filhos, para avaliar a interação parental enquanto as crianças executavam uma tarefa de resolução de desafios e eram expostas a níveis de dificuldade que aumentavam gradualmente. Houve diferença entre sexos quando em função da imprevisibilidade ambiental: os homens que enfrentaram ambientes imprevisíveis (*e.g.* empregabilidade dos pais, mudanças de residência, transições paternas) na infância foram mais propensos a adotar práticas de cuidado caracterizadas por menor suporte aos seus filhos (*e.g.* menor conexão emocional com a criança, menor envolvimento e compromisso na parentalidade, maior parentalidade hostil com os filhos) durante o procedimento. Homens expostos a contextos adversos na infância tiveram menores índices de orientação parental positiva. Dessa forma, a ausência do cuidado parental ou a pouca frequência desse tipo de investimento nos primeiros anos podem influenciar o desenvolvimento de estratégias apego inseguro (Szepeswol & Griskevicius, 2015). Contudo, investigações com 109 tríades de famílias pai-mãe-filho em Israel (Szepeswol, 2020) trazem indícios de que as mulheres com histórico de imprevisibilidade infantil tiveram maior tendência que os homens a apresentar dificuldades em compartilhar o cuidado da criança com seu parceiro, bem como na demonstração de suporte ao investimento paterno.

Nessa direção, conclui-se que o cuidado dos pais, enquanto fator de imprevisibilidade, pode ser importante para a estabilidade no desenvolvimento dos traços de personalidade e a carreira reprodutiva ao longo da vida de seus filhos (Lukaszewski, 2015), elementos-chave para o desenvolvimento do organismo. Há, porém, alguns fatores limitantes nos estudos sobre a relação entre imprevisibilidade na infância, dimensões de apego e/ou parentalidade, como dados coletados que são provenientes de populações de países desenvolvidos (e.g. Barbaro & Shackelford, 2016; Cabeza de Baca *et al.*, 2016, 2017; Szepeswol *et al.*, 2017), ou dados retirados de estudos transversais ou longitudinais de curta duração (Belsky, 1997). Isso pode acarretar problemas de validação e generalização de determinadas hipóteses, uma vez que tais dados foram retirados de amostras com recortes temporais, econômicos, geográficos, e culturais específicos (Henrich *et al.*, 2010; Schulz *et al.*, 2018). Assim, pretendemos realizar um estudo considerando as particularidades que podem advir da amostra de brasileiros, permitindo realizar análises comparativas e avaliar melhor as relações entre imprevisibilidade na infância, dimensões de apego e parentalidade dentro da LHT. Além disso, são inexistentes os estudos dentro da THV que avaliam diretamente a relação entre a imprevisibilidade na infância, as crenças de imprevisibilidade, dimensões de apego e investimento parental, dentro da forma que operacionalizamos.

Em suma, a literatura revisada até o momento demonstra que há: 1) evidências de que a exposição à ambientes adversos durante a infância impacta o desenvolvimento do organismo (Belsky *et al.*, 2012; Del Giudice, 2009; Ellis, 2009; Kolak *et al.*, 2018); 2) ausência de consenso sobre o que são considerados contextos adversos (Afifi *et al.*, 2017, 2019, 2020; Belsky *et al.*, 2012; Hampson *et al.*, 2016; Hartman *et al.*, 2018, Sung *et al.*, 2016); 3) alguma evidência de relação entre imprevisibilidade ambiental e dimensões de apego (Barbaro & Shackelford, 2016; Del Giudice, 2009; French *et al.*, 2020; Szepeswol *et al.*, 2017; Szepeswol & Simpson, 2017); 4) alguma evidência de relação entre imprevisibilidade ambiental e investimento parental (Szepeswol, 2020; Szepeswol *et al.*, 2020); 5) alguma evidência de relação entre imprevisibilidade na infância e crenças de imprevisibilidade (Hill & Ross, 1997; Ross *et al.*, 2022; Ross & Hill, 2002; Ross, Hood & Short, 2016);

6) poucos estudos associando diretamente as crenças de imprevisibilidade com os dimensões de apego e o investimento parental (Cabeza de Baca *et al.*, 2016); 7) concentração de participantes de países desenvolvidos nos estudos disponíveis (Henrich *et al.*, 2010; Schulz *et al.*, 2018). Desta forma, nosso objetivo neste trabalho foi avaliar a possível ocorrência de relações entre a exposição a contextos de imprevisibilidade ambientais durante a infância, as crenças de imprevisibilidade, dimensões de apego e o investimento parental apresentados durante a vida adulta, em uma amostra de pais e mães brasileiros.

Objetivos

Objetivo geral

Investigar a relação entre a exposição a contextos de imprevisibilidade na infância do participante, a formação de suas crenças de imprevisibilidade, seu estilo de apego e a variação nos níveis de investimento parental que o participante adota na vida adulta.

Objetivos específicos

1. Avaliar a imprevisibilidade familiar na infância de uma amostra de pais e mães brasileiros.
2. Mensurar as atuais crenças sobre imprevisibilidade em uma amostra de pais e mães brasileiros.
3. Descrever dimensões de apego dos pais e mães brasileiros.
4. Medir o nível de investimento parental exibido pelos pais e mães brasileiros.
5. Analisar possíveis relações entre a imprevisibilidade familiar na infância, crenças de imprevisibilidade, dimensões de apego e o investimento parental.

Hipóteses

- **H1:** Ambientes de imprevisibilidade na infância são preditores de crenças de imprevisibilidade na vida adulta.
- **H2:** Ambientes de imprevisibilidade na infância são preditores das dimensões de ansiedade e evitação no apego.
- **H3:** Ambientes de imprevisibilidade na infância são preditores da diminuição do investimento parental na vida adulta.
- **H4:** As crenças de imprevisibilidade são preditoras da diminuição de investimento parental na vida adulta.
- **H5:** As dimensões de ansiedade e evitação no apego são preditoras da diminuição do investimento parental na vida adulta.

Metodologia

Participantes

Os critérios para inclusão dos participantes na amostra foram: serem pais e mães brasileiros, com idade maior ou igual 18 anos, e que concordassem em participar voluntariamente da pesquisa por meio da concordância com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Os participantes foram convidados através das redes sociais institucionais e/ou pessoais, *e-mail*, além de aplicativos móveis de mensagens para participar, de maneira online e remota. Na abordagem via redes sociais institucionais as Instituições de Ensino Superior enviaram para o corpo discente, docente e técnico administrativo, o convite para participação na pesquisa via serviço de *mailing*, contendo a descrição dos objetivos do estudo, pré-requisitos e *link* de acesso para o formulário onde está hospedado o *survey*. Nos contatos via redes sociais pessoais, e-mail e/ou aplicativos móveis de mensagens, utilizou-se a forma virtual da técnica Bola de Neve, em que o pesquisador se apresentava e contactava o participante, identificando sua vinculação com o Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Instituição de Ensino Superior e explicava o motivo do contato. Em caso de interesse no convite, elucidamos a proposta da pesquisa junto de um *link* para acesso ao questionário eletrônico, contendo informações sobre a pesquisa, e um pedido de compartilhamento com pessoas que estivessem de acordo com o perfil da pesquisa (Costa, 2018).

Procedimentos de coleta

O tipo de seleção amostral adotado foi de amostragem por conveniência, dadas as dificuldades de acessar participantes pessoalmente por conta da crise sanitária mundial causada pelo vírus Sars-Cov-2, e a adoção do modelo remoto como principal interação de trabalho na pandemia da Covid-19. A amostragem por conveniência também está ligada à própria técnica Bola de Neve, que por sua natureza envolve indicação de outros participantes de maneira não-sistemática.

Instrumentos

O questionário foi publicado em formato de survey na plataforma *LymeSurvey*, vinculado ao sistema Enquetes Ufes. Foram solicitadas informações sociodemográficas (e.g. sexo, idade, renda familiar, escolaridade, raça/cor, data e local de nascimento) para caracterização da amostra.

Imprevisibilidade familiar na infância

Para avaliar a imprevisibilidade de recursos durante a infância utilizamos a *Scale of Family Unpredictability During Childhood* (Howat-Rodrigues & Tokumaru, 2014). A primeira parte possui duas perguntas de caráter qualitativo, uma sobre a idade que o participante se lembra quando fala sobre sua infância e outra sobre quem cuidava do participante durante a infância. A segunda metade do instrumento é constituída por 18 itens que avaliam três dimensões de imprevisibilidade familiar durante a infância: Imprevisibilidade de Cuidado/Apoio ($\alpha = .93$), Imprevisibilidade de Recursos Financeiros ($\alpha = .84$) e Imprevisibilidade de Alimentação ($\alpha = .83$). Todos os coeficientes de Alfa de Cronbach foram satisfatórios na amostra estudada. A estrutura de resposta é de uma escala do tipo Likert de cinco pontos (1 = Discordo Totalmente a 5 = Concordo Totalmente) [ANEXO B, Infância I, questões 01 a 18].

A imprevisibilidade na infância foi ainda avaliada usando-se a operacionalização do constructo *early-life unpredictability* de Szepeswol (2020). São avaliadas a exposição a três tipos de eventos: (a) mudanças de emprego dos pais (e.g. períodos de desemprego), (b) mudanças de residência, e (c) mudanças na estrutura da família (e.g. separação dos pais). Os participantes indicaram se eles experimentaram cada um dos eventos nos primeiros 8 anos de suas vidas e o quanto estes tiveram um impacto negativo em uma escala de 1 (nada) a 5 (extremamente), com o ponto 0 (não ocorreu). As questões foram traduzidas para o português e aplicadas usando-se a mesma escala de resposta original de cinco pontos. O cálculo dos escores individuais é feito

somando-se os pontos em cada resposta. Nossa amostra obteve índices de confiabilidade medianos ($\alpha = .64$) [ANEXO B, Dados Socioeconômicos I, questões 18 a 25].

Condições socioeconômicas na infância

As condições socioeconômicas na infância do participante foram avaliadas usando-se a operacionalização do construto Severidade (*early-life harshness*) de Szepeswol (2020). É composto por quatro itens que avaliam a percepção dos participantes sobre condições financeiras durante a infância. Os participantes apontam em uma escala de sete pontos o quanto concordam com cada afirmação. As respostas aos quatro itens são somadas para calcular o escore de severidade para cada participante, sendo que quanto maior o escore, maior a severidade na infância. As questões foram traduzidas para o português e aplicadas usando-se a mesma escala de resposta original de sete pontos. Obtivemos bons indicadores de confiabilidade para amostra estudada ($\alpha = .82$) [ANEXO B, Dados Socioeconômicos II, questões 26 a 29].

Imprevisibilidade na vida adulta

Avaliamos as crenças dos indivíduos sobre as condições de imprevisibilidade em sua vida atual através da *Scale of Unpredictability Beliefs – SUB* (Ross, Short, & Garofano, 2016). Composta por 16 itens distribuídos em três fatores que avaliam as crenças de imprevisibilidade sobre o próprio comportamento (Si Mesmo), sobre o comportamento das Pessoas e sobre o comportamento do mundo ao seu redor (do Mundo). A estrutura de resposta é constituída de escala do tipo Likert de seis pontos (1 = Discordo Fortemente a 6 = Concordo Fortemente). Todos os fatores apresentaram coeficientes Alfa de Cronbach satisfatórios no estudo de validação com população estadunidense. Utilizamos como base estudo preliminar de validação da medida com amostra brasileira, realizado por Carvalho (2018), tendo em sua forma final uma escala de 16 itens com mesma estrutura fatorial que o estudo original. O estudo final da validação está em preparação (Shiramizu, Carvalho, & Lopes, comunicação pessoal). Nossos Alfa de Cronbach para as dimensões Si Mesmo, Pessoas e Mundo

foram, respectivamente .80 (Si Mesmo), .80 (Pessoas) e .87 (Mundo) [ANEXO B, Percepção de Mundo I].

Condições socioeconômicas na vida adulta

Para avaliar o poder de consumo atual foi utilizado o Critério de Classificação Econômica Brasil 2020 (Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa [ABEP], 2021; Kamakura & Mazzon, 2016). Sua pontuação varia de zero a 100 pontos, e mediante o escore obtido pelo participante, ele é categorizado em classes econômicas que vão de A até D. Optamos por utilizar os escores de classe econômica na forma de variáveis contínuas (0-100), ao invés de nominais (classes A até D) [ANEXO B, Dados Sociodemográficos, questões 14 a 17].

Apego na vida adulta

De forma a avaliar a percepção do respondente acerca das dimensões de apego em suas relações amorosas, utilizamos a *Experiences in Close Relationship Scale* (ECR-Brasil; Shiramizu *et al.*, 2013), composta pelas dimensões Ansiedade e Evitação, e que está organizada em 36 itens distribuídos igualmente para cada fator. A estrutura de resposta é de uma escala do tipo Likert de 7 pontos (1 = Discordo totalmente a 7 = Concordo totalmente, sendo 4 = Neutro). Os Alfa de Cronbach da nossa amostra foram .91 e .89 nas dimensões Ansiedade e Evitação, respectivamente [ANEXO B, Relacionamentos I].

Investimento parental na vida adulta

Para mensurar a frequência com a qual os pais se envolveram em atividades de cuidado com seu(sua) filho(a) mais novo(a), utilizamos a *Escala de Investimento Parental – EIP* (Silva, 2015). Nela são avaliadas três dimensões: Cuidado e Afeto ($\alpha = .86$), Convívio ($\alpha = .84$) e Valores ($\alpha = .85$), divididas em 63 itens. A estrutura de resposta é constituída por escala do tipo Likert de cinco pontos

(1 = nunca a 5 = sempre). Também possui o ponto 0 = não se aplica. Todos os coeficientes Alfa de Cronbach foram satisfatórios [ANEXO B, Filhos III].

O questionário foi composto por vários instrumentos que não foram analisados na presente pesquisa, e era composto por um número maior de questões e construtos. Por fazer parte de uma pesquisa maior, decidimos fazer um recorte metodológico dos instrumentos que se adequaram aos objetivos iniciais.

Procedimentos de análise

Para tratamento preliminar dos dados, e realização do teste *t* de Student, foi utilizado o software estatístico *IBM® SPSS Statistics versão 26.0* (IBM Corp., 2019). Inicialmente realizou-se caracterização sociodemográfica por estatística descritiva (média e desvio-padrão). Para análises inferenciais multivariadas de correlação bivariada, análises de variância (ANOVA) e regressões lineares múltiplas foi utilizado o *JASP versão 0.14.1.0* (JASP Team, 2020). Inicialmente verificamos a normalidade dos dados, a partir dos testes Kolmogorov-Smirnov e Shapiro-Wilk. Verificou-se ausência de normalidade na distribuição, e por isso necessitamos recorrer a procedimentos estatísticos não-paramétricos.

Calculamos a correlação bivariada para verificar as associações entre variáveis escalares sociodemográficas (*e.g.* renda, escore ABEP, número de filhos) com os construtos Imprevisibilidade (Szepsenwol, 2020), Severidade (Szepsenwol, 2020) e os instrumentos EIFI, SUB, ECR, EIP. Elegeu-se como mais apropriada a técnica de correlação de Rho de Spearman (ρ), indicada quando a distribuição dos dados não é normal e favorece análises baseadas em números amostrais reduzidos (Myers & Sirois, 2006; Xu *et al.*, 2013). Resultados foram considerados significativos quando $p < .05$. Para interpretar os coeficientes de correlação utilizamos os pontos de corte derivados de Cohen (1988, 1992): Nula (.00), Fraca (.10 – .39), Moderada (.40 – .70), Forte (.70 – .80), Muito Forte (.80 – .99) e Perfeita (1.00). Para comparação inter-grupos, recorreremos ao procedimento de *one-way* ANOVA não paramétrico, realizado para avaliar a diferença de variância entre variáveis

escalares/ordinais dos instrumentos psicométricos EIFI, SUB, ECR, EIP entre os níveis das variáveis sociodemográficas nominais politômicas dos participantes (e.g. raça/cor, estado civil, escolaridade). A função da ANOVA é realizar comparações das médias entre dois grupos ou mais, sendo uma opção elegível para distribuições amostrais com ausência de normalidade e com alternativas não-paramétricas para o teste-*t* de amostras independentes (Ross & Willson, 2017).

Dentro das ANOVA calculamos o valor de Kruskal-Wallis para variáveis ordinais/escalares (e.g. idade, renda) junto do *post-hoc* de Bonferroni, quando o modelo foi significativo ($p < .05$). A correção de Bonferroni é importante quando há diversas variáveis dependentes ou independentes sendo testadas, auxiliando no ajuste da medida e redução de erros tipo I, isto é, atribuir uma inferência falso-positiva quando não houve efeito significativo (Napierala, 2012). Tamanhos de efeito foram analisados com o estimador ômega-quadrado (ω^2), considerado um índice de ajuste com resultados mais confiáveis e menos enviesados (Yigit & Mendes, 2018). Resultados de ω^2 são classificados em diferentes magnitudes: pequeno (.01), médio (.06) e grande (.14), conforme proposto por Goss-Sampson (2020).

Em relação a variáveis nominais dicotômicas (e.g. sexo, estar em um relacionamento ou não) foi realizado o teste *t* de Student para amostras independentes, com procedimentos de *bootstrapping* (1000 re-amostragens; 95% IC BCa) para se obter maior confiabilidade dos resultados, corrigir desvios de normalidade da distribuição da amostra e diferenças entre os tamanhos dos grupos. Este procedimento permite o uso do teste *t* para dados não paramétricos. O pressuposto de homogeneidade da variância foi avaliado por meio do teste de Levene, e foram considerados resultados no intervalo de confiança de 95% para as diferenças entre as médias (Haukoos & Lewis, 2005). Calculamos o *d* de Cohen, classificando a magnitude de efeito da seguinte forma: irrisório (≥ 0.20 e $< .20$), pequeno ($\geq .21$ e $< .39$), médio ($\geq .40$ e $< .79$), alto ($\geq .80$).

As análises de correlações foram utilizadas como base para testarmos as hipóteses delineadas nesta pesquisa. Hipotetizamos que a imprevisibilidade familiar na infância seria preditora

das dimensões de apego, das crenças de imprevisibilidade e do investimento parental na vida adulta. Portanto, testamos vários modelos em análises de regressão utilizando as dimensões da EIFI e as dimensões de imprevisibilidade e severidade na infância propostas por Szepeswol (2020) como preditores e as dimensões de apego inseguro, das crenças de imprevisibilidade e do investimento parental como variáveis de desfecho. Testamos também as hipóteses de que o apego inseguro e as crenças de imprevisibilidade seriam preditoras do IP utilizando modelos de regressão linear múltipla. O objetivo ao conduzir uma análise de regressão linear é estimar a confiabilidade dos parâmetros do modelo proposto, utilizando-os para testar hipóteses sobre os processos de interação das variáveis independentes e dependentes, isto é, quais antecedentes que devem ser usados e quais devem ser ignorados ao tentar explicar o efeito na variável consequente (Hayes, 2018). Utilizamos o método Inserir (*Enter*) para abordar a modelagem dos dados, que é o mais indicado para testar hipóteses, uma vez que o pesquisador testa manualmente e ajusta os modelos preditivos a partir das variáveis, retirando e/ou incluindo uma a uma (Moreira *et al.*, 2020). Calculamos a significância das ANOVA, sendo necessário $p \leq .05$ para validar a hipótese de que há efeito preditivo das VIs na VD. Também avaliamos o coeficiente de determinação (R^2), necessário para análise de ajuste do modelo adotado. O R^2 indica em que proporção a variabilidade da VD pode ser explicada pelas VIs. Em escala de 0 a 1, quanto mais próximo do valor um é o R^2 , isso indica que o modelo explica toda a variabilidade dos dados de desfecho ao redor de sua média, e quanto mais próximo a zero, sinaliza que o modelo não explica a variabilidade dos dados de desfecho ao redor de sua média (Moreira *et al.*, 2020).

Procedimentos éticos

A presente pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, nº 51811621.4.0000.5542, e obedeceu a critérios técnicos e instruções do Ofício Circular Nº 2/2021/CONEP/SECNS/MS (Comissão Nacional de Ética em Pesquisa, 2021), por ser realizada em ambiente virtual. Entre eles foi a garantido ao participante que todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais, e por isso serão mantidas em sigilo absoluto. Além disso, foi

garantido que em momento algum os pesquisadores terão acesso a dados que possam identificar ou permitir invasão da privacidade dos respondentes.

Resultados

Perfil da amostra

Acessaram o *survey* 1286 participantes. Desses, 704 participantes só acessaram e/ou responderam parte do questionário, mas não terminaram. Nossa amostra válida foi de 582 respondentes, com idades entre 22 e 77 anos ($M = 42.57$; $DP = 10.29$), predominantemente dos estados brasileiros ES ($n = 220$; $f = 37.8\%$), MG ($n = 67$; $f = 11.5\%$), RS ($n = 44$; $f = 7.6\%$), SC ($n = 48$; $f = 8.2\%$) e BA ($n = 36$; $f = 6.2\%$). A maioria dos participantes são do sexo feminino, com alto grau de escolaridade, de raça/cor branca, e casados ou em regime de união estável. Os participantes concentraram-se em sua maioria na faixa de renda acima de 12 salários-mínimos. Demais informações sociodemográficas podem ser encontradas na Tabela 1.

A imprevisibilidade na amostra estudada

Para responder aos objetivos específicos 1 e 2 descreveremos nesta seção os resultados sobre a percepção e crenças de imprevisibilidade da amostra estudada. Avaliamos a imprevisibilidade de formas diferentes, através da EIFI, da SUB e das escalas de Imprevisibilidade/Severidade criadas por Szepeswol (2020). Descreveremos os resultados considerando cada um dos instrumentos utilizados e a fase da vida a qual se refere (infância ou vida adulta).

Imprevisibilidade na Infância

Considerando que o escore médio na Escala de Imprevisibilidade familiar na infância (EIFI) poderia variar entre um e cinco, a amostra, em geral, apresentou baixos escores de imprevisibilidade (Tabela 2), seja nos fatores Cuidado e Apoio ($M = 1.91$; $DP = 1.01$), Recursos Financeiros ($M = 2.51$; $DP = 1.17$) e Alimentação ($M = 1.80$; $DP = .90$). Houve correlação positiva e significativa entre as três dimensões de imprevisibilidade (Tabela 3).

A Imprevisibilidade de Cuidado e Apoio (EIFI) apresentou diferenças estatisticamente significativas entre as raças/cor ($H = 10.48$; $gl = 2$; $p < .01$) e estados civis ($H = 18.44$; $gl = 3$; $p < .001$). Quanto à raça/cor, participantes autodeclarados Pardos ($M = 2.12$; $DP = 1.09$) apresentaram maior imprevisibilidade de cuidado e apoio, seguido por aqueles autodeclarados Pretos ($M = 1.94$; $DP = .95$) e Brancos ($M = 1.82$; $DP = .99$). O teste de *post-hoc* mostrou diferenças significativas entre Pardos e Brancos ($p < .01$), mas com tamanho de efeito baixo ($\omega^2 = .01$). Para o Estado Civil os Divorciados(as) ($M = 2.51$; $DP = 1.10$) apresentaram maior imprevisibilidade, seguidos pelos Solteiros(as) ($M = 2.30$; $DP = 1.12$), Viúvos(as) ($M = 1.88$; $DP = .65$) e Casados(as)/União Estável ($M = 1.82$; $DP = .97$), com a menor imprevisibilidade de cuidado e apoio na infância. Mediante o *post-hoc* as únicas diferenças significativas foram entre Solteiros(as) e Casados(as)/União Estável ($p < .01$). O tamanho de efeito foi considerado baixo ($\omega^2 = .02$). Pessoas que estão em um relacionamento amoroso tiveram significativamente menor imprevisibilidade de cuidado e apoio na infância ($M = 1.86$; $DP = .99$) que pessoas que não estão em um relacionamento amoroso ($M = 2.17$; $DP = 1.05$) ($t(580) = -2.83$; $p < .01$). Entretanto, o tamanho do efeito foi pequeno ($d = .31$). A imprevisibilidade de cuidado e apoio (Tabela 4) apresentou correlação negativa significativa com a renda atual ($\rho = -.09$; $p < .05$), classificação socioeconômica da ABEP ($\rho = -.16$; $p < .001$) e a quantidade de filhos ($\rho = -.12$; $p < .01$).

Encontramos diferenças significativas na imprevisibilidade de recursos financeiros na infância dos participantes em relação a Escolaridade ($H = 8.63$; $gl = 3$; $p < .05$) e Raça/Cor ($H = 46.78$; $gl = 2$; $p < .001$). O grupo que concluiu Ginásio/Fundamental II apresentou o maior escore ($M = 2.77$; $DP = 1.27$) em imprevisibilidade financeira na infância, seguidos pelos grupos que concluíram Colegial/Ensino Médio ($M = 2.77$; $DP = 1.27$), Ensino Superior ($M = 2.75$; $DP = 1.15$) e Pós-Graduação ($M = 2.43$; $DP = 1.16$). O teste *post-hoc* indicou que não houve diferenças entre as comparações pareadas. O tamanho de efeito para escolaridade foi baixo ($\omega^2 = .01$). Para a variável Raça/Cor, os testes de *post-hoc* mostraram que os autodeclarados Pretos ($M = 3.25$, $DP = 1.27$) e Pardos ($M =$

2.90, $DP = 1.71$) apresentaram imprevisibilidade financeira na infância significativamente maior que os Brancos ($M = 2.27$, $DP = 1.08$) com tamanho de efeito mediano. ($\omega^2 = .08$) e que Pretos e Pardos não diferiram significativamente entre si. A imprevisibilidade de recursos financeiros na infância (Tabela 4) apresentou correlação negativa significativa com a renda atual ($\rho = -.20$; $p < .001$) e o critério de classificação socioeconômica ($\rho = -.22$; $p < .001$). Os tamanhos de efeito, contudo, são considerados muito fracos para todas as dimensões.

A Imprevisibilidade de Alimentação na Infância (EIFI) variou significativamente com a Escolaridade ($H = 14.06$; $gl = 3$; $p < .01$), o Estado Civil ($H = 9.87$; $gl = 3$; $p < .05$) e a Raça/cor ($H = 17.67$; $gl = 2$; $p < .001$). Verificamos que a respondentes de escolaridade Ginásio/Fundamental II apresentaram os maiores níveis de imprevisibilidade alimentar na infância ($M = 3.70$; $DP = 1.27$), seguidos pelo público do Ensino Superior ($M = 2.06$; $DP = 1.01$), Colegial/Ensino Médio ($M = 1.84$; $DP = .98$) e por último a Pós-Graduação ($M = 1.73$; $DP = .84$). No *post-hoc* o grupo Ginásio/Fundamental II apresentou diferenças significativas com o grupo Colegial/Ensino Médio ($p < .05$) e a Pós-Graduação ($p < .05$), e diferenças significativas entre o Ensino Superior e a Pós-Graduação ($p < .01$). O tamanho de efeito para as comparações foi baixo ($\omega^2 = .03$). Para o Estado Civil, Solteiros apresentaram os maiores níveis de imprevisibilidade alimentar na infância ($M = 2.09$; $DP = 1.01$) se comparados aos grupos Casados/União Estável ($M = 1.76$; $DP = .87$), Divorciados ($M = 1.74$; $DP = .92$) e Viúvos ($M = 1.47$; $DP = .47$). No *post-hoc* obtivemos diferenças significativas entre Solteiros e Casados ($p < .05$), mas com baixa magnitude ($\omega^2 = .01$). A respeito das diferenças dos grupos raciais na experiência de imprevisibilidade alimentar na infância, a população autodeclarada Preta apresentou os maiores níveis ($M = 2.15$; $DP = 1.16$), seguidos pelos autodeclarados Pardos ($M = 2$; $DP = .99$) e Brancos ($M = 1.67$; $DP = .80$). No *post-hoc* verificamos diferenças significativas entre Pardos e Brancos ($p < .001$), e Pretos e Brancos ($p < .01$), com baixa magnitude ($\omega^2 = .03$). Pardos e Pretos não diferiram significativamente entre si. A imprevisibilidade de alimentação na infância do

participante (Tabela 4) apresentou correlação negativa significativa com a renda atual ($\rho = -.10$; $p < .05$) e com o critério de classificação da ABEP ($\rho = -.17$; $p < .001$).

Quanto à Imprevisibilidade na Infância medida de acordo com o constructo proposto por Szepsenwol (2020), os participantes apresentaram uma imprevisibilidade baixa ($M = 4.73$; $DP = 4.64$), considerando que o escore de pontuação estava entre zero e 28. Encontramos diferenças significativas em relação ao Estado Civil ($H = 19.59$; $gl = 3$; $p < .001$) e Raça/Cor ($H = 25.26$; $gl = 2$; $p < .001$). Para o Estado Civil os Solteiros ($M = 6.54$; $DP = 4.67$) apresentaram maior imprevisibilidade na infância que os Casados/União Estável ($M = 4.58$; $DP = 4.63$) e que os Divorciados ($M = 4.04$; $DP = 4.41$), mas o tamanho de efeito foi baixo ($\omega^2 = .01$). Nos grupos raciais, os autodeclarados Pretos ($M = 7.12$; $DP = 6.29$) apresentaram significativamente mais imprevisibilidade que os autodeclarados Brancos ($M = 4.01$; $DP = 4.06$), e não diferiram significativamente dos Pardos ($M = 5.95$; $DP = 4.95$). Estes apresentaram significativamente mais imprevisibilidade que os Brancos. O tamanho de efeito foi baixo ($\omega^2 = .05$). A Imprevisibilidade na infância (Tabela 4) avaliada como proposto por Szepsenwol (2020) apresentou correlações significativas negativas com a renda atual ($\rho = -.14$, $p < .001$), classificação socioeconômica da ABEP ($\rho = -.17$; $p < .001$) e quantidade de filhos atualmente ($\rho = -.12$; $p < .01$). A magnitude dos efeitos foi baixa.

Quanto à Severidade na infância, medida de acordo com o construto proposto por Szepsenwol (2020), os participantes apresentaram níveis intermediários ($M = 19.09$; $DP = 6.22$), considerando que o escore variava de zero a 28. A Severidade na Infância variou significativamente com a Escolaridade ($H = 12.67$; $gl = 3$; $p < .01$) e Raça/cor ($H = 45.67$; $gl = 2$; $p < .001$). Os participantes que concluíram o Ginásio/Fundamental II ($M = 21.50$; $DP = 9.19$) apresentaram o maior escore em Severidade na Infância, seguidos por aqueles que concluíram o Colegial/Ensino Médio ($M = 21.27$; $DP = 5.36$), o Ensino Superior ($M = 20.43$; $DP = 6.11$) e a Pós-Graduação ($M = 18.62$; $DP = 6.23$), que apresentaram o menor escore em Severidade na Infância. Não houve diferenças significativas entre os grupos nos testes *post-hoc* e o tamanho de efeito foi baixo ($\omega^2 = .01$). Na

Raça/Cor, os autodeclarados Brancos ($M = 17.86$, $DP = 6.10$) apresentaram significativamente menor Severidade na Infância que Pardos ($M = 21.29$; $DP = 5.73$) e Pretos ($M = 22.02$; $DP = 6.36$), com magnitude de efeito mediana ($\omega^2 = .07$). A Severidade (Tabela 4), avaliada de acordo com a medida proposta por Szepsenwol (2020), apresentou correlações significativas inversas com a renda atual ($\rho = -.19$; $p < .001$) e classificação socioeconômica da ABEP ($\rho = -.25$; $p < .001$). Mas magnitude do efeito foi muito baixa.

Considerando as diferentes formas de avaliação da imprevisibilidade e severidade na infância, houve correlação significativa e positiva entre as dimensões dos diferentes instrumentos (Tabela 3). Em geral, as correlações foram fracas ou moderadas, com exceção da correlação entre a imprevisibilidade financeira e a severidade, que foi alta. Estes resultados podem indicar possível convergência entre os construtos.

Imprevisibilidade na vida adulta

Avaliamos as crenças de imprevisibilidade que as pessoas apresentam em relação a si mesmas, às outras pessoas e ao mundo. Os participantes apresentaram mais crenças de imprevisibilidade em relação ao Mundo ($M = 4.63$; $DP = 1.09$), seguida de crenças de imprevisibilidade quanto ao comportamento de outras Pessoas ($M = 3.73$; $DP = 1.07$) e quanto a Si Mesmo ($M = 2.52$; $DP = 1.01$, Tabela 2). Houve correlação significativa e positiva entre as três dimensões da escala (Tabela 3). As crenças de imprevisibilidade quanto ao próprio comportamento (dimensão Si Mesmo) variaram significativamente com a Escolaridade ($H = 14.37$; $gI = 3$; $p < .01$) e o Estado Civil ($H = 29.47$; $gI = 2$; $p < .001$). A escolaridade apresentou diferença significativa sobre a percepção atual de crenças de imprevisibilidade sobre si mesmo. Pessoas que concluíram a Pós-Graduação ($M = 2.43$; $DP = .97$) apresentaram menos crenças de imprevisibilidade sobre si mesmo que pessoas que concluíram Ensino Superior ($M = 2.78$; $DP = 1.14$) e o Colegial/Ensino Médio ($M = 2.91$; $DP = .98$). A magnitude dos efeitos foi baixa ($\omega^2 = .02$). Para o Estado Civil os Casados/União Estável ($M = 2.42$; $DP = .96$) e os Divorciados ($M = 2.56$; $DP = .89$) apresentaram significativamente

menos crenças de imprevisibilidade sobre si mesmo que os Solteiros ($M = 3.21$; $DP = 1.15$). O tamanho de efeito foi mediano ($\omega^2 = .06$). No teste t para amostras independentes verificamos que pessoas que não estão em um relacionamento apresentaram maiores indicadores de crenças de imprevisibilidade sobre Si Mesmo ($M = 2.70$; $DP = 1.09$) em relação às que estão em um ($M = 2.48$; $DP = .99$; $t(580) = -1.98$; $p < .05$). A magnitude da diferença entre os dois grupos foi pequena ($d = .22$). Encontramos correlação significativa e negativa entre as crenças de imprevisibilidade sobre Si Mesmo e as variáveis renda ($\rho = -.21$, $p < .001$), classificação socioeconômica da ABEP ($\rho = -.27$; $p < .001$) e número de filhos ($\rho = -.10$, $p < .001$).

As crenças de imprevisibilidade nas outras Pessoas também variaram significativamente com o Estado Civil ($H = 19.48$; $gl = 3$; $p < .001$) e Raça/Cor ($H = 12.84$; $gl = 2$; $p < .01$). Os testes *post-hoc* indicaram que os Casados/União Estável ($M = 3.68$; $DP = 1.05$) não se diferenciaram significativamente dos Divorciados ($M = 3.91$; $DP = 1.08$), mas apresentaram significativamente menos crenças de imprevisibilidade nas pessoas que os Solteiros ($M = 4.04$; $DP = 1.04$). O tamanho de efeito obtido foi baixo ($\omega^2 = .01$). Quanto à Raça/Cor, os autodeclarados Brancos ($M = 3.62$; $DP = 1.02$) não diferiram dos Pardos ($M = 3.85$; $DP = 1.14$), mas apresentaram significativamente menos crenças de imprevisibilidade que os Pretos ($M = 4.14$; $DP = 1.18$). O tamanho do efeito foi baixo ($\omega^2 = .01$). As crenças de imprevisibilidade nas Pessoas (Tabela 4) apresentaram correlação significativa negativa com a renda atual ($\rho = -.13$; $p < .01$) e classificação socioeconômica da ABEP ($\rho = -.16$; $p < .001$).

As crenças de imprevisibilidade na dimensão Mundo variaram significativamente com o Estado Civil ($H = 6.30$; $gl = 2$; $p < .05$). Os Casados/União Estável ($M = 4.59$; $DP = 1.08$) e Divorciados ($M = 4.54$; $DP = 1.22$) apresentaram menos crenças de imprevisibilidade no mundo que os Solteiros ($M = 4.91$; $DP = 1.03$), mas não houve diferença significativa entre grupos, e a magnitude do efeito foi muito baixa ($\omega^2 < .01$). As crenças de imprevisibilidade no Mundo (Tabela 4) apresentaram correlações significativas e negativas com a renda atual ($\rho = -.09$; $p < .05$).

Dimensões de apego na vida adulta

Para responder ao objetivo específico 3 descreveremos os resultados sobre as dimensões de apego na amostra estudada. Na ECR os respondentes apresentaram maiores níveis de Ansiedade ($M = 3.50$; $DP = 1.27$) do que de Evitação ($M = 2.78$; $DP = 1.08$). No entanto, os escores médios indicam baixos níveis de ansiedade e evitação na amostra de participantes, considerando que os escores podem variar de um a sete. Houve correlação positiva significativa entre as dimensões do instrumento (Tabela 2).

A dimensão de ansiedade no apego variou significativamente com o Estado Civil ($H = 12.31$; $gl = 3$, $p < .01$). Os Casados/União Estável ($M = 3.42$; $DP = 1.25$) apresentaram os menores escores de ansiedade no apego, seguidos pelos Solteiros ($M = 3.78$; $DP = 1.20$) e pelos Divorciados ($M = 3.85$; $DP = 1.34$), que apresentaram os escores mais altos. Não encontramos diferenças significativas entre os grupos na comparação *post-hoc*. No teste *t* para amostras independentes constatamos que pessoas que não estão em um relacionamento apresentaram indicadores maiores de ansiedade no apego ($M = 3.80$, $DP = 1.23$) que as que atualmente estão ($M = 3.44$; $DP = 1.27$) ($t(580) = -2.64$; $p < .01$). O tamanho de efeito foi pequeno ($d = .29$). A dimensão de ansiedade no apego (Tabela 4) apresentou correlação significativa e negativa com a renda atual ($\rho = -.09$; $p < .01$) e classificação socioeconômica da ABEP ($\rho = -.11$; $p < .01$).

A evitação no apego também variou significativamente com o Estado Civil ($H = 49.35$; $gl = 3$; $p < .001$) e a Raça/Cor ($H = 8.75$; $gl = 2$; $p < .05$). Os testes *post-hoc* mostraram que os Casados/União Estável ($M = 2.59$, $DP = 1.01$) apresentaram menos evitação no apego que os Divorciados ($M = 3.28$; $DP = 1.05$) e que os Solteiros ($M = 3.41$; $DP = 1.14$). O tamanho de efeito foi mediano ($\omega^2 = .08$). Quanto à Raça/Cor, os autodeclarados Brancos ($M = 2.65$, $DP = .99$) apresentaram significativamente menos evitação no apego que os Pardos ($M = 2.97$; $DP = 1.16$), mas com baixo tamanho de efeito ($\omega^2 = .01$). Pardos e Pretos ($M = 3.03$; $DP = 1.36$) não apresentaram diferenças significativas, assim como Brancos e Pretos. A dimensão de evitação no apego (Tabela 4)

apresentou correlações significativas e negativas com renda ($\rho = -.11$; $p < .01$) e a classificação socioeconômica da ABEP ($\rho = -.20$; $p < .001$).

No teste t para amostras independentes verificamos que em relação à evitação no apego, os indivíduos que não estão em relacionamento apresentaram maior média ($M = 3.38$; $DP = 1.07$), em relação aos que estão em um ($M = 2.65$; $DP = 1.03$) ($t(580) = -6.46$; $p < .001$). O tamanho de efeito na diferença foi mediano ($d = .71$).

Investimento parental na vida adulta

Para responder ao objetivo específico 4 descreveremos os resultados sobre o investimento parental na amostra estudada. A amostra de pais e mães, em geral, pontuou de forma elevada em todas as dimensões de investimento parental da EIP, considerando que os escores médios poderiam variar de 1 a 5, dada a escala de resposta (Tabela 2). A maior delas foi na dimensão Cuidado e Afeto ($M = 4.72$; $DP = .32$), seguida por Valores ($M = 4.50$; $DP = .54$) e Convívio ($M = 4.16$; $DP = .55$). Houve correlação significativa e positiva entre as dimensões de investimento parental (Tabela 3).

Analisando o teste t para amostras independentes na dimensão Cuidado e Afeto (EIP), o sexo masculino apresentou menores indicadores de investimento em cuidado e afeto ($M = 4.56$; $DP = .44$) que as mulheres ($M = 4.77$; $DP = .24$), sendo constatada significância na diferença ($t(165.709) = -5.299$, $p < .001$). O tamanho de efeito na comparação entre os grupos foi mediano (d de Cohen = $.70$). O investimento parental em Cuidado (Tabela 4) apresentou correlação significativa diretamente proporcional à classificação socioeconômica da ABEP ($\rho = .14$; $p < .001$). Para a dimensão Convívio (EIP) o sexo masculino apresentou menores indicadores de investimento em convívio ($M = 4.05$; $DP = .61$) que as mulheres ($M = 4.20$; $DP = .53$), sendo constatada significância na diferença ($t(206.846) = -.2428$, $p < .05$). O tamanho de efeito na comparação entre os grupos foi pequeno (d de Cohen = $.27$). Na dimensão Valores os homens também apresentaram menores médias ($M = 4.41$; $DP = .56$) que as

mulheres ($M = 4.53$; $DP = .54$), sendo constatada significância na diferença ($t(224.528) = -2.174$; $p < .05$). A magnitude de efeito na comparação entre os grupos foi pequena (d de Cohen = $.22$).

A dimensão de investimento parental em Convívio (EIP) apresentou análise de variância significativa para as variáveis Escolaridade ($H = 13.48$; $gl = 3$; $p < .01$) e Estado Civil ($H = 11.46$; $gl = 3$; $p < .01$). Respondentes da Pós-Graduação apresentaram maiores níveis de investimento parental em convívio ($M = 4.21$; $DP = .53$) se comparados aos pais com nível de instrução Ensino Superior ($M = 4.03$; $DP = .57$), seguido por Colegial/Ensino Médio ($M = 4$; $DP = .60$) e Ginásio/Fundamental II ($M = 3.50$; $DP = 1.00$). Os respondentes de Ensino Superior e Pós-Graduação diferiram de maneira significativa ($p < .05$), mas os tamanhos de efeito foram considerados baixos ($\omega^2 = .01$). No Estado Civil, o grupo de Viúvos ($M = 4.48$; $DP = .41$) apresentou os maiores níveis de investimento parental em convívio, seguidos por Casados/União Estável ($M = 4.19$; $DP = .52$), Divorciados ($M = 4.09$, $DP = .59$), e Solteiros ($M = 3.99$; $DP = .64$). Nos testes de *post-hoc* encontramos diferenças significativas entre Solteiros e Casados/União Estável ($p < .05$), e Solteiros e Viúvos ($p < .05$), mas com tamanho de efeito baixo ($\omega^2 = .01$). O investimento parental em Convívio (Tabela 4) apresentou correlações significativas diretamente proporcionais com a classificação socioeconômica da ABEP ($\rho = .30$; $p < .001$) e o valor de renda familiar atual ($\rho = -.19$; $p < .001$). Já o investimento parental em Valores (Tabela 4) apresentou correlação significativa diretamente proporcional com a classificação socioeconômica da ABEP ($\rho = .11$; $p < .01$) e o número de filhos ($\rho = .10$; $p < .05$).

Relações entre imprevisibilidade, apego e investimento parental

Para responder ao objetivo específico 5 descreveremos os resultados sobre a relação entre a imprevisibilidade na infância dos participantes, as crenças de imprevisibilidade, as dimensões de apego e o investimento parental. A relação entre estes construtos foi investigada a partir de análises de correlação e de regressão.

Como esperado, as três dimensões da imprevisibilidade familiar na infância, medidas através da EIFI, se correlacionaram significativamente e positivamente com as crenças de imprevisibilidade e com as dimensões de ansiedade e evitação do apego na vida adulta e negativamente com as dimensões do investimento parental, exceto pela imprevisibilidade financeira, que não apresentou correlação significativa com o investimento em cuidado e em valores. As correlações, apesar de significativas, foram fracas (Tabela 3).

De forma geral, a imprevisibilidade e a severidade na infância, medidas de acordo com a proposta de Szepeswol (2020), também apresentaram correlações positivas com as crenças de imprevisibilidade, dimensões de ansiedade e evitação no apego, e negativas com o investimento parental. No entanto, nem todas as correlações foram significativas (Tabela 2). Particularmente, a imprevisibilidade na infância de Szepeswol (2020) não se correlacionou significativamente com a evitação no apego, o investimento parental em cuidado e o investimento parental em valores; enquanto a severidade de Szepeswol (2020) não apresentou correlações significativas com o investimento parental em cuidados e em valores.

Como esperado, as três dimensões das crenças de imprevisibilidade se correlacionaram significativamente e positivamente com as dimensões de ansiedade e evitação no apego, e negativamente com as dimensões de investimento parental, exceto pelas crenças de imprevisibilidade no mundo que não apresentou correlações significativas com o investimento em cuidado e em valores (Tabela 2). As correlações, apesar de significativas, foram fracas.

Teste de hipóteses

Hipotetizamos que a imprevisibilidade na infância teria efeito preditivo sobre as crenças de imprevisibilidade, sendo que quanto maior a imprevisibilidade na infância, mais crenças de imprevisibilidade na vida adulta (H1). Utilizamos as dimensões da EIFI e da Imprevisibilidade e Severidade de Szepeswol (2020) como variáveis preditoras e as dimensões da SUB como variáveis

de desfecho nos modelos 1 (SUB si mesmo), 2 (SUB pessoas) e 3 (SUB mundo) apresentados na Tabela 5. Os resultados das análises dão suporte a nossa hipótese, já que os três modelos testados foram estatisticamente significativos (Tabela 5). A variância explicada foi baixa nos três modelos (Tabela 5). A imprevisibilidade na infância explicou cerca de 12% da variância das crenças em relação a si mesmo e as variáveis preditoras com efeito significativo no modelo 1 foram a imprevisibilidade de cuidado na infância ($\beta = .09$; 95% [IC = $<.01 - .19$]), imprevisibilidade de alimentação na infância ($\beta = .16$; 95% [IC = $.08 - .28$]), imprevisibilidade de Szepeswol (2020) ($\beta = .17$; 95% [IC = $.01 - .05$]) e a severidade de Szepeswol (2020) ($\beta = .12$; 95% [IC = $<.01 - .04$]). A imprevisibilidade na infância explicou cerca de 8% das crenças de imprevisibilidade sobre as pessoas e as variáveis preditoras com efeito significativo no modelo 2 foram a imprevisibilidade de cuidado na infância ($\beta = .17$; 95% [IC = $.08 - .28$]) e a imprevisibilidade de Szepeswol (2020; $\beta = .13$; 95% [IC = $<.01 - .05$]). A imprevisibilidade na infância explicou apenas cerca de 3% das crenças de imprevisibilidade sobre o mundo (Tabela 5) e a única variável preditora significativa neste modelo foi a Imprevisibilidade de Szepeswol (2020).

Hipotetizamos que a imprevisibilidade na infância teria efeito preditivo sobre as dimensões de ansiedade e evitação no apego, sendo que quanto maior a imprevisibilidade na infância, maiores os níveis de ansiedade e evitação no apego adulto (H2). Utilizamos as dimensões da EIFI e da Imprevisibilidade e Severidade de Szepeswol (2020) como variáveis preditoras e as dimensões da ECR como variáveis de desfecho nos modelos 4 (ECR Ansiedade) e 5 (ECR Evitação) apresentados na Tabela 5. Os resultados das análises dão suporte a nossa hipótese, já que os dois modelos testados foram estatisticamente significativos (Tabela 5). A variância explicada foi baixa nos dois modelos (Tabela 5). A imprevisibilidade na infância explicou cerca de 6% de ansiedade no apego e somente a imprevisibilidade familiar de cuidado na infância apresentou impacto significativo sobre a ansiedade no apego ($\beta = .21$; 95% [IC = $.15 - .39$]). A imprevisibilidade na infância explicou cerca de 8% da evitação no apego, e apenas a imprevisibilidade familiar de cuidado na infância apresentou impacto significativo sobre evitação no apego ($\beta = .26$; 95% [IC = $.17 - .38$]).

Formulamos a hipótese de que a imprevisibilidade na infância teria efeito preditivo sobre o investimento parental, sendo que quanto maior a imprevisibilidade na infância, menores são os níveis de investimento parental na vida adulta (H3). Utilizamos as dimensões da EIFI e da Imprevisibilidade e Severidade de Szepeswol (2020) como variáveis preditoras e as dimensões da EIP como variáveis de desfecho nos modelos 6 (EIP Cuidado), 7 (EIP Convívio) e 8 (EIP Valores) apresentados na Tabela 5. Os resultados das análises dão suporte a nossa hipótese, já que os três modelos testados foram estatisticamente significativos (Tabela 5). A variância explicada foi baixa nos três modelos. A imprevisibilidade na infância explicou cerca de 2% do investimento parental em cuidado, e somente a imprevisibilidade familiar de cuidado na infância ($\beta = -.14$; 95% [IC = $-.07 - -.01$]) e a imprevisibilidade de Szepeswol (2020; ($\beta = .11$; 95% [IC = $<.001 - .01$]) apresentaram efeito significativo no investimento parental em cuidado. A imprevisibilidade na infância explicou cerca de 3% da variância sobre o investimento parental em convívio, e somente a imprevisibilidade familiar de cuidado na infância apresentou impacto significativo sobre o investimento parental em convívio ($\beta = -.13$; 95% [IC = $-.12 - -.01$]). A imprevisibilidade na infância explicou cerca de 2% do investimento parental em valores, e somente a imprevisibilidade de cuidado ($\beta = -.09$; 95% [IC = $-.10 - <.01$]) e a imprevisibilidade financeira ($\beta = .15$; 95% [IC = $.01 - .13$]) apresentaram impacto significativo sobre o investimento parental em valores.

Verificamos a hipótese de que as crenças de imprevisibilidade na vida adulta teriam efeito preditivo sobre o investimento parental na vida adulta, sendo que quanto maiores os níveis de crenças de imprevisibilidade menores são os níveis de investimento parental na prole (H4). Utilizamos as dimensões de crenças de imprevisibilidade da SUB como variáveis preditoras e as dimensões da EIP como variáveis de desfecho nos modelos 9 (EIP Cuidado), 10 (EIP Convívio) e 11 (EIP Valores) apresentados na Tabela 5. Os resultados das análises dão suporte a nossa hipótese, já que os três modelos testados foram estatisticamente significativos (Tabela 5). A variância explicada foi baixa nos três modelos. As crenças de imprevisibilidade na vida adulta explicaram aproximadamente 5% do investimento parental em cuidado, e somente as crenças de imprevisibilidade sobre si mesmo

($\beta = -.24$; 95% [IC = $-.10 - -.05$]) e sobre o mundo ($\beta = .10$; 95% [IC = $<.01 - .05$]) apresentaram efeito significativo no investimento parental em cuidado. As crenças de imprevisibilidade na vida adulta explicaram aproximadamente 14% do investimento parental em convívio, e apenas as crenças de imprevisibilidade sobre si mesmo impactaram significativamente o investimento parental em convívio ($\beta = -.36$; 95% [IC = $-.24 - -.15$]). As as crenças de imprevisibilidade explicaram aproximadamente 6% do investimento parental em valores, e apenas as crenças de imprevisibilidade sobre si mesmo impactaram significativamente o investimento parental em valores ($\beta = -.27$; 95% [IC = $-.19 - -.09$]).

Hipotetizamos que as dimensões de ansiedade e evitação no apego na vida adulta teriam efeito preditivo sobre o investimento parental em cuidado. Isso é, quanto maiores os níveis de ansiedade e evitação no apego menores são os níveis de investimento parental na vida adulta (H5). Utilizamos as dimensões de apego da ECR como variáveis preditoras e as dimensões da EIP como variáveis desfecho nos modelos 12 (EIP Cuidado), 13 (EIP Convívio) e 14 (EIP Valores) apresentados na Tabela 5. Os resultados das análises dão suporte a nossa hipótese, já que os três modelos testados foram estatisticamente significativos (Tabela 5). A variância explicada foi baixa nos três modelos. As dimensões de apego explicaram cerca de 3% do investimento parental em cuidado, e apenas a evitação no apego impactou de forma significativa no investimento parental em cuidado ($\beta = -.15$; 95% [IC = $-.07 - -.02$]). As dimensões de apego explicaram aproximadamente 6% do investimento parental em convívio e tanto a ansiedade no apego ($\beta = -.11$; 95% [IC = $-.08 - -.01$]) quanto evitação no apego ($\beta = -.20$; 95% [IC = $-.14 - -.06$]) tiveram efeito significativo sobre o investimento parental em convívio. As dimensões de apego explicaram apenas 1% do investimento parental em valores, e a única variável com poder significativo sobre o investimento parental em valores foi a evitação no apego ($\beta = -.02$; 95% [IC = $-.08 - <.01$]).

Resumindo, na H1 as crenças de imprevisibilidade sobre o mundo foram as menos explicadas pelas variáveis de imprevisibilidade do modelo, enquanto as crenças de imprevisibilidade

sobre si mesmo foram as mais explicadas. Na H2 a imprevisibilidade de cuidado foi a que mais explicou de maneira significativa os modelos de apego. Quando testamos H3, a imprevisibilidade de cuidado foi a que mais afetou de forma significativa os modelos de investimento parental, com exceção da dimensão investimento em valores/disciplina, que também foi explicada pela imprevisibilidade financeira. Ao testar H4, as crenças de imprevisibilidade sobre si mesmo foram as que melhor explicaram de maneira significativa os domínios de investimento parental. Especificamente, as crenças de imprevisibilidade sobre o mundo também impactaram o investimento parental em cuidado. Em H5, constatamos que a evitação no apego foi a dimensão que mais impactou significativamente, com exceção de investimento parental em convívio, cuja predição foi constatada para as duas dimensões de apego evitativo e ansioso.

De uma forma geral, a magnitude de efeito proporcionada pelos construtos foi mediana para baixo. Isso pode se dar, talvez, porque exceto pelo nível de severidade intermediário, as demais dimensões de imprevisibilidade foram baixas para a amostra, enquanto as dimensões de ansiedade e evitação no apego foram baixas e o investimento parental foi alto. Apesar disso, verificamos efeitos significativos que podem ter ocorrido devido ao tamanho relativamente grande da amostra (Lantz, 2012). Ainda, apesar das médias terem sido próximas dos limites superior e inferior, os resultados das comparações entre grupos indicou variância da amostra. Por exemplo, houve diferença em diversas variáveis em relação ao gênero, estado civil, cor/etnia e escolaridade. Na próxima seção iremos esmiuçar tais diferenças.

Discussão

Esta pesquisa teve como objetivo investigar a relação entre a exposição a contextos de imprevisibilidade na infância do participante, a formação do seu estilo de apego e a variação nos níveis de investimento parental que o participante adota na vida adulta. Nossos resultados vão ao encontro do que hipotetizamos, isto é, que as características ambientais apresentaram influência sobre a percepção de imprevisibilidade (avaliada de formas diferentes), as dimensões de apego e o investimento parental.

Nossa amostra foi caracterizada por apresentar alta renda, alta escolaridade, maioria autodeclarada branca, provenientes da região sudeste e apresentaram também relativamente baixa imprevisibilidade, severidade intermediária na infância, escores baixos nas dimensões de apego inseguro e alto investimento parental atuais. As comparações entre os grupos sociodemográficos mostraram que o aumento dos riscos ambientais, considerados como diminuição da renda, baixa escolaridade, pertencimento a minorias raciais e diferenças de gênero, esteve associado a maior imprevisibilidade, maiores escores nas dimensões de ansiedade e evitação no apego, e menor investimento parental. No Brasil, especialmente, grupos minoritários estão mais propensos a sofrer consequências do estresse ambiental e viver em situação de vulnerabilidade social (Carvalho *et al.*, 2021). A parcela majoritária dos respondentes, no entanto, não parece conviver com fortes níveis de vulnerabilidade, por não fazerem parte desses grupos.

Além da imprevisibilidade (e das crenças de imprevisibilidade), outra medida de vulnerabilidade ecológica que utilizamos foi a severidade, cujo nível foi relativamente elevado. Isso indica que provavelmente a infância dos participantes era limitada em relação à quantidade/disponibilidade de recursos socioeconômicos. A correlação positiva com a imprevisibilidade financeira, além dos baixos escores de imprevisibilidade ambiental, sugere que os dois construtos estão intimamente relacionados. Assim supomos que existem duas dimensões que operam de formas similares, isto é, são correlacionadas, mas não são idênticas. Uma percepção está

ligada à quantidade de recursos no ambiente, e a outra ligada às variações de estressores ecológicos, e outra que avalia concretamente os riscos de morbidade/mortalidade. Em geral quanto menor a disponibilidade de recursos, maior a variabilidade de acesso a ele (Belsky, 2019; Belsky *et al.*, 2012; Ellis *et al.*, 2009). Ambientes de pressão seletiva com menores níveis de estresse ambiental favorecem a tomada de decisão por meio de estratégias que otimizam a distribuição desses recursos dentro dos *trade-offs* (Ellis *et al.*, 2009), como na esfera do investimento parental. Os respondentes apresentaram um elevado indicador de cuidado parental e alto nível de renda atual, sinalizadores de que assim como a infância deles parece ter sido ambientalmente previsível, apesar dos elementos adversos. Pode ser que tenham sido mais pobres que no contexto atual, mas tinham um acesso constante aos recursos que dispunham (*e.g.* os pais podem ter ganhado um salário-mínimo, e mesmo assim aquele foi um recurso constante), pois os dados sugerem que tenha havido mobilidade social nessa amostra ao longo dos anos. Para além da diferença entre a raça/cor da população majoritária e das minorias, a severidade também teve forte impacto naqueles com baixa escolaridade, se comparados ao grupo com maior grau de instrução. A escolaridade está associada ao grau de acesso a oportunidades e obtenção de recursos, o que permite investir nas proles de forma mais afirmativa no quesito qualidade, e não na quantidade (Geary, 2005/2016; Trivers, 1972).

Encontramos diferenças entre os escores dos instrumentos e as variáveis sociodemográficas, entre elas o sexo, quantidade de filhos, escolaridade, estado civil, raça/cor. Não verificamos diferenças significativas entre homens e mulheres nas dimensões da EIFI, Imprevisibilidade/Severidade (Szepeswol, 2020), SUB, e ECR. Dentre as que não apresentaram diferença significativa, a dimensão Cuidado/Apoio da EIFI se localizou em intervalo limítrofe próximo da significância dos testes-*t* ($p = .051$), mas não atingiu o *p*-valor necessário para rejeitar a hipótese nula de que não há diferenças entre os grupos. Apesar disso, a literatura tem resultados que indicam que a imprevisibilidade pode atuar de forma diferencial, em que homens que passaram por infâncias adversas parecem se diferenciar das mulheres, e investem menos em atividades de apoio com seus filhos (Cabeza de Baca *et al.*, 2016). Constatamos diferenças entre homens e mulheres apenas na

variável desempenho de cuidado parental, que evolutivamente têm peso maior para as mulheres em decorrência de fatores como a gestação interna própria dos mamíferos, e o fator da altricialidade dos bebês humanos, que necessitam de nutrição adequada e cuidado prolongado nos primeiros anos de vida (Trivers, 1972; Quinlan, 2003, 2007). Em questões culturais, a obrigatoriedade do cuidado parental é frequentemente relegada ao sexo feminino, enquanto os cuidadores do sexo masculino possuem maior flexibilidade no investimento às proles.

A quantidade de filhos se mostrou inversamente relacionada à imprevisibilidade de cuidado na infância, a imprevisibilidade medida por Szepeswol (2020), e as crenças de imprevisibilidade sobre si mesmo, e positivamente com o investimento parental em valores/disciplina. Isso é, o aumento da imprevisibilidade influencia no acréscimo dos níveis de crenças de imprevisibilidade na vida adulta, mas ao mesmo tempo as pistas de imprevisibilidade da infância e de crenças na vida adulta de alguma forma incutem pressões seletivas que modulam os organismos a diminuírem a quantidade de filhos. Mas esse aumento na quantidade de filhos implicou, também, no aumento do investimento parental. Houve uma contradição desses resultados com a THV, pois contextos de elevada morbidade/mortalidade desempenham estratégias rápidas de história de vida, e a tendência é que organismos invistam na quantidade de proles, uma vez que a possibilidade de transmissão genética é maximizada (Belsky *et al.*, 2012; Ellis *et al.*, 2009; Quinlan, 2003, 2007). Supomos que possam existir outras variáveis intervenientes culturais e econômicas que possam influenciar na escolha na quantidade dos filhos e na queda da fertilidade, tais quais a participação das mulheres no mercado de trabalho, estímulos financeiros para investir em sua própria educação, o *status* social, além de sugestões decorrentes dos círculos sociais mais próximos sobre o investimento na quantidade de filhos (Snopkowski & Kaplan, 2014). Por outro lado, a relação diretamente proporcional entre o número de filhos e o investimento parental em valores/disciplina também é intrigante. Imaginamos que os participantes podem ter redes de suporte e recursos em abundância que maximizem a distribuição de investimento entre os filhos, dispondo de alo cuidadores. O cuidado

aloparental é tido como uma forma eficiente de ajudar os genitores a equilibrarem os custos de dilemas evolutivos de reprodução/parentalidade (Shaver *et al.*, 2020).

Os grupos autodeclarados pretos e pardos apresentaram os maiores níveis de imprevisibilidade infantil de cuidado, de recursos financeiros e alimentação, severidade de Szepeswol (2020), e crenças de imprevisibilidade sobre as pessoas. A ausência de diferença significativa entre as duas raças/cores indica que esses grupos passam por problemas psicossociais parecidos, e ambas mostraram diferenças significativas com o público autodeclarado branco. De fato, a literatura tem apontado que pessoas pertencentes a minorias enfrentam problemas específicos na relação com seus pares, por conta da discriminação e da possibilidade de violência vinda de outros grupos (Nakabashi & Assahide, 2017). As crenças de imprevisibilidade sobre as pessoas são indicadores da regularidade e constância no padrão de confiança que podemos estabelecer com os nossos pares. Os itens dessa dimensão na escala dizem respeito a importantes pistas para estabelecer vínculos nas relações humanas.

Nas comparações para estado civil, solteiros, divorciados e pessoas que não estão em um relacionamento atualmente apresentaram maiores níveis de imprevisibilidade de cuidado na infância. Além disso, solteiros e pessoas que não estão em um relacionamento atualmente apresentaram maiores níveis de crenças de imprevisibilidade sobre si mesmo e as pessoas que estão. Entendemos que a previsibilidade e presença de cuidadores na infância são contextos importantes para a formação de vínculos de apego e relacionamentos (Bowlby, 1980/1998, 1969/2002, 2004; Collins & Feeney, 2000; Collins & Read, 1990). Já para as crenças de imprevisibilidade, o quesito estado civil apresentou diferenças significativas entre os grupos. Relacionamentos são importantes fontes para construção da identidade e calibração dos afetos, crenças e comportamentos. À medida que ampliamos o repertório de relações, aprendemos modelos de cognição relacionados aos nossos papéis frente ao mundo e às pessoas (Ross, Hood & Short, 2016; Ross *et al.* 2022). A única dimensão das crenças de imprevisibilidade que não

apresentou diferenças significativas no *post-hoc*, mas apenas no modelo geral, foram as crenças de imprevisibilidade sobre o mundo. Pode ser que os itens dessa dimensão no instrumento reflitam aspectos abstratos dos nossos modelos internos de percepção, e sua relação com o mundo, que não está atrelado somente à relação com as pessoas.

Na escolaridade obtivemos variação significativa com a imprevisibilidade alimentar na infância e no construto severidade (Szepsenwol, 2020). Os grupos com menor grau de escolaridade apresentaram os maiores indicadores de imprevisibilidade alimentar, se comparados aos grupos de maior instrução. Tanto a imprevisibilidade alimentar quanto a severidade medida por Szepsenwol (2020) apresentaram correlação significativa inversa com a renda atual e o poder de compra medido pela ABEP. Ao compararmos com as crenças de imprevisibilidade, pessoas de menor grau de escolaridade (colegial/ensino médio) apresentaram maiores níveis de crenças de imprevisibilidade sobre si mesmo, do que aqueles que possuem grau de instrução mais elevado (pós-graduação). Acreditamos que o grupo de pós-graduação possui maior poder aquisitivo de recursos (Nakabashi & Assahide, 2017), fato que as permite investir mais no desenvolvimento do próprio organismo, incluindo traços psicológicos e os mecanismos cognitivos. A THV supõe que organismos com ampla disponibilidade de recursos conseguem manejar com mais eficácia os *trade-offs*, os distribuindo em funções vitais, como a manutenção somática e crescimento (Ellis *et al.*, 2009). A escolaridade é um indicador atrelado a critérios socioeconômicos na realidade do Brasil, e que pessoas com maior poder aquisitivo normalmente tem um grau de instrução elevado (Nakabashi & Assahide, 2017). Ambientes mais previsíveis ajudam os organismos a desenvolverem menos crenças de imprevisibilidade. Tal fato permite investimento a longo prazo no esforço somático, focando em atividades como a carreira acadêmica e em outras ligadas ao autodesenvolvimento.

Encontramos confirmação para nossa H1, que supunha que maiores níveis de imprevisibilidade na infância estão associados ao aumento dos níveis de crenças de imprevisibilidade na vida adulta. A direcionalidade das regressões e das correlações indicou que o crescimento em

níveis de imprevisibilidade na infância é diretamente proporcional ao aumento nas crenças de imprevisibilidade na vida adulta. As crenças de imprevisibilidade sobre si foram as mais explicadas pelas dimensões de imprevisibilidade na infância. Isso parece se dar pelo fato de que o estresse ambiental está diretamente ligado à percepção que a pessoa tem de si, e o modo como se percebe (Ross, Short & Garofano, 2016; Ross, Hood & Short, 2016; Ross *et al.*, 2022). As crenças de imprevisibilidade sobre o mundo foram as que menos puderam ser explicadas por nossas dimensões de imprevisibilidade na infância. O fato de as dimensões de imprevisibilidade na infância terem itens que citam diretamente a reação com outras pessoas é um indício de que possivelmente essa baixa predição se dá porque os itens de crenças de imprevisibilidade sobre o mundo remetem a percepções mais abstratas do mundo, sem remeter diretamente às relações interpessoais, como nas outras dimensões. A dimensão de imprevisibilidade na infância que mais influenciou as crenças de imprevisibilidade foi a imprevisibilidade de cuidado na infância, que teve destaque tanto para as crenças de imprevisibilidade sobre si mesmo e sobre as pessoas. De fato, a literatura (Richardson *et al.*, 2018; Quinlan, 2003; 2007) tem discutido o quão essencial é o papel dos cuidadores nos primeiros anos de vida, e que essa dimensão da previsibilidade e consistência de cuidado pode ter um peso distinto de outras condições ambientais na modulação de estratégias adaptativas e tomada de decisão frente ao risco que o ambiente propicia (Ellis *et al.*, 2009; Howat-Rodrigues, 2010).

A imprevisibilidade na infância medida por Szepsenwol (2020) teve efeito significativo tanto sobre as crenças de imprevisibilidade sobre si mesmo, quanto sobre as pessoas e o mundo. Os itens da escala de Szepsenwol (2020) tratam principalmente de questões relacionadas à empregabilidade dos cuidadores primários, se houveram desempregos nesse período, mudanças de residência, e se o respondente sofreu algum tipo de violência física. São dimensões objetivas, mas que se conectam com a formação das crenças em relação a si mesmo e outras pessoas, na medida em que o instrumento avalia a percepção subjetiva acerca dos eventos estressores no período dos primeiros anos de vida que servem como pano de fundo para a formação de nossa identidade e a forma como percebemos a nossa relação conosco e com nossos pares. Nessa direção, faz sentido ter sido a única

dimensão de imprevisibilidade na infância a ter relação com as crenças de imprevisibilidade sobre o mundo, uma vez que os itens de crenças de imprevisibilidade sobre o mundo da SUB são relacionados à percepção do funcionamento das circunstâncias do mundo, e fazem alusão a dimensões exteriores aos relacionamentos interpessoais. As pesquisas seminais de crenças de imprevisibilidade indicam que o *locus* de controle, autoeficácia são dimensões associadas às crenças de imprevisibilidade, que é em si interdependente com a imprevisibilidade ambiental. Ambientes de maior imprevisibilidade tendem a selecionar estratégias de percepção voltadas ao *locus* de controle externo no organismo, diminuindo seus níveis de autoeficácia para lidar com as adversidades e projetando o controle de sua vida às mudanças no ambiente e em outras pessoas (Ross & Hill, 2002).

A Severidade pode ter se relacionado com as crenças de imprevisibilidade sobre si mesmo, na medida em que as questões avaliam alguns itens que podem ser importantes para a formação da personalidade e das crenças de imprevisibilidade, como a percepção de dificuldade financeira e poder de compra familiar na infância, além de como o respondente sentia-se rico comparado aos colegas de escola. A dimensão de imprevisibilidade alimentar na infância mostrou-se uma variável preditora apenas para as crenças sobre si mesmo. As questões de imprevisibilidade alimentar da EIFI trazem relações do quanto a pessoa tinha certeza da disponibilidade/regularidade das refeições em casa, e por isso esse pode ser um fator que se relaciona às crenças de imprevisibilidade de si mesmo, uma vez que a consistência no cuidado é um fator que está atrelado ao desenvolvimento da cognição e da visão de mundo (Ross, Hood & Short, 2016; Ross *et al.*, 2022).

Na H2 hipotetizamos que quanto maior a imprevisibilidade na infância, maiores os níveis de ansiedade e evitação no apego na vida adulta. Os resultados confirmam nossa hipótese, à medida que tanto o modelo para evitação no apego, quanto o de ansiedade no apego, foram significativos. A direcionalidade das regressões confirma que a imprevisibilidade acompanhou o aumento dos níveis de apego inseguro. As correlações também reiteram, na medida que tanto a imprevisibilidade de cuidado, financeira e alimentação se correlacionam de maneira diretamente proporcional.

A única dimensão de imprevisibilidade realmente significativa ao predizer as dimensões de apego foi a imprevisibilidade de cuidado na infância. A literatura tem salientado que ambientes com maior previsibilidade na infância estão associados com o desenvolvimento de traços psicológicos indicadores de saúde psicológica nas relações da vida adulta, como o bem-estar e satisfação de vida (Ross *et al.*, 2022). Por outro lado, estudos de modelagem de equações estruturais têm indicado que as crenças de imprevisibilidade são variáveis mediadoras significativas entre a imprevisibilidade na infância e os níveis de ansiedade e depressão na vida adulta (Ross, Hood & Short, 2016). O estudo de Ripardo (2015) evidenciou que quanto maior foi a ocorrência de eventos estressores na infância, maiores os níveis de neuroticismo e os níveis de apego inseguro na vida adulta. Young e colegas (2018) verificaram que participantes dos EUA com apego inseguro apresentaram mais traços de neuroticismo na personalidade, e menores níveis de agradabilidade e conscienciosidade, características importantes para a cooperação, compreensão das normas sociais e manutenção da vida social.

As duas dimensões de apego inseguro apresentaram correlações inversas e negativas com a renda atual e o critério socioeconômico da ABEP. Considerando que nossa amostra foi predominantemente de alta renda e escolaridade, tais associações podem ser um indício importante, já que a literatura tem pontuado que quanto maior vulnerabilidade psicossocial e econômica enfrentadas pelo organismo, maior a propensão em desenvolver estratégias de história de vida rápidas e padrões de apego inseguro ao longo da vida adulta (Barbaro & Shackelford, 2016; French *et al.*, 2020). A imprevisibilidade de cuidado na infância foi a única variável preditiva que afetou de forma significativa o desfecho tanto para as dimensões de ansiedade e evitação no apego. Ambientes de modulação do apego são ligados, principalmente, à vinculação com as figuras primárias, e a aprendizagem de padrões de comportamentos ansiosos ou evitativos está sob controle da responsividade dos modelos e repertórios de cuidado parental que são oferecidos nesses primeiros anos (Shiramizu & Lopes, 2013). Estudos têm indicado que as transições paternas são um forte preditor de imprevisibilidade para comportamentos externalizantes na vida adulta,

menor qualidade nas relações românticas e número de parceiros sexuais, se comparados aos outros indicadores de imprevisibilidade do modelo, as mudanças de residência e a empregabilidade dos pais (Hartman *et al.*, 2018).

Confirmamos a H3 de que quanto maior a imprevisibilidade na infância, menores são os níveis de investimento parental na vida adulta. Apesar disso, tivemos algumas ressalvas, pois tanto a imprevisibilidade de Szepeswol (2020) e a imprevisibilidade financeira tiveram a mesma direcionalidade que as dimensões de investimento parental em cuidado e valores. Isso é, os resultados indicam que provavelmente ambientes com elevados níveis de estressores ambientais, de alguma forma, fortalecem o investimento em disciplina e valores que os pais propiciam a seus filhos. O estudo etnográfico de Elias (2000) com uma população inglesa supôs a existência de um mecanismo adaptativo de mobilidade social em que as classes menos favorecidas socioeconomicamente tendem a buscar ascensão social em direção às classes mais abastadas. Tanto os grupos de alto estrato quanto de baixo estrato tiveram a mesma origem no grupo pesquisado. A amostra dos altos estratos tende a inculcar em seus filhos os valores de dominância social e independência, enquanto grupos mais vulneráveis, por meio da identificação com seus pares que ascenderam, tendem a selecionar a manutenção dessa ordem (Elias, 2000), como forma de um dia poder ascender e responder às pressões seletivas de imprevisibilidade/severidade.

Por sua vez, conseguimos confirmar a H4, de modo que quanto maiores os níveis de crenças de imprevisibilidade, menores são os níveis de investimento parental nos filhos. As crenças de imprevisibilidade apresentaram efeito preditor para o investimento parental. As únicas exceções foram as crenças de imprevisibilidade sobre as pessoas, que não se correlacionaram com o investimento parental em valores/disciplina, e as crenças de imprevisibilidade sobre o mundo, que se correlacionou apenas com o investimento parental em convívio. Por outro lado, as crenças de imprevisibilidade sobre si mesmo tiveram maior poder explicativo diante da relação com o cuidado parental. Supomos que tal relação seja colocada, principalmente, pelo fato de que ambientes

adversos modulam estratégias cognitivas e comportamentais, e que essa dimensão especificamente trata de aspectos relativos à capacidade de percepção de controle sobre o mundo.

Obtivemos confirmação para nossa H5, de que quanto maiores os níveis de apego inseguro menores são os níveis de investimento parental na vida adulta. A direcionalidade dos modelos de regressão indicou que tanto a ansiedade e evitação, enquanto características do apego inseguro, impactam na diminuição das modalidades de investimento parental. As correlações, que foram negativas, também indicam uma relação inversamente proporcional entre as dimensões de apego e as dimensões de cuidado parental. As dimensões de investimento parental em cuidado e valores foram explicadas apenas pela dimensão de evitação no apego, enquanto o investimento parental em convívio foi explicado tanto pela ansiedade quanto pela evitação no apego. Estratégias de evitação no apego podem ser uma espécie de supressão da motivação em se acasalar (Del Giudice, 2009) e maior enfoque no esforço somático – característica que pode ser modulada para favorecer o cuidado parental. Considerando isso, na medida em que as dimensões de apego são topograficamente diferentes, eles podem atender a funções parecidas, que são a manutenção da qualidade das relações e a vinculação a figuras afetivas de cuidado.

Limitações do estudo

Nossas medidas foram baseadas em respostas de escala *likert*. Estudos que utilizam escalas *likert* para respostas podem apresentar alguns vieses, entre os quais está o de desejabilidade social (Kreitchmann *et al.*, 2019; Zhang *et al.*, 2019). O cuidado parental elevado, em certa medida, pode estar suscetível a vieses cognitivos dos próprios respondentes, que podem superestimar os níveis de investimento parental desempenhado por eles.

O estudo utilizou medidas de imprevisibilidade e severidade percebidas de forma retrospectiva, e isso apresenta uma limitação (Ross *et al.*, 2022). Mesmo sendo amplamente utilizadas na literatura da THV (e.g. Mittal *et al.*, 2015; Young *et al.*, 2018) as medidas retrospectivas nem sempre preveem resultados da mesma forma que instrumentos prospectivos (e.g. Baldwin *et al.*, 2019; Newbury *et al.*, 2018), pois medidas retrospectivas podem ser influenciadas por outras variáveis que influenciam na percepção e rememoração de eventos passados, entre elas a estabilidade emocional, os traços psicológicos de neuroticismo e sintomas depressivos atuais (Martinez *et al.*, 2021). É desejável que futuras pesquisas incluam medidas prospectivas de imprevisibilidade percebida, metodologias longitudinais, bem como outras medidas de estressores objetivos, para avaliar prospectivamente até que ponto as percepções de imprevisibilidade infantil contribuem de forma única para os resultados do desenvolvimento adulto. Métodos como a modelagem de equações estruturais podem aprofundar os dados decorrentes de inferências correlacionais (Ripardo, 2015).

Diante dos fatos apresentados, nossos tamanhos de efeito para os resultados foram de baixo até mediano. Além disso, os modelos de regressão apresentaram baixa porcentagem de variância explicada. Entendemos que existem uma série de eventos estressores que podem configurar como indicadores de imprevisibilidade, e nossos instrumentos apenas abarcavam domínios específicos da imprevisibilidade, como a imprevisibilidade de cuidado, financeira e de

alimentação. Estudos futuros podem contribuir de forma a ampliar as possibilidades de medida da imprevisibilidade/severidade ambiental.

Ainda que tenhamos conseguido um número razoável de respondentes, é necessária maior diversificação do perfil e do número amostral, pois a quantidade do público masculino foi bem menor se comparado à proporção de respondentes do sexo feminino. Além disso, nosso recorte amostral representa uma parcela mais abastada da população brasileira, autodeclarada branca, com elevado grau de escolaridade e concentrada em estados localizados em grandes regiões metropolitanas do eixo sul-sudeste brasileiro. Há críticas de que as produções em THV são derivadas de amostras do eixo norte-global, com populações *WEIRD* que representam características sociodemográficas específicas, e que não são passíveis de generalização adequada. A crítica à predominância de estudos que replicam conclusões a partir de populações *WEIRD* (i.e. *Western, Educated, Industrialized, Rich, and Democratic*; Henrich *et al.*, 2010; Schulz *et al.*, 2018) são importantes na compreensão de que necessitamos ampliar o escopo da THV com populações menos favorecidas socioeconomicamente. Isso é essencial para compreender o fenômeno sociopsicológico das estratégias de história de vida de forma mais ampla em outras culturas, principalmente da América Latina.

Considerações finais

Neste estudo investigamos o papel da imprevisibilidade na infância e a relação desta com a formação das crenças de imprevisibilidade, das dimensões de apego e do investimento parental na vida adulta. Como um estudo de epistemologia alinhada à Psicologia Evolucionista, confirmamos que estressores ecológicos dos primeiros anos de infância possuem impacto na formação de variáveis psicológicas, como a vinculação com figuras afetivas, crenças de percepção das relações e do mundo, e a demonstração de cuidado com os filhos.

Como esperado, a imprevisibilidade na infância foi preditora das crenças de imprevisibilidade e do apego. O apego e as crenças de imprevisibilidade foram preditoras do investimento parental. Grupos minoritários, de menor renda e poder econômico, baixa escolaridade, solteiros, foram mais afetados pelas condições de imprevisibilidade na infância e vida adulta. Mulheres apresentaram, também, o maior nível de investimento parental, dadas as pressões seletivas culturais e evolutivas, e futuras pesquisas podem realizar uma análise diferencial dos escores das correlações e regressões separados por sexo, para verificar a persistência dessas diferenças, e até mesmo analisar a velocidade das estratégias de história de vida entre homens e mulheres (Ellis *et al.*, 2009).

A imprevisibilidade no cuidado se mostrou uma dimensão que merece destaque. Mais do que as condições materiais, o componente afetivo e psicobiológico ainda sofre forte influência do contexto familiar em que as pessoas se desenvolvem, e a responsividade propiciada pelos cuidadores auxilia no estabelecimento de modelos de relacionamento com as pessoas e o mundo (Belsky *et al.*, 2012, 2019; Teixeira, 2011, 2015). Vale salientar que ainda não há consenso na THV se os estressores ambientais podem ser operacionalizados unicamente através do construto imprevisibilidade, ou se há, de fato, divisões entre imprevisibilidade e severidade. Mas o fato de as dimensões de imprevisibilidade terem se comportado de forma diferente com as demais variáveis

de estudo, e o baixo efeito explicativo delas, abre uma rica possibilidade para que sejam testadas novas variáveis para análise nos modelos de imprevisibilidade que talvez nossos instrumentos não tenham contemplado.

Por outro lado, também tivemos resultados que foram destoantes ao que esperávamos. Uma delas foi a relação positiva entre imprevisibilidade de cuidado e a imprevisibilidade medida por Szepeswol (2020), enquanto as crenças de imprevisibilidade apresentaram relação negativa com o número de filhos. Além disso, conforme a quantidade de filhos aumentou, as correlações com o investimento parental também foram positivas. Isto é: a imprevisibilidade aumentou os níveis de crenças de imprevisibilidade, as quais diminuíram o número de filhos, e por conseguinte diminuíram o investimento parental. Resultados inesperados são indicadores de que existem variáveis intervenientes que não foram analisadas no modelo, e que podem influenciar na percepção de imprevisibilidade ambiental.

A diversidade de ambientes de pressão seletiva nos incute a necessidade de sempre avaliarmos nossas variáveis e verificarmos o que elas estão medindo, e se estão servindo de maneira adequada aos nossos propósitos de pesquisa. Por exemplo, há uma lacuna de entendimento na THV se o apego é uma variável contínua ou categórica, se compararmos os modelos clássicos de apego infantil provenientes de John Bowlby e os modelos mais recentes de estudo do apego adulto. A transposição da discussão sobre o apego para a THV indica que não trabalhamos com categorias fechadas e separadas de apego, mas como um contínuo em que todos temos algum grau de apego seguro e inseguro, e que essa escala pode variar entre os organismos individualmente, a partir de suas particularidades genéticas, sociais e culturais. Outra questão basilar e mais epistemológica sobre os construtos, é sobre como ocorrem os efeitos da plasticidade ambiental decorrentes da exposição à imprevisibilidade e demais estressores ecológicos. É de interesse para o campo de estudo investigar até que ponto são estáveis as propriedades quantitativas no fenômeno da imprevisibilidade, isto é, se as características imprevisíveis no ambiente permanecem relativamente

constantes com o passar do tempo, ou se existe uma forte flutuação. A nível das pressões evolutivas distais é importante avaliar as potenciais propriedades estatísticas da imprevisibilidade ecológica que poderiam impor uma pressão seletiva a nível populacional: os efeitos são os mesmos que a nível individual? Quanto ao carácter proximal precisamos clarificar como ocorrem os mecanismos de tomada decisória frente às pistas de imprevisibilidade – se ocorrem por meio de pressão seletiva, quando o organismo entra em contato com pistas que sinalizam a presença de ambientes imprevisíveis, se são mecanismos psicológicos modelados pelas experiências ontogénicas proximais do organismo, ou se são processos paralelos que ocorrem simultaneamente (Young *et al.*, 2020).

O efeito da imprevisibilidade sobre o investimento parental foi baixo, mas o apego e as crenças de imprevisibilidade apresentaram bom impacto no investimento parental. Imaginamos, por conseguinte, que pode existir mediação nessa relação. Compreender a interdependência entre as variáveis é importante, pois conhecer os antecedentes, correlatos e consequências de ambientes de imprevisibilidade podem ser muito úteis para promoção de políticas públicas e intervenções focadas na infância e parentalidade (Ross & Hill, 2002). Nossa pesquisa se destaca por oferecer contribuições importantes para o campo da THV, pois foi o primeiro estudo brasileiro recente, que para além de análises de correlação, testou hipóteses direcionais de regressão entre a imprevisibilidade na infância, as crenças de imprevisibilidade da vida adulta, as dimensões de apego e o investimento parental.

Referências

- Afifi, T. O., Ford, D., Gershoff, E. T., Merrick, M., Grogan-Kaylor, A., Ports, K. A., MacMillan, H. L., Holden, G. W., Taylor, C. A., Lee, S. J., & Peters Bennett, R. (2017). Spanking and adult mental health impairment: The case for the designation of spanking as an adverse childhood experience. *Child Abuse & Neglect*, *71*, 24–31. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2017.01.014>
- Afifi, T. O., Fortier, J., MacMillan, H. L., Gonzalez, A., Kimber, M., Georgiades, K., Duncan, L., Taillieu, T., Davila, I. G., & Struck, S. (2019). Examining the relationships between parent experiences and youth self-reports of slapping/spanking: a population-based cross-sectional study. *BMC Public Health*, *19*(1). <https://doi.org/10.1186/s12889-019-7729-6>
- Afifi, T. O., Taillieu, T., Salmon, S., Davila, I. G., Stewart-Tufescu, A., Fortier, J., Struck, S., Asmundson, G. J., Sareen, J., & MacMillan, H. L. (2020). Adverse childhood experiences (ACEs), peer victimization, and substance use among adolescents. *Child Abuse & Neglect*, *106*, 104504. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2020.104504>
- Ainsworth, M. D. S., Blehar, M. C., Waters, E., & Wall, S. (1978). Strange situation procedure. *Clinical Child Psychology and Psychiatry*.
- Alarcão, M. & Gaspar, M. F. (2007). Imprevisibilidade familiar e suas implicações no desenvolvimento individual e familiar. *Paidéia*. *17*(36), 89-102. <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2007000100009>
- Alhowaymel, F., Kalmakis, K., & Jacelon, C. (2021). Developing the concept of adverse childhood experiences: A global perspective. *Journal of Pediatric Nursing*, *56*, 18-23. <https://doi.org/10.1016/j.pedn.2020.10.004>
- Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (2021). *Critério Brasil 2020: Alterações na aplicação do Critério Brasil, válidas a partir de 01/09/2020*. <http://www.abep.org/criterio-brasil>
- Baldwin, J. R., Reuben, A., Newbury, J. B., & Danese, A. (2019). Agreement between prospective and retrospective measures of childhood maltreatment: A systematic review and meta-analysis. *JAMA Psychiatry*, *76*, 84–593. <https://doi.org/10.1001/jamapsychiatry.2019.0097>
- Barbaro, N., & Shackelford, T. K. (2016). Environmental Unpredictability in Childhood Is Associated With Anxious Romantic Attachment and Intimate Partner Violence Perpetration. *Journal of Interpersonal Violence*. <https://doi.org/10.1177/0886260516640548>

- Belsky, J., Steinberg, L., & Draper, P. (1991). Childhood experience, interpersonal development, and reproductive strategy: an evolutionary theory of socialization. *Child Development, 62*, 647–670. <https://doi.org/10.1111/j.1467-8624.1991.tb01558.x>
- Belsky, J. (1997). Attachment, mating, and parenting. *Human Nature, 8*(4), 361-381. <https://doi.org/10.1007/BF02913039>
- Belsky, J. (2019). Early-life adversity accelerates child and adolescent development. *Current Directions in Psychological Science, 28*(3), 241-246. <https://doi.org/10.1177%2F0963721419837670>
- Belsky, J., Schlomer, G. L., & Ellis, B. J. (2012). Beyond cumulative risk: distinguishing harshness and unpredictability as determinants of parenting and early life history strategy. *Developmental Psychology, 48*(3), 662. <https://psycnet.apa.org/doi/10.1037/a0024454>
- Bowlby, J. (1980/1998). *Apego e perda: Vol. III. Perda: tristeza e depressão (2a ed.)*. Martins Fontes.
- Bowlby, J. (1969/2002). *Apego e perda: Vol. I. Apego (3a ed.)*. Martins Fontes.
- Bowlby, J. (2004). *Separação: angústia e raiva (4a ed.)*. Martins Fontes.
- Brumbach, B. H., Figueredo, A. J., & Ellis, B. J. (2009). Effects of harsh and unpredictable environments in adolescence on development of life history strategies. *Human Nature, 20*(1), 25-51. <https://doi.org/10.1007/s12110-009-9059-3>
- Cabeza de Baca, T., Barnett, M. A., & Ellis, B. J. (2016). The development of the child unpredictability schema: Regulation through maternal life history trade-offs. *Evolutionary Behavioral Sciences, 10*(1), 43–55. <https://doi.org/10.1037/ebs0000056>
- Carvalho, A. T. P. (2018). *A influência das pistas ambientais na expressão das estratégias de história de vida* [Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicobiologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte]. Repositório Institucional da UFRN. <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/25809>
- Carvalho, A. R. D., Souza, L. R. D., Gonçalves, S. L., & Almeida, E. R. F. D. (2021). Vulnerabilidade social e crise sanitária no Brasil. *Cadernos De Saúde Pública, 37*(9). <https://doi.org/10.1590/0102-311x00071721>
- Chang, L., Lu, H. J., Lansford, J. E., Skinner, A. T., Bornstein, M. H., Steinberg, L., Dodge, K. A., Chen, B. B., Tian, Q., Bacchini, D., Deater-Deckard, K., Pastorelli, C., Alampay, L. P., Sorbring, E., Al-

- Hassan, S. M., Oburu, P., Malone, P. S., Di Giunta, L., Tirado, L. M. U., & Tapanya, S. (2019). Environmental harshness and unpredictability, life history, and social and academic behavior of adolescents in nine countries. *Developmental Psychology, 55*(4), 890–903.
<https://doi.org/10.1037/dev0000655>
- Chen, B. B., Shi, Z., & Sun, S. (2017). Life history strategy as a mediator between childhood environmental unpredictability and adulthood personality. *Personality and Individual Differences, 111*. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2017.02.032>
- Cohen, J. (1988). *Statistical power analysis for the behavioral sciences (2nd ed.)*. Erlbaum.
- Collins, N. L., & Read, S. J. (1990). Adult attachment, working models, and relationship quality in dating couples. *Journal of Personality and Social Psychology, 58*(4), 644–663.
<https://doi.org/10.1037/0022-3514.58.4.644>
- Collins, N. L., & Feeney, B. C. (2000). A safe haven: An attachment theory Perspective on support seeking and caregiving in intimate relationships. *Journal of Personality and Social Psychology, 78*(6), 1053-1073. <https://psycnet.apa.org/doi/10.1037/0022-3514.78.6.1053>
- Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (2021). *Ofício circular n°2, de 24 de fevereiro de 2021 (CONEP/SECNS/MS): Orientações para procedimentos em pesquisas com qualquer etapa em ambiente virtual*. http://conselho.saude.gov.br/images/Oficio_Circular_2_24fev2021.pdf
- Cosmides, L. & Tooby, J. (2003). Evolutionary psychology: Theoretical Foundations. In *Encyclopedia of Cognitive Science*. (pp. 54-64). Macmillan.
- Consoli, N., Wagner Bernardes, J., & Marin, A. H. (2018). Laços de afeto: as repercussões do estilo de apego primário e estabelecido entre casais no ajustamento conjugal. *Avances en Psicología Latinoamericana, 36*(2), 315-329.
<https://doi.org/10.12804/revistas.urosario.edu.co/apl/a.5409>
- Costa, B. R. L. (2018). Bola de Neve Virtual: O Uso das Redes Sociais Virtuais no Processo de Coleta de Dados de uma Pesquisa Científica. *Revista Interdisciplinar De Gestão Social, 7*(1).
<https://periodicos.ufba.br/index.php/rigs/article/view/24649>
- Del Giudice M. (2009). Sex, attachment, and the development of reproductive strategies. *The Behavioral and brain sciences, 32*(1), 1–67. <https://doi.org/10.1017/S0140525X09000016>

- Del Giudice, M. D., Gangestad, S. W., & Kaplan, H. S. (2016). Life history theory and evolutionary psychology. *The handbook of evolutionary psychology*, 88-114.
<https://doi.org/10.1002/9781119125563.evpsych102>
- Doom, J. R., Vanzomeren-Dohm, A. A., & Simpson, J. A. (2016). Early unpredictability predicts increased adolescent externalizing behaviors and substance use: A life history perspective. *Development and Psychopathology*, 28, 1505–1516.
<https://doi.org/10.1017/S0954579415001169>
- Elias, N. (2000). *Os estabelecidos e os outsiders: Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade (1ª edição)*. Editora Zahar.
<http://noosfero.ucsal.br/articles/0010/5204/elias-norbert-os-estabelecidos-e-os-outsideers-.pdf>
- Ellis, B. J., Figueredo, A. J., Brumbach, B. H., & Schlomer, G. L. (2009). Fundamental dimensions of environmental risk: the impact of harsh versus unpredictable environments on the evolution and development of life history strategies. *Human Nature*, 20, 204-268.
<https://link.springer.com/article/10.1007%2Fs12110-009-9063-7>
- French, J. E., Whitley, K. A., Altgelt, E. E., & Meltzer, A. L. (2020). Attachment anxiety in young adulthood is associated with childhood unpredictability and predicts intentions to engage in unprotected sex. *Personality and Individual Differences*, 159, 109858.
<https://doi.org/10.1016/j.paid.2020.109858>
- Geary, D. C. (2005/2016). Evolution of paternal investment. In D. M. Buss (Ed.), *The handbook of evolutionary psychology* (pp. 483–505). Wiley.
- Goss-Sampson, M. (2020). *Statistical Analysis in JASP - A Students Guide v0.14 (4th Edition)*.
<https://doi.org/10.6084/m9.figshare.9980744>
- Hampson, S. E., Andrews, J. A., Barckley, M., Gerrard, M., & Gibbons, F. X. (2016). Harsh environments, life history strategies, and adjustment: A longitudinal study of Oregon youth. *Personality and individual differences*, 88, 120-124.
<https://doi.org/10.1016/j.paid.2015.08.052>
- Haukoos, J. S., & Lewis, R. J. (2005). Advanced statistics: Bootstrapping confidence intervals for statistics with “difficult” distributions. *Academic Emergency Medicine*, 12(4), 360-365.
<https://doi.org/10.1197/j.aem.2004.11.018>

- Hayes, A. F. (2018). *Introduction to mediation, moderation, and conditional process analysis: A regression-based approach, Second Edition*. The Guilford Press.
- Hartman, S., Sung, S., Simpson, J. A., Schlomer, G. L., & Belsky, J. (2017). Decomposing environmental unpredictability in forecasting adolescent and young adult development: A two-sample study. *Development and psychopathology, 30*(4), 1321-1332.
<https://doi.org/10.1017/s0954579417001729>
- Henrich, J., Heine, S. J., & Norenzayan, A. (2010). Beyond WEIRD: Towards a broad-based behavioral science. *Behavioral and Brain Sciences, 33*, 111–135.
<http://dx.doi.org/10.1017/S0140525X10000725>
- Hill, E. M., Ross, L. T., & Low, B. S. (1997). The role of future unpredictability in human risk-taking. *Human Nature, 8*(4), 287. <https://doi.org/10.1007/BF02913037>
- Hood, C. O., Ross, L. T., & Wills, N. (2019). Family factors and depressive symptoms among college students: Understanding the role of self-compassion. *Journal of American College Health, 68*(7), 683–687. <https://doi.org/10.1080/07448481.2019.1596920>
- Howat-Rodrigues, A. B. C. (2010). *Percepção de Imprevisibilidade Familiar e sua Relação com a Propensão ao Risco e o Desconto do Futuro* [Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo]. Repositório institucional Ufes. <http://repositorio.ufes.br/handle/10/6685>
- Howat-Rodrigues, A. B. C., De Andrade, A. L., & Tokumaru, R. S. (2012). Construção e Validação da Escala de Imprevisibilidade Familiar na Infância (EIFI). *Psicologia: Reflexão e Crítica, 25*(2), 221-220. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722012000200002>
- Izar, P. (2018). Fundamentos da Evolução do Comportamento (Capítulo 1.1). In M. E. Yamamoto & J. V. Valentova (Orgs). *Manual de Psicologia Evolucionista*. Edurfn.
- IBM Corp. (2019). *Statistical Package for the Social Sciences - SPSS (Version 26) [Computer software]*. IBM Corporation.
- JASP Team (2020). *JASP (Version 0.14.1.0) [Software de computador]*. <https://jasp-stats.org/>
- Jonason, P. K., Icho, A., & Ireland, K. (2016). Resources, harshness, and unpredictability: The socioeconomic conditions associated with the Dark Triad traits. *Evolutionary Psychology, 14*, 1–11. <http://dx.doi.org/10.1177/1474704915623699>

- Kamakura, W., & Mazzon, J. A. (2016). Critérios de estratificação e comparação de classificadores socioeconômicos no Brasil. *Revista de administração de empresas*, 56(1), 55-70.
<https://doi.org/10.1590/S0034-759020160106>
- Kolak, A.M., Van Wade, C.L. & Ross, L.T. (2018). Family Unpredictability and Psychological Distress in Early Adulthood: The Role of Family Closeness and Coping Mechanisms. *J Child Fam Stud*, 27, 3842–3852 (2018). <https://doi.org/10.1007/s10826-018-1211-4>
- Ketelaar, T. & Ellis, B. J. (2000). Are evolutionary explanations unfalsifiable? Evolutionary psychology and the Lakatosian philosophy of science. *Psychology Inquiry*, 11(1), 1-21.
- Kreitchmann, R. S., Abad, F. J., Ponsoda V., Nieto, M.D., & Morillo, D. (2019) Controlling for Response Biases in Self-Report Scales: Forced-Choice vs. Psychometric Modeling of Likert Items. *Frontiers in Psychology*. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2019.02309>
- Lantz, B. (2012). The large sample size fallacy. *Scandinavian Journal of Caring Sciences*, 27(2), 487–492. <https://doi.org/10.1111/j.1471-6712.2012.01052.x>
- Lukaszewski, A.W. (2015) Parental Support during Childhood Predicts Life History-Related Personality Variation and Social Status in Young Adults. *Evolutionary Psychological Science*, 1, 131–140. <https://doi.org/10.1007/s40806-015-0015-7>
- Maranges, H. M., Hasty, C. R., Maner, J. K., & Conway, P. (2021). The behavioral ecology of moral dilemmas: Childhood unpredictability, but not harshness, predicts less deontological and utilitarian responding. *Journal of Personality and Social Psychology*, 120(6), 1696–1719.
<https://doi.org/10.1037/pspp0000368>
- Martinez, J. L., Hasty, C., Morabito, D., Maranges, H. M., Schmidt, N. B., & Maner, J. K. (2022). Perceptions of childhood unpredictability, delay discounting, risk-taking, and adult externalizing behaviors: A life-history approach. *Development and psychopathology*, 1-13.
- Mittal, C., Griskevicius, V., Simpson, J. A., Sung, S., & Young, E. S. (2015). Cognitive adaptations to stressful environments: When childhood adversity enhances adult executive function. *Journal of Personality and Social Psychology*, 109, 604–621.
<https://doi.org/10.1037/pspi0000028>
- Moreira, M.S, Rodrigues, M. P., Ferreira, C. F, & Nienov, O. H. (2020). Regressão linear simples e múltipla (Capítulo 10, pp. 197-216). In E. Capp, & O. H. Nienov (Orgs). *Bioestatística quantitativa aplicada*. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde: Ginecologia e Obstetrícia. UFRGS.

- Myers, L. and Sirois, M.J. (2006). Spearman Correlation Coefficients, Differences between. In S. Kotz, C.B. Read, N. Balakrishnan, B. Vidakovic and N.L. Johnson (Eds.), *Encyclopedia of Statistical Sciences*. John Wiley & Sons. <https://doi.org/10.1002/0471667196.ess5050.pub2>
- Napierala, M. A. (2012). What is the Bonferroni correction? *AAOS Now*, 40. https://docs.ufpr.br/~giolo/LivroADC/Material/S3_Bonferroni%20Correction.pdf
- Naicker, S. N., Norris, S. A., Mabaso, M., & Richter, L. M. (2017). An analysis of retrospective and repeat prospective reports of adverse childhood experiences from the South African Birth to Twenty Plus cohort. *PloS one*, 12(7), <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0181522>
- Nakabashi, L., & Assahide, L. (2017). Estimando o retorno da escolaridade dos jovens por classe de renda: 1997-2012. *Pesquisa e Planejamento Econômico (PPE)*, 47(3), 137-184. https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/8230/1/PPE_v47_n03_Estimando.pdf
- Newbury, J. B., Arseneault, L., Moffitt, T. E., Caspi, A., Danese, A., Baldwin, J. R., & Fisher, H. L. (2018). Measuring childhood maltreatment to predict early-adult psychopathology: Comparison of prospective informant-reports and retrospective self-reports. *Journal of Psychiatric Research*, 96, 57–64. <https://doi.org/10.1016/j.jpsychires.2017.09.020>
- O'Brien, D. T., & Gallup, A. C. (2011). Using Tinbergen's four questions (plus one) to facilitate evolution education for human-oriented disciplines. *Evolution: Education and Outreach*, 4(1), 107-113. <https://doi.org/10.1007/s12052-010-0305-2>
- Quinlan, R. J. (2003). Father absence, parental care, and female reproductive development. *Evolution and Human Behavior*, 24(6), 376–390. [https://doi.org/10.1016/s1090-5138\(03\)00039-4](https://doi.org/10.1016/s1090-5138(03)00039-4)
- Quinlan, R. J. (2007). Human parental effort and environmental risk. *Proceedings of Biological Sciences B*, 274(1606), 121-125. <https://doi.org/10.1098/rspb.2006.3690>
- Richardson, G. B., La Guardia, A. C., & Klay, P. M. (2018). Determining the roles of father absence and age at menarche in female psychosocial acceleration. *Evolution and Human Behavior*, 39, 437–446. <http://dx.doi.org/10.1016/j.evolhumbehav.2018.03.009>
- Ripardo, R. C. (2011). *Eventos estressores na infância e apego adulto* [Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal da Bahia]. Repositório Institucional da UFBA.

- Ripardo, R. C. (2015). *A influência do neuroticismo na relação entre eventos estressores e apego adulto* [Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade de São Paulo]. Repositório institucional da USP.
- Ross, L. T., & Hill, E. M. (2002). Childhood unpredictability, schemas for unpredictability, and risk taking. *Social Behavior and Personality: an international journal*, 30(5), 453-473.
<https://doi.org/10.2224/sbp.2002.30.5.45>
- Ross, L. T., Hood, C. O., & Short, S. D. (2016). Unpredictability and symptoms of depression and anxiety. *Journal of Social and Clinical Psychology*, 35(5), 371–385.
<https://doi.org/10.1521/jscp.2016.35.5.371>
- Ross, L.T., Owensby, A. & Kolak, A.M. (2022). Family Predictability and Psychological Wellness: Do Personal Predictability Beliefs Matter? *Journal of Child and Family Studies*.
<https://doi.org/10.1007/s10826-022-02383-1>
- Ross, L. T., Short, S. D., & Garofano, M. (2016). Scale of unpredictability beliefs: Reliability and validity. *The Journal of Psychology*, 150(8), 976-1003.
<https://doi.org/10.1080/00223980.2016.1225660>
- Ross, A., Willson, V.L. (2017). One-Way Anova. In: A. Ross, & V. L. Willson (Eds). *Basic and Advanced Statistical Tests*. SensePublishers. https://doi.org/10.1007/978-94-6351-086-8_5
- Schulz, J., Bahrami-Rad, D., Beauchamp, J., & Henrich, J. (2018). The Origins of WEIRD Psychology. *SSRN*. <http://dx.doi.org/10.2139/ssrn.3201031>
- Shaver, J. H., Sibley, C. G., Sosis, R., Galbraith, D., & Bulbulia, J. (2019). Alloparenting and religious fertility: A test of the religious alloparenting hypothesis. *Evolution and Human Behavior*, 40(3), 315–324. <https://doi.org/10.1016/j.evolhumbehav.2019.01.004>
- Sheikh, A., & Cook, A. (1999). Descriptive statistics (part 1). *Primary Care Respiratory Journal*, 7(3), 32-34. <https://doi.org/10.1038/pcrj.1999.20>
- Shiramizu, V. K. M., & Lopes, F. A. (2013). A perspectiva evolucionista sobre relações românticas. *Psicologia USP [online]*, 24(1), 55-76. <https://doi.org/10.1590/S0103-65642013000100004>.
- Shiramizu, V. K. M., Natividade, J. C., & Lopes, F. A. (2013). Evidências de validade do Experience in Close Relationships (ECR) Inventory para o Brasil. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 18(3), 457-465. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2013000300006>

- Silva, C. G. (2015). *Imprevisibilidade ambiental na infância e investimento parental* [Relatório técnico de Iniciação Científica, Universidade Federal do Espírito Santo].
- Simpson, J. A., & Rholes, W. S. (2017). Adult attachment, stress, and romantic relationships. *Current opinion in psychology*, 13, 19-24. <https://doi.org/10.1016/j.copsyc.2016.04.006>
- Snopkowski, K., & Kaplan, H. (2014). A synthetic biosocial model of fertility transition: Testing the relative contribution of embodied capital theory, changing cultural norms, and women's labor force participation. *American Journal of Physical Anthropology*, 154(3), 322–333. <https://doi.org/10.1002/ajpa.22512>
- Steele, H., Bate, J., Steele, M., Dube, S. R., Danskin, K., Knafo, H., Nikitiades, A., Bonuck, K., Meissner, P., & Murphy, A. (2016). Adverse childhood experiences, poverty, and parenting stress. *Canadian Journal of Behavioural Science/Revue canadienne des sciences du comportement*, 48(1), 32. <https://psycnet.apa.org/doi/10.1037/cbs0000034>
- Sung, S., Simpson, J. A., Griskevicius, V., Kuo, S. I. C., Schlomer, G. L., & Belsky, J. (2016). Secure infant-mother attachment buffers the effect of early-life stress on age of menarche. *Psychological science*, 27(5), 667-674. <https://doi.org/10.1177%2F0956797616631958>
- Szepeswol, O. (2020). The effect of childhood unpredictability on co-parenting relationships during the transition to parenthood: A life history approach. *Journal of Social and Personal Relationships*, 37(8-9), 1-21. <https://doi.org.br/10.1177/02F0265407520918670>
- Szepeswol, O., Griskevicius, V., Simpson, J. A., Young, E. S., Fleck, C., & Jones, R. E. (2017). The effect of predictable early childhood environments on sociosexuality in early adulthood. *Evolutionary Behavioral Sciences*, 11(2), 131. <https://psycnet.apa.org/doi/10.1037/ebs0000082>
- Szepeswol, O. & Simpson, J. A. (2019). Attachment within Life History Theory: An Evolutionary Perspective on Individual Differences in Attachment, *COPSYC*. <https://doi.org/10.1016/j.copsyc.2018.03.005>
- Szepeswol, O., Shai, D., Zamir, O., & Simpson, J. A. (2020). The effects of morbidity-mortality and economic unpredictability on parental distress: A life history approach. *Journal of Social and Personal Relationships*. <https://doi.org/10.1177/0265407520959719>.
- Szepeswol, O., Simpson, J. A., Griskevicius, V., & Raby, K. L. (2015). The effect of unpredictable early childhood environments on parenting in adulthood. *Journal of Personality and Social Psychology*, 109(6), 1045. <https://psycnet.apa.org/doi/10.1037/pspi0000032>

- Szepeswol, O., Simpson, J. A., Griskevicius, V., Zamir, O., Young, E. S., Shoshani, A., & Doron, G. (2021). The effects of childhood unpredictability and harshness on emotional control and relationship quality: A life history perspective. *Development and Psychopathology*, *34*(2), 607–620. <https://doi.org/10.1017/s0954579421001371>
- Tinbergen, N. (1963). On the aims of methods of ethology. *Zeitschrift für Tierpsychologie*, *20*, 410-433. <https://doi.org/10.1111/j.1439-0310.1963.tb01161.x>
- Tokumar, R. S., Defelipe, R. P., & Vieira, M. L. (2018). Investimento Parental Humano (Capítulo 4.1). In M.E. Yamamoto & J.V. Valentova (2018, Orgs). *Manual de Psicologia Evolucionista*. Edurnf.
- Tooby, J. & Cosmides, L. (2015). The theoretical foundations of evolutionary psychology. In Buss, D. M. (Ed.), *The Handbook of Evolutionary Psychology, Second edition. Volume 1: Foundations*. (pp. 3-87). Hoboken, NJ: John Wiley & Sons.
- Trivers, R. L. (1972). Parental Investment and Sexual Selection. In B. Campbell (Ed). *Sexual selection and the descent of man 1871-1971*. Aldine Publishing Company.
- Walsh, D., McCartney, G., Smith, M., & Armour, G. (2019). Relationship between childhood socioeconomic position and adverse childhood experiences (ACEs): a systematic review. *J Epidemiol Community Health*, *73*(12), 1087-1093. <https://doi.org/10.1136/jech-2019-212738>
- Xu, W., Hou, Y., Hung, Y. S., & Zou, Y. (2013). A comparative analysis of Spearman's rho and Kendall's tau in normal and contaminated normal models. *Signal Processing*, *93*(1), 261–276. <https://doi.org/10.1016/j.sigpro.2012.08.005>
- Yigit, S., & Mendes, M. (2018). Which Effect Size Measure is Appropriate for One-Way and Two-Way ANOVA Models?: A Monte Carlo Simulation Study. *REVSTAT-Statistical Journal*, *16*(3), 295–313. <https://doi.org/10.57805/revstat.v16i3.244>
- Young, E. S., Frankenhuis, W. E., & Ellis, B. J. (2020). Theory and measurement of environmental unpredictability. *Evolution and Human Behavior*, *41*(6), 550-556.
- Young, E. S., Griskevicius, V., Simpson, J. A., Waters, T. E., & Mittal, C. (2018). Can an unpredictable childhood environment enhance working memory? Testing the sensitized-specialization hypothesis. *Journal of Personality and Social Psychology*, *114*, 891–908. <https://doi.org/10.1037/pspi0000124>
- Zhang, B., Sun, T., Drasgow, F., Chernyshenko, O. S., Nye, C. D., Stark, S., & White, L. A. (2020). Though Forced, Still Valid: Psychometric Equivalence of Forced-Choice and Single-Statement

Measures. *Organizational Research Methods*, 23(3), 569–590.

<https://doi.org/10.1177/1094428119836486>

Zhu, N., Hawk, S. T., & Chang, L. (2019). Unpredictable and competitive cues affect prosocial behaviors and judgments. *Personality and Individual Differences*, 138, 203–211.

<http://dx.doi.org/10.1016/j.paid.2018.10.006>

Tabelas

Tabela 1

Dados sociodemográficos dos participantes

Características amostrais	Masculino (n = 139)	Feminino (n = 443)
	M (DP) ou N (%)	M (DP) ou N (%)
Idade (Mín: 22 – Máx: 77)	45.90 (10.59)	41.53 (9.99)
Quantidade média de filhos	1.82 (.90)	1.61 (.75)
Idade dos filho mais novo¹	11.27 (9.74)	10.86 (9.42)
Sexo do filho mais novo²		
Masculino	64 (46.04)	222 (50.11)
Feminino	75 (53.96)	221 (49.89)
Escore ABEP	41.88 (9.77)	41.44 (9.97)
Renda média (Mín: R\$0 – Máx: R\$50,000.00)	R\$11,685.05 (R\$8,630.62)	R\$10,950.32 (R\$8,226.25)
Escolaridade concluída		
Ginásio ou Fundamental II	1 (.72)	1 (.23)
Colegial ou Ensino Médio	10 (7.19)	27 (6.09)
Ensino Superior	25 (17.99)	71 (16.03)
Pós-Graduação	103 (74.10)	344 (77.65)
Etnia		
Parda	38 (27.34)	129 (29.12)
Preta	10 (7.19)	30 (6.77)

Branca	87 (62.59)	272 (61.40)
Outras	4 (2.88)	12 (2.71)
Estado Civil		
Solteiro(a)	11 (7.91)	61 (13.77)
Casado(a)/União Estável	117 (84.18)	319 (72.01)
Divorciado(a)	11 (7.91)	52 (11.74)
Viúvo(a)	0	11 (2.48)
Renda familiar (Mín: R\$0 – Máx: R\$50,000.00)		
< 1 salário mínimo	7 (5.04)	19 (4.29)
1 – 3 salários mínimos	10 (7.19)	57 (12.86)
3 a 6 salários mínimos	31 (22.30)	99 (22.35)
6 a 9 salários mínimos	27 (19.42)	78 (17.61)
9 a 12 salários mínimos	24 (17.27)	79 (17.83)
> 12 salários mínimos	40 (28.78)	111 (25.06)

Nota: [1] Para o sexo masculino, o *N* total válido foi de 139 indivíduos, e não tivemos respostas ausentes (*Mdn* = 8 anos; Mín: <01 ano – Máx: 43 anos). Para o sexo feminino, o *N* total válido foi de 441 indivíduos (*Mdn* = 08 anos; Mín: <01 ano – 51 anos); **[2]** O sexo dos filhos foi calculado com base na pergunta qualitativa da EIP, a respeito de qual é o sexo do(a) filho(a) caçula. No caso de indivíduos com apenas um filho, suprimimos a distinção entre filho mais novo/mais velho.

Tabela 2

Escores de imprevisibilidade familiar na infância (EIFI e Szepeswol (2020)), crenças de imprevisibilidade (SUB), dimensões de apego (ECR) e investimento parental (EIP) nos participantes do sexo masculino e feminino.

	Masculino (n = 139)						Feminino (n = 443)					
	M	DP	Mdn	IQR	Mín	Máx	M	DP	Mdn	IQR	Min	Máx
EIFI												
Cuidado e apoio	1.77	1.01	1.42	1.07	1	5	1.96	1.01	1.57	1.35	1	5
Recursos Financeiros	2.50	1.16	2.33	1.66	1	5	2.52	1.18	2.33	2	1	5
Alimentação	1.81	.85	1.60	1.20	1	5	1.79	.91	1.40	1.20	1	5
Szepeswol (2020)												
Imprevisibilidade	4.13	4.93	2	5	0	20	4.92	4.53	4	6	0	20
Severidade	19.07	5.76	20	8	5	28	19.10	6.36	20	10.50	5	28
SUB												
Si Mesmo	2.51	1.02	2.50	1.50	1	5.66	2.52	1.01	2.33	1.33	1	6
Pessoas	3.76	1.02	3.80	1.20	1	6	3.72	1.09	3.80	1.20	1	6
Mundo	4.64	1.04	4.80	1.60	1	6	4.62	1.11	4.80	1.60	1	6
ECR												
Ansiedade	3.48	1.11	3.61	1.66	1	6.38	3.51	1.51	3.50	5.94	1	6.94
Evitação	2.82	1.02	3.50	1.83	1	6.94	2.76	1.10	2.55	1.72	1	6.16
EIP												
Cuidado e Apoio	4.56	.44	4.69	.50	2	5	4.77	.25	4.84	.23	2.84	5
Convivência	4.06	.61	4.15	.81	1.63	5	4.20	.53	4.26	.68	2	5

Valores	4.41	.56	4.55	.50	2	5	4.53	.54	4.66	.50	.83	5
---------	------	-----	------	-----	---	---	------	-----	------	-----	-----	---

Nota: Além da média e desvio-padrão informamos a mediana e o intervalo interquartil (IQR) nas medidas de de tendência central, uma vez que para distribuições não-paramétricas, tornam-se indicadores adequados devido à exclusão de valores *outliers*, viés que não é corrigido pela média e desvio-padrão (Sheikh & Cook, 1999); **Legenda:** EIFI Cuidado – imprevisibilidade familiar de cuidado na infância; EIFI Recursos Financeiros - imprevisibilidade familiar de recursos financeiros na infância; EIFI Alimentação - imprevisibilidade familiar de alimentação na infância; Imprevisibilidade - imprevisibilidade familiar na infância tal qual mensurada por Szepeswol (2020); Severidade - severidade familiar na infância tal qual mensurada por Szepeswol (2020); SUB Si Mesmo - crenças de imprevisibilidade atuais sobre si mesmo; SUB Pessoas - crenças de imprevisibilidade atuais sobre as pessoas; SUB Mundo - crenças de imprevisibilidade atuais sobre o mundo; ECR Ansiedade – dimensão de ansiedade no apego; ECR Evitação – dimensão de evitação no apego; EIP Cuidado - investimento parental em cuidado; EIP Convívio - investimento parental em convívio; EIP Valores - investimento parental em valores.

Tabela 3*Análises de correlação de Spearman entre os instrumentos*

Variáveis	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13
1. EIFI Cuidado	—												
2. EIFI Finanças	.27***	—											
3. EIFI Alimentação	.41***	.33***	—										
4. Imprevisibilidade (Szepsenwol, 2020)	.44***	.48***	.31***	—									
5. Severidade (Szepsenwol, 2020)	.28***	.76***	.27***	.43***	—								
6. SUB Si Mesmo	.29***	.18***	.28***	.27***	.19***	—							
7. SUB Pessoas	.24***	.21***	.10*	.22***	.19***	.39***	—						
8. SUB Mundo	.09*	.14***	.02	.17***	.13**	.33***	.49***	—					
9. ECR Ansiedade	.25***	.13**	.13**	.16***	.09*	.30***	.33***	.21***	—				

10. ECR Evitação	.29***	.14***	.14***	.08	.09*	.31***	.23***	.10*	.18***	—			
11. EIP Cuidado	-.18***	<.01	-.12**	-.02	<.01	-.24***	-.09*	<.001	-.13**	-.16***	—		
12. EIP Convívio	-.24***	-.11**	-.19***	-.15***	-.13**	-.38***	-.20***	-.08*	-.18***	-.22***	.62***	—	
13. EIP Valores	-.17***	.06	-.11**	-.05	.05	-.27***	-.05	.02	-.11**	-.15***	.61***	.65***	—

Nota: EIFI Cuidado – imprevisibilidade familiar de cuidado na infância; EIFI Apoio - imprevisibilidade familiar de apoio na infância; EIFI Alimentação - imprevisibilidade familiar de alimentação na infância; Imprevisibilidade - imprevisibilidade familiar na infância tal qual mensurada por Szepeswol (2020); Severidade - severidade familiar na infância tal qual mensurada por Szepeswol (2020); SUB Si Mesmo - crenças de imprevisibilidade atuais sobre si mesmo; SUB Pessoas - crenças de imprevisibilidade atuais sobre as pessoas; SUB Mundo - crenças de imprevisibilidade atuais sobre o mundo; ECR Ansiedade – dimensão de ansiedade no apego; ECR Evitação – dimensão de evitação no apego; EIP Cuidado - investimento parental em cuidado; EIP Convívio - investimento parental em convívio; EIP Valores - investimento parental em valores.

Níveis de significância: * $p < .05$; ** $p < .01$; *** $p < .001$

Tabela 4*Correlação de Spearman entre variáveis sociodemográficas e instrumentos*

Variáveis	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16
1. Renda familiar	-.09*	-.20***	-.10*	-.14***	.19***	-.21***	.13**	.09*	-.09*	.11**	.05	.19***	.04
2. ABEP total	-.16***	-.22***	-.17***	-.17***	.25***	-.27***	.16**	.05	.11**	.20**	.14**	.30***	.11**
3. N° de filhos	-.12**	.05	<.001	-.12**	<.01	-.10**	-.05	.02	-.01	-.04	-.02	.03	.10*

Nota: ABEP total – Nível de critério socioeconômico mensurado a partir dos índices da Associação Brasileira de Empresas de Pesquisas (ABEP); 4 – EIFI Cuidado, 5 – EIFI Recursos Financeiros, 6 – EIFI Alimentação, 7 – Imprevisibilidade (Szepsenwol, 2020), 8 – Severidade (Szepsenwol, 2020), 9 – SUB Si Mesmo, 10 – SUB Pessoas, 11 – SUB Mundo, 12 – ECR Ansiedade, 13 – ECR Evitação, 14 – EIP Cuidado, 15 – EIP Convívio, 16 – EIP Valores; **Níveis de significância:** * $p < .05$; ** $p < .01$; *** $p < .001$

Tabela 5*Análises de regressão*

Modelo	Variáveis		Coeficientes Padronizados			
	VI _s	VD	<i>R</i>	<i>R</i> ²	<i>R</i> ² ajustado	<i>F</i>
1	EIFI Cuidado,EIFI Apoio, EIFI Alimentação, Imprevisibilidade, Severidade	SUB Si Mesmo	.35	.12	.12	16.99***
2	EIFICuidado,EIFI Apoio, EIFI Alimentação, Imprevisibilidade, Severidade	SUB Pessoas	.29	.08	.08	11.27***
3	EIFICuidado,EIFI Apoio, EIFI Alimentação, Imprevisibilidade, Severidade	SUB Mundo	.19	.03	.03	4.67***
4	EIFICuidado,EIFI Apoio, EIFI Alimentação, Imprevisibilidade, Severidade	ECR Ansiedade	.25	.06	.05	8.13***
5	EIFICuidado,EIFI Apoio, EIFI Alimentação, Imprevisibilidade, Severidade	ECR Evitação	.26	.08	.07	10.27***
6	EIFICuidado,EIFI Apoio, EIFI Alimentação, Imprevisibilidade, Severidade	EIP Cuidado	.17	.02	.02	3.47**
7	EIFICuidado,EIFI Apoio, EIFI Alimentação, Imprevisibilidade, Severidade	EIP Convívio	.19	.03	.03	4.71***

8	EIFICuidado,EIFI Apoio, EIFI Alimentação, Imprevisibilidade, Severidade	EIP Valores	.14	.02	.01	2.60*
9	SUB Si Mesmo, SUB Pessoas, SUB Mundo	EIP Cuidado	.23	.05	.04	10.98***
10	SUB Si Mesmo, SUB Pessoas, SUB Mundo	EIP Convívio	.37	.14	.13	31.85***
11	SUB Si Mesmo, SUB Pessoas, SUB Mundo	EIP Valores	.24	.06	.05	12.75***
12	ECR Ansiedade, ECR Evitação	EIP Cuidado	.17	.03	.02	8.96***
13	ECR Ansiedade, ECR Evitação	EIP Convívio	.24	.06	.05	19.16***
14	ECR Ansiedade, ECR Evitação	EIP Valores	.11	.01	.01	3.85*

Nota: EIFI Cuidado – imprevisibilidade familiar de cuidado na infância; EIFI Apoio - imprevisibilidade familiar de apoio na infância; EIFI Alimentação - imprevisibilidade familiar de alimentação na infância; Imprevisibilidade - imprevisibilidade familiar na infância tal qual mensurada por Szepeswol (2020); Severidade - severidade familiar na infância tal qual mensurada por Szepeswol (2020); SUB Si Mesmo - crenças de imprevisibilidade atuais sobre si mesmo; SUB Pessoas - crenças de imprevisibilidade atuais sobre as pessoas; SUB Mundo - crenças de imprevisibilidade atuais sobre o mundo; ECR Ansiedade – dimensão de ansiedade no apego; ECR Evitação – dimensão de evitação no apego; EIP Cuidado - investimento parental em cuidado; EIP Convívio - investimento parental em convívio; EIP Valores - investimento parental em valores. **Níveis de significância:** * $p < .05$, ** $p < .01$, *** $p < .001$. Valores de F sem asteriscos não foram significativos.

Anexos

Anexo A

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa intitulada **“Imprevisibilidade, dimensões de apego e investimento parental em pais e mães brasileiros: Estudo Empírico”**, sob a responsabilidade de Gustavo Pfister Pirola, aluno de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, e da professora Doutora Rosana Suemi Tokumaru, docente do Departamento de Psicologia Social e Desenvolvimento da Universidade Federal do Espírito Santo. Essa pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Espírito Santo com número de parecer 51811621.4.0000.5542.

JUSTIFICATIVA E OBJETIVO

Sabe-se que os contextos em que pais e mães estiveram expostos na infância e ao longo de sua vida são elementos que impactam na formação psicológica e afetiva destes, além de contribuir para as maneiras que desempenham os papéis de cuidadores na vida adulta. Assim, nosso objetivo é investigar a influência da história de vida de pais e mães brasileiros no cuidado que oferecem aos seus filhos. Sua participação consistirá em responder questões sobre sua infância, trajetória de vida, e como se relaciona com os seus filhos.

MÉTODO E PROCEDIMENTOS

Você responderá em uma única sessão de aplicação um questionário *online*, contendo algumas perguntas que visam conhecer e levantar características pessoais relacionadas ao objetivo da pesquisa e algumas questões sobre seu relacionamento com outras pessoas, a forma como lida no cuidado aos filhos, e aspectos de sua vida antes e depois da maternidade/paternidade. A participação nesta pesquisa poderá ser realizada no local e momento mais adequado para você, podendo ser acessada através de aparelhos eletrônicos tais como celulares, computadores ou *tablets*. A duração média de sua participação será de 40 minutos. Seus dados serão utilizados exclusivamente para análises estatísticas gerais, para publicações técnico-científicas e apresentações em congressos acadêmicos, sem possibilidade de identificação dos participantes individualmente.

RISCOS E BENEFÍCIOS

A participação nesta pesquisa pode trazer o risco mínimo de você sentir algum desconforto ao responder algumas questões, mas você poderá suspender sua participação a qualquer momento, sem qualquer prejuízo. Tais riscos podem ser minimizados por duas razões: você responderá *online* e garantimos o sigilo de qualquer dado referente a sua identidade. Mesmo assim você não é obrigado(a) a participar da pesquisa e poderá parar de responder a pesquisa a qualquer momento, fechando o questionário. Você não terá benefícios diretos ao participar dessa pesquisa, mas terá chance de relembrar sua vida durante a infância e refletir sobre sua influência no cuidado que oferece aos seus filhos.

Conforme instruções do Ofício Circular Nº 2/2021/CONEP/SECNS/MS, a respeito de pesquisas realizadas em ambiente virtual é garantido ao participante que todas as informações coletadas nesse estudo são estritamente confidenciais, ou seja, será mantido sigilo absoluto das informações colhidas individualmente e, em momento algum, teremos acesso a dados que possam identificá-lo ou permitir invasão de sua privacidade. Todo convite para participação da pesquisa será individualmente direcionado às mensagens particulares de redes sociais dos participantes, e/ou também por intermédio do endereço eletrônico do participante, sem o intermédio de listas de *e-mail* com múltiplos destinatários. Tal escolha é uma forma de proteger que informações de contato sejam visualizadas por terceiros e que seu anonimato seja violado.

Destacamos, ainda, que pelo fato de responder a esse questionário *online* existem os riscos próprios desse meio virtual, isto é, de potenciais invasores de privacidades, como vírus ou pessoas mal-intencionadas que tentam coletar dados online. Existem limitações para enfrentar isso, no entanto, esses riscos serão minimizados por sua não identificação no questionário, pois não será solicitado seu nome, nem nenhum número de documento pessoal. Além disso, os bancos de dados coletados serão armazenados pelo responsável em um dispositivo eletrônico local, apagando todo e qualquer registro de plataformas virtuais, ambiente compartilhado ou "nuvem".

REMUNERAÇÃO E RESSARCIMENTO

Sua participação não lhe trará benefícios financeiros nem ônus por sua participação na pesquisa, de modo que a mesma deverá ser realizada de forma voluntária. Porém, caso haja alguma despesa por participar dessa pesquisa, você poderá ser ressarcido. Você tem direito a buscar indenização caso sofra algum dano decorrente da pesquisa.

ESCLARECIMENTO DE DÚVIDAS

Em caso de dúvidas, você deve contatar o pesquisador Gustavo Pfister Pirola através do telefone (27) 99790-5084 e/ou *e-mail* gustavo.pirola@edu.ufes.br, ou a Professora Dr^a Rosana Suemi Tokumaru no telefone (27) 4009-2524 ou no e-mail suemitokumaru@gmail.com, ou ainda no endereço: Departamento de Psicologia Social e Desenvolvimento, Universidade Federal do Espírito Santo, Av. Fernando Ferrari, 514, Campus Universitário, Goiabeiras, Vitória, ES. Em caso da necessidade de reportar qualquer injúria ou dano relacionado ao estudo você pode entrar em contato com o Comitê de Ética e Pesquisa da UFES pelo telefone (27) 3145-9820, pelo e-mail cep.goiabeiras@gmail.com, ou pessoalmente, ou pelos Correios, no seguinte endereço: Avenida Fernando Ferrari, 514, Campus Universitário, Sala 07 do Prédio Administrativo do CCHN, Goiabeiras, Vitória, ES, CEP: 29.060-070.

CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO

Após ler os termos dessa pesquisa, aceito participar deste estudo de forma voluntária e poderei receber uma via deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinada pelos pesquisadores responsáveis pela pesquisa, clicando nesse link aqui

https://drive.google.com/drive/folders/1Fd_i_XaidRrOsp_bj-LP7JsJ_JflwtwN?usp=sharing para gerar uma via do Termo de assinatura pelos pesquisadores.

Caso deseje participar basta clicar na opção “concordo participar” e o questionário começará. Caso não deseje participar, basta clicar na opção “não concordo em participar”.

Gustavo Pfister Pirola

Pesquisador responsável – (27) 99790-5084

E-mail: gustavo.pirola@edu.ufes.br

Profª Draª Rosana Suemi Tokumaru

Orientadora da pesquisa – (27) 4009-2524

E-mail: suemitokumaru@gmail.com

Anexo B

Survey online (Enquetes Ufes)

Sua vivência na infância influencia a interação com seus filhos? (público externo)

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa intitulada “Imprevisibilidade, dimensões de apego e investimento parental em pais e mães brasileiros: Estudo Empírico”, sob a responsabilidade de Gustavo Pfister Pirola, aluno de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, e da professora Doutora Rosana Suemi Tokumaru, docente do Departamento de Psicologia Social e Desenvolvimento da Universidade Federal do Espírito Santo. Essa pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Espírito Santo com número de parecer 51811621.4.0000.5542.

Nosso objetivo é investigar a influência da história de vida de pais e mães brasileiros no cuidado que oferecem aos seus filhos. Sua participação consistirá em responder questões sobre sua infância, trajetória de vida, e como se relaciona com os seus filhos. A participação nesta pesquisa poderá ser realizada no local e momento mais adequado para você, podendo ser acessada através de aparelhos eletrônicos tais como celulares, computadores ou tablets. A duração média de sua participação será de 40 minutos. Seus dados serão utilizados exclusivamente para análises estatísticas gerais, para publicações técnico-científicas e apresentações em congressos acadêmicos, sem possibilidade de identificação dos participantes individualmente.

Você pode imprimir uma cópia assinada do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) no link https://drive.google.com/drive/folders/1Fd_i_XaidRrOsp_bj-LP7JsJ_JflwtwN. Solicitamos que o leia com atenção, e caso concorde em participar, basta prosseguir normalmente nesse questionário.

Existe(m) 70 questão(ões) neste questionário.

Você concorda em participar desta pesquisa? *

Escolha uma das seguintes respostas:

- Sim, concordo em participar.
- Não concordo em participar.

INÍCIO

Você tem pelo menos um(a) filho(a)? *

[A resposta foi 'Sim, concordo em participar.' na questão '1 [CONSENT]' (Você concorda em participar desta pesquisa?)]

Favor escolher apenas uma das opções a seguir:

- Sim
- Não

DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS

1. Você é do sexo: *

[Só responder essa pergunta sob as seguintes condições:

A resposta foi 'Sim' na questão '2 [OFF1x]' (Você tem pelo menos um(a) filho(a)?)]

Favor escolher apenas uma das opções a seguir:

- Feminino
- Masculino

2. Qual a sua idade? *

[A resposta foi 'Sim' na questão '2 [OFF1x]' (Você tem pelo menos um(a) filho(a)?)]

Por favor, coloque sua resposta aqui:

3. Você concluiu até que grau de escolaridade? *

[A resposta foi 'Sim' na questão '2 [OFF1x]' (Você tem pelo menos um(a) filho(a)?)]

Favor escolher apenas uma das opções a seguir:

- Nenhum
- Primário ou Fundamental I
- Ginásio ou Fundamental II
- Colegial ou Ensino Médio
- Ensino Superior
- Pós-Graduação

4. Caso você seja da comunidade acadêmica, por favor, indique qual/quais as suas funções. *

[A resposta foi 'Sim' na questão '2 [OFF1x]' (Você tem pelo menos um(a) filho(a)?)]

Por favor, escolha as opções que se aplicam:

- Aluno
- Técnico-Administrativo
- Docente
- Não faço parte de comunidade acadêmica

OBS: Fique à vontade para marcar mais de uma, se necessário.

5. Quanto à cor/etnia, você se considera? *

[A resposta foi 'Sim' na questão '2 [OFF1x]' (Você tem pelo menos um(a) filho(a)?)]

Favor escolher apenas uma das opções a seguir:

- Parda
- Preta
- Amarela
- Branca
- Indígena
- Outra

6. Seu estado civil atual: *

[A resposta foi 'Sim' na questão '2 [OFF1x]' (Você tem pelo menos um(a) filho(a)?)]

Favor escolher apenas uma das opções a seguir:

- Solteiro
- Casado(a)/União Estável
- Divorciado(a)
- Viúvo(a)

7. Atualmente você está em um relacionamento amoroso? *

[A resposta foi 'Sim' na questão '2 [OFF1x]' (Você tem pelo menos um(a) filho(a)?)]

Favor escolher apenas uma das opções a seguir:

- Sim
- Não

8. Atualmente você costuma se relacionar fisicamente ou romanticamente: *

[A resposta foi 'Sim' na questão '2 [OFF1x]' (Você tem pelo menos um(a) filho(a)?)]

Escolha uma das seguintes respostas:

- Só com mulheres, nunca com homens
- Principalmente com mulheres, raramente com homens
- Geralmente com mulheres, às vezes com homens
- Igualmente com homens e mulheres
- Geralmente com homens, às vezes com mulheres
- Principalmente com homens, raramente com mulheres
- Só com homens, nunca com mulheres

9. Está trabalhando no momento? *

[A resposta foi 'Sim' na questão '2 [OFF1x]' (Você tem pelo menos um(a) filho(a)?)]

Favor escolher apenas uma das opções a seguir:

- Sim
- Não

9.1. Se a resposta anterior for SIM, sua situação de trabalho é tida como: *

A resposta foi 'Sim' na questão '11 [SOCD9]' (9. Está trabalhando no momento?) e A resposta foi 'Sim' na questão '2 [OFF1x]' (Você tem pelo menos um(a) filho(a)?)

Favor escolher apenas uma das opções a seguir:

- Autônomo
- Empregado com carteira assinada
- Empregado sem carteira assinada
- Aposentado

9.2. Qual a sua profissão? *

[A resposta foi 'Sim' na questão '11 [SOCD9]' (9. Está trabalhando no momento?) e A resposta foi 'Sim' na questão '2 [OFF1x]' (Você tem pelo menos um(a) filho(a)?)]

Por favor, coloque sua resposta aqui:

10. Em qual estado brasileiro você reside? *

[A resposta foi 'Sim' na questão '2 [OFF1x]' (Você tem pelo menos um(a) filho(a)?)]

Favor escolher apenas uma das opções a seguir:

- AC
- AL
- AP
- AM
- BA
- CE
- DF
- ES
- GO
- MA
- MT

- MS
- MG
- PA
- PB
- PR
- PE
- PI
- RJ
- RN
- RS
- RO
- RR
- SC
- SP
- SE
- TO

11. Somando a sua renda com a renda das pessoas que moram com você, quanto é, aproximadamente, a renda familiar mensal? *

[A resposta foi 'Sim' na questão '2 [OFF1x]' (Você tem pelo menos um(a) filho(a)?)]

Escolha uma das seguintes respostas:

- Nenhuma renda.
- Até 1 salário mínimo
- De 1 a 3 salários mínimos
- De 3 a 6 salários mínimos
- De 6 a 9 salários mínimos
- De 9 a 12 salários mínimos
- Acima de 12 salários mínimos

12. Qual foi a renda da sua família no último mês (em reais), juntando todo o dinheiro que entrou em casa? *

[A resposta foi 'Sim' na questão '2 [OFF1x]' (Você tem pelo menos um(a) filho(a)?)]

Apenas números podem ser usados nesse campo.

Por favor, coloque sua resposta aqui:

13. Qual o grau de escolaridade da pessoa que mais contribui com a renda na sua casa? *

[A resposta foi 'Sim' na questão '2 [OFF1x]' (Você tem pelo menos um(a) filho(a)?)]

Favor escolher apenas uma das opções a seguir:

- Nenhum
- Primário ou Fundamental I
- Ginásio ou Fundamental II
- Colegial ou Ensino Médio
- Ensino Superior
- Pós-Graduação

14. Abaixo estão relacionados itens que você pode ou não ter em sua casa. Gostaria que você assinalasse se tem esses itens em sua casa e, em caso de resposta positiva, quantos destes itens tem em sua casa. *

[A resposta foi 'Sim' na questão '2 [OFF1x]' (Você tem pelo menos um(a) filho(a)?)]

Por favor, escolha a resposta adequada para cada item:

0 1 2 3 4 ou +

- Quantidade de banheiros.
- Quantidade de automóveis de passeio exclusivamente para uso particular.
- Quantidade de microcomputadores, considerando computadores de mesa, laptops, notebooks e netbooks e desconsiderando tablets, palms ou smartphones
- Quantidade de lavadora de louças.
- Quantidade de máquinas de lavar roupa, excluindo tanquinho.
- DVD, incluindo qualquer dispositivo que leia DVD e desconsiderando DVD de automóvel.
- Quantidade de fornos de micro-ondas.
- Quantidade de motocicletas, desconsiderando as usadas exclusivamente para uso profissional.
- Quantidade de máquinas secadoras de roupas, considerando lava e seca.
- Quantidade de freezers independentes ou parte da geladeira duplex.
- Quantidade de geladeiras.

15. Você emprega algum trabalhador mensalista em sua casa (considerando apenas os que trabalham cinco dias por semana)? *

[A resposta foi 'Sim' na questão '2 [OFF1x]' (Você tem pelo menos um(a) filho(a)?)]

Favor escolher apenas uma das opções a seguir:

- Sim
- Não

15.1. Se sim, quantos trabalhadores mensalistas você emprega em sua casa? *

[A resposta foi 'Sim' na questão '19 [SOCD17]' (15. Você emprega algum trabalhador mensalista em sua casa (considerando apenas os que trabalham cinco dias por semana)?) e A resposta foi 'Sim' na questão '2 [OFF1x]' (Você tem pelo menos um(a) filho(a)?)]

Apenas números podem ser usados nesse campo.

Por favor, coloque sua resposta aqui:

16. A água utilizada neste domicílio é proveniente de? *

[A resposta foi 'Sim' na questão '2 [OFF1x]' (Você tem pelo menos um(a) filho(a)?)]

Favor escolher apenas uma das opções a seguir:

- Rede geral de distribuição
- Poço ou nascente
- Outro meio

17. Considerando o trecho da rua do seu domicílio, você diria que a rua é: *

[A resposta foi 'Sim' na questão '2 [OFF1x]' (Você tem pelo menos um(a) filho(a)?)]

Favor escolher apenas uma das opções a seguir:

- Asfaltada/Pavimentada
- Terra/Cascalho

DADOS SOCIOECONÔMICOS I

As questões a seguir se referem ao período dos seus primeiros oito anos da sua vida. Por favor indique o quanto você concorda com as afirmações a seguir:

18. Durante seus oito primeiros anos de vida houve períodos durante os quais seus pais ou cuidadores ficaram desempregados? *

[A resposta foi 'Sim' na questão '2 [OFF1x]' (Você tem pelo menos um(a) filho(a)?)]

Favor escolher apenas uma das opções a seguir:

- Sim
- Não
- Não sei

19. Como você avalia que estes períodos de desemprego te afetaram? *

[A resposta foi 'Sim' na questão '23 [UNP1]' (18. Durante seus oito primeiros anos de vida houve períodos durante os quais seus pais ou cuidadores ficaram desempregados?) e A resposta foi 'Sim' na questão '2 [OFF1x]' (Você tem pelo menos um(a) filho(a)?)]

Por favor, escolha a resposta adequada para cada item:

1 - Não me abalaram 2- Me abalaram muito pouco 3 - Me abalaram pouco 4 - Me abalaram bastante 5 - Me abalaram muito

Favor escolher apenas uma das opções a seguir.

20. Durante seus oito primeiros anos de vida houve mudanças de residência? *

[A resposta foi 'Sim' na questão '2 [OFF1x]' (Você tem pelo menos um(a) filho(a)?)]

Favor escolher apenas uma das opções a seguir:

- Sim
- Não
- Não sei

21. Como você avalia que estas mudanças de residência te afetaram? *

[A resposta foi 'Sim' na questão '25 [UNP3]' (20. Durante seus oito primeiros anos de vida houve mudanças de residência?) e A resposta foi 'Sim' na questão '2 [OFF1x]' (Você tem pelo menos um(a) filho(a)?)]

Por favor, escolha a resposta adequada para cada item:

1 - Não me abalaram 2- Me abalaram muito pouco 3 - Me abalaram pouco 4 - Me abalaram bastante 5 - Me abalaram muito

Favor escolher apenas uma das opções a seguir.

22. Durante seus oito primeiros anos de vida seus pais se separaram? *

[A resposta foi 'Sim' na questão '2 [OFF1x]' (Você tem pelo menos um(a) filho(a)?)]

Favor escolher apenas uma das opções a seguir:

- Sim
- Não
- Não sei

23. Como você avalia que a separação dos seus pais te afetou? *

[A resposta foi 'Sim' na questão '27 [UNP5]' (22. Durante seus oito primeiros anos de vida seus pais se separaram?) e A resposta foi 'Sim' na questão '2 [OFF1x]' (Você tem pelo menos um(a) filho(a)?)]
 Por favor, escolha a resposta adequada para cada item:]

1 - Não me abalaram 2- Me abalaram muito pouco 3 - Me abalaram pouco 4 - Me abalaram bastante 5 - Me abalaram muito
Favor escolher apenas uma das opções a seguir.

24. Durante seus oito primeiros anos de vida você sofreu algum tipo de violência? *

[A resposta foi 'Sim' na questão '2 [OFF1x]' (Você tem pelo menos um(a) filho(a)?)]

Escolha uma das seguintes respostas:

Favor escolher apenas uma das opções a seguir:

- Sim
- Não
- Não sei

25. Como você avalia que a violência que você sofreu te afetou? *

[A resposta foi 'Sim' na questão '29 [UNP7]' (24. Durante seus oito primeiros anos de vida você sofreu algum tipo de violência?) e A resposta foi 'Sim' na questão '2 [OFF1x]' (Você tem pelo menos um(a) filho(a)?)]

Por favor, escolha a resposta adequada para cada item:

1 - Não me abalaram 2- Me abalaram muito pouco 3 - Me abalaram pouco 4 - Me abalaram bastante 5 - Me abalaram muito
Favor escolher apenas uma das opções a seguir.

DADOS SOCIOECONÔMICOS II

Ainda pensando nos primeiros oito anos da sua vida indique o quanto você concorda com as afirmações a seguir: *

[A resposta foi 'Sim' na questão '2 [OFF1x]' (Você tem pelo menos um(a) filho(a)?)]

Por favor, escolha a resposta adequada para cada item:

1 - Discordo fortemente 2 3 4 5 6 7 - Concordo fortemente

26. Ao longo da minha infância minha família tinha dinheiro suficiente para as coisas que precisava

27. Ao longo da minha infância eu cresci em um bairro relativamente rico.

28. Ao longo da minha infância eu me sentia relativamente rico comparado com os colegas da minha escola.

29. Minha família teve dificuldades financeiras ao longo da minha infância.

(Legenda: 1 = discordo fortemente; 7 = concordo fortemente).

PUBERDADE

30. Quantos anos você tinha quando começaram a aparecer pelos na sua virilha? *

[A resposta foi 'Masculino' na questão '3 [SOCD1]' (1. Você é do sexo:) e A resposta foi 'Sim' na questão '2 [OFF1x]' (Você tem pelo menos um(a) filho(a)?)]

Apenas números podem ser usados nesse campo.

Por favor, coloque sua resposta aqui:

31. Quantos anos você tinha quando sua voz começou a engrossar? *

[A resposta foi 'Masculino' na questão '3 [SOCD1]' (1. Você é do sexo:) e A resposta foi 'Sim' na questão '2 [OFF1x]' (Você tem pelo menos um(a) filho(a)?)]

Apenas números podem ser usados nesse campo.

Por favor, coloque sua resposta aqui:

32. Quantos anos você tinha quando começou a fazer a barba? *

[A resposta foi 'Masculino' na questão '3 [SOCD1]' (1. Você é do sexo:) e A resposta foi 'Sim' na questão '2 [OFF1x]' (Você tem pelo menos um(a) filho(a)?)]

Apenas números podem ser usados nesse campo.

Por favor, coloque sua resposta aqui:

33. Quantos anos você tinha quando começou a ter ejaculações noturnas? *

[A resposta foi 'Masculino' na questão '3 [SOCD1]' (1. Você é do sexo:) e A resposta foi 'Sim' na questão '2 [OFF1x]' (Você tem pelo menos um(a) filho(a)?)]

Apenas números podem ser usados nesse campo.

Por favor, coloque sua resposta aqui:

34. Quantas vezes durante a sua vida você já engravidou alguém? *

[A resposta foi 'Masculino' na questão '3 [SOCD1]' (1. Você é do sexo:) e A resposta foi 'Sim' na questão '2 [OFF1x]' (Você tem pelo menos um(a) filho(a)?)]

Apenas números podem ser usados nesse campo.

Por favor, coloque sua resposta aqui:

35. Quantos anos você tinha quando engravidou alguém pela primeira vez? *

[A resposta foi 'Masculino' na questão '3 [SOCD1]' (1. Você é do sexo:) e A resposta foi maior ou igual a '1' na questão '36 [MALE5]' (34. Quantas vezes durante a sua vida você já engravidou alguém?) e A resposta foi 'Sim' na questão '2 [OFF1x]' (Você tem pelo menos um(a) filho(a)?)]

Apenas números podem ser usados nesse campo.

Por favor, coloque sua resposta aqui:

36. Alguém que você engravidou já fez um aborto? *

[Só responder essa pergunta sob as seguintes condições:

A resposta foi 'Masculino' na questão '3 [SOCD1]' (1. Você é do sexo:) e A resposta foi maior ou igual a '1' na questão '36 [MALE5]' (34. Quantas vezes durante a sua vida você já engravidou alguém?) e A resposta foi 'Sim' na questão '2 [OFF1x]' (Você tem pelo menos um(a) filho(a)?)]

Favor escolher apenas uma das opções a seguir:

- Sim
- Não
- Não sei

37. Quantos anos você tinha quando começaram a aparecer pelos na sua virilha? *

[A resposta foi 'Feminino' na questão '3 [SOCD1]' (1. Você é do sexo:) e A resposta foi 'Sim' na questão '2 [OFF1x]' (Você tem pelo menos um(a) filho(a)?)]

Apenas números podem ser usados nesse campo.

Por favor, coloque sua resposta aqui:

38. Quantos anos você tinha quando seus seios começaram a aumentar de tamanho? *

[Só responder essa pergunta sob as seguintes condições:

A resposta foi 'Feminino' na questão '3 [SOCD1]' (1. Você é do sexo:) e A resposta foi 'Sim' na questão '2 [OFF1x]' (Você tem pelo menos um(a) filho(a)?)]

Apenas números podem ser usados nesse campo.

Por favor, coloque sua resposta aqui:

39. Quantos anos você tinha quando menstruou pela primeira vez? *

[A resposta foi 'Feminino' na questão '3 [SOCD1]' (1. Você é do sexo:) e A resposta foi 'Sim' na questão '2 [OFF1x]' (Você tem pelo menos um(a) filho(a)?)]

Apenas números podem ser usados nesse campo.

Por favor, coloque sua resposta aqui:

40. Quantos anos você tinha quando seus ciclos de menstruação se tornaram regulares? *

[A resposta foi 'Feminino' na questão '3 [SOCD1]' (1. Você é do sexo:) e A resposta foi 'Sim' na questão '2 [OFF1x]' (Você tem pelo menos um(a) filho(a)?)]

Apenas números podem ser usados nesse campo.

Por favor, coloque sua resposta aqui:

41. Quantas vezes durante sua vida você já engravidou? *

[A resposta foi 'Feminino' na questão '3 [SOCD1]' (1. Você é do sexo:) e A resposta foi 'Sim' na questão '2 [OFF1x]' (Você tem pelo menos um(a) filho(a)?)]

Apenas números podem ser usados nesse campo.

Por favor, coloque sua resposta aqui:

42. Quantos anos você tinha quando engravidou pela primeira vez? *

[A resposta foi 'Feminino' na questão '3 [SOCD1]' (1. Você é do sexo:) e A resposta foi maior ou igual a '1' na questão '43 [FEM5]' (41. Quantas vezes durante sua vida você já engravidou?) e A resposta foi 'Sim' na questão '2 [OFF1x]' (Você tem pelo menos um(a) filho(a)?)]

Apenas números podem ser usados nesse campo.

Por favor, coloque sua resposta aqui:

43. Você fez algum aborto durante sua vida? *

[A resposta foi 'Feminino' na questão '3 [SOCD1]' (1. Você é do sexo:) e A resposta foi maior ou igual a '1' na questão '43 [FEM5]' (41. Quantas vezes durante sua vida você já engravidou?) e A resposta foi 'Sim' na questão '2 [OFF1x]' (Você tem pelo menos um(a) filho(a)?)]

Favor escolher apenas uma das opções a seguir:

- Sim
- Não
- Prefiro não responder

44. Quantos anos você tinha quando teve sua primeira relação sexual? *

[A resposta foi 'Sim' na questão '2 [OFF1x]' (Você tem pelo menos um(a) filho(a)?)]

Apenas números podem ser usados nesse campo.]

Por favor, coloque sua resposta aqui:

INFÂNCIA I

Vamos começar falando sobre seu passado. De que idade você lembra quando você fala da sua infância? *

[A resposta foi 'Sim' na questão '2 [OFF1x]' (Você tem pelo menos um(a) filho(a)?)]

Apenas números podem ser usados nesse campo.

Por favor, coloque sua resposta aqui:

Pense na sua infância e escreva, na linha que segue, quem eram os adultos que você considerava que cuidavam de você: *

[A resposta foi 'Sim' na questão '2 [OFF1x]' (Você tem pelo menos um(a) filho(a)?)]

Por favor, coloque sua resposta aqui:

Abaixo você encontrará uma série de afirmações sobre o comportamento da sua família quando você era pequeno (a). Você, provavelmente, concordará com alguns itens e discordará de outros. Não existem respostas certas ou erradas e nós estamos interessados no grau em que você concorda

ou discorda destas opiniões. Leia cada afirmação cuidadosamente e marque o grau em que você concorda ou discorda dela, por meio de um círculo ou um X, de acordo com a seguinte escala: 1 = Discordo Totalmente; 2 = Discordo em parte; 3 = Indiferente; 4 = Concordo em parte; e 5 = Concordo Totalmente

Quando você responder, mantenha em mente a família na qual você foi criado durante a sua infância. CUIDADO PARA NÃO PULAR NENHUMA LINHA. *

[A resposta foi 'Sim' na questão '2 [OFF1x]' (Você tem pelo menos um(a) filho(a)?)]

Por favor, escolha a resposta adequada para cada item (1-18):

1 - Discordo totalmente 2 - Discordo em parte 3 - Indiferente 4 - Concordo em parte 5 - Concordo totalmente

1. Na infância minha família não sabia ao certo como pagaria as contas de cada mês.
2. Na minha casa o horário que o jantar era servido normalmente era o mesmo todos os dias.
3. Houve momentos na minha casa que faltava dinheiro para comprar coisas de necessidade básica (higiene, vestuário, etc).
4. Eu tinha certeza de que minha família me daria apoio se eu precisasse.
5. Na minha casa o horário que o almoço era servido normalmente era o mesmo todos os dias.
6. Quando eu estava chateado eu sabia que poderia procurar consolo com a minha família.
7. Eu sabia que eu era importante para minha família
8. Eu e/ou outras crianças da minha casa tivemos que começar a trabalhar cedo.
9. Eu sabia que minha família estaria presente para cuidar de mim.
10. Minha família tinha a preocupação de que os alimentos acabassem antes de poder comprar mais.
11. Na minha infância, de segunda a sexta-feira, eu sabia que as mesmas pessoas iriam se sentar à mesa para jantar.
12. Eu sabia que as pessoas da minha família cuidavam umas das outras.
13. Na minha casa eu sabia quem estaria presente na hora das refeições.
14. Na infância houve pessoas da minha família que ficaram desempregadas.
15. Na minha casa não sabíamos se haveria comida para as refeições diárias.
16. Eu me sentia amado pela minha família.
17. Eu sabia que minha família estaria presente para me proteger.
18. Na minha casa o horário das refeições era diferente a cada dia.

FILHOS I

Agora vamos falar da sua vida após ter tido filhos:

45. Quantos filhos(as) você tem? *

Só responder essa pergunta sob as seguintes condições:

[A resposta foi 'Sim' na questão '2 [OFF1x]' (Você tem pelo menos um(a) filho(a)?)]

Apenas números podem ser usados nesse campo.

Por favor, coloque sua resposta aqui:

46. Quantos filhos(as) adotivos você tem? *

Só responder essa pergunta sob as seguintes condições:

[A resposta foi 'Sim' na questão '2 [OFF1x]' (Você tem pelo menos um(a) filho(a)?)]

Apenas números podem ser usados nesse campo.

Por favor, coloque sua resposta aqui:

47. Pretende ter/adotar mais filhos(as)? *

Só responder essa pergunta sob as seguintes condições:

[A resposta foi 'Sim' na questão '2 [OFF1x]' (Você tem pelo menos um(a) filho(a)?)]

Escolha uma das seguintes respostas:

Favor escolher apenas uma das opções a seguir:

- Sim
- Não
- Não sei

48. Caso SIM, quantos filhos(as) ainda pretende ter ou adotar? *

Só responder essa pergunta sob as seguintes condições:

[A resposta foi 'Sim' na questão '52 [OFF3]' (47. Pretende ter/adotar mais filhos(as)?) e A resposta foi 'Sim' na questão '2 [OFF1x]' (Você tem pelo menos um(a) filho(a)?)]

Apenas números podem ser usados nesse campo.

Por favor, coloque sua resposta aqui:

49. Qual a idade do seu/sua filho(a) atualmente? *

Só responder essa pergunta sob as seguintes condições:

[A resposta foi '1' na questão '50 [OFF1]' (45. Quantos filhos(as) você tem?) e A resposta foi 'Sim' na questão '2 [OFF1x]' (Você tem pelo menos um(a) filho(a)?)]

Apenas números podem ser usados nesse campo.

50. A gravidez do seu(sua) filho(a) foi desejada? *

Só responder essa pergunta sob as seguintes condições:

[A resposta foi '1' na questão '50 [OFF1]' (45. Quantos filhos(as) você tem?) e A resposta foi 'Sim' na questão '2 [OFF1x]' (Você tem pelo menos um(a) filho(a)?)]

Favor escolher apenas uma das opções a seguir:

- Sim
- Não

51. Quantos anos você tinha quando teve/adotou seu(sua) filho(a)? *

Só responder essa pergunta sob as seguintes condições:

[A resposta foi '1' na questão '50 [OFF1]' (45. Quantos filhos(as) você tem?) e A resposta foi 'Sim' na questão '2 [OFF1x]' (Você tem pelo menos um(a) filho(a)?)]

Apenas números podem ser usados nesse campo.

Por favor, coloque sua resposta aqui:

FILHOS II

Agora vamos falar da sua vida após ter tido filhos:

52. Qual a idade do(a) seu/sua filho(a) mais novo(a) atualmente? *

Só responder essa pergunta sob as seguintes condições:

Resposta foi maior que '1' na questão '50 [OFF1]' (45. Quantos filhos(as) você tem?) e A resposta foi 'Sim' na questão '2 [OFF1x]' (Você tem pelo menos um(a) filho(a)?)

Apenas números podem ser usados nesse campo.

Por favor, coloque sua resposta aqui:

53. Qual a idade do(a) seu/sua filho(a) mais velho(a) atualmente? *

Só responder essa pergunta sob as seguintes condições:

[Resposta foi maior que '1' na questão '50 [OFF1]' (45. Quantos filhos(as) você tem?) e A resposta foi 'Sim' na questão '2 [OFF1x]' (Você tem pelo menos um(a) filho(a)?)]

Apenas números podem ser usados nesse campo.

Por favor, coloque sua resposta aqui:

54. A gravidez do(a) seu(sua) filho(a) mais novo(a) foi desejada? *

Só responder essa pergunta sob as seguintes condições:

[Resposta foi maior que '1' na questão '50 [OFF1]' (45. Quantos filhos(as) você tem?) e A resposta foi 'Sim' na questão '2 [OFF1x]' (Você tem pelo menos um(a) filho(a)?)]

Favor escolher apenas uma das opções a seguir:

- Sim
- Não

55. A gravidez do(a) seu(sua) filho(a) mais velho(a) foi desejada? *

Só responder essa pergunta sob as seguintes condições:

[Resposta foi maior que '1' na questão '50 [OFF1]' (45. Quantos filhos(as) você tem?) e A resposta foi 'Sim' na questão '2 [OFF1x]' (Você tem pelo menos um(a) filho(a)?)]

Favor escolher apenas uma das opções a seguir:

- Sim
- Não

56. Quantos anos você tinha quando teve/adotou seu(sua) filho(a) mais novo(a)? *

Só responder essa pergunta sob as seguintes condições:

[Resposta foi maior que '1' na questão '50 [OFF1]' (45. Quantos filhos(as) você tem?) e A resposta foi 'Sim' na questão '2 [OFF1x]' (Você tem pelo menos um(a) filho(a)?)]

Apenas números podem ser usados nesse campo.

Por favor, coloque sua resposta aqui:

57. Quantos anos você tinha quando teve/adotou seu(sua) primeiro(a) filho(a)? *

Só responder essa pergunta sob as seguintes condições:

[Resposta foi maior que '1' na questão '50 [OFF1]' (45. Quantos filhos(as) você tem?) e A resposta foi 'Sim' na questão '2 [OFF1x]' (Você tem pelo menos um(a) filho(a)?)]

Apenas números podem ser usados nesse campo.

Por favor, coloque sua resposta aqui:

FILHOS III

Caso você tenha vários filhos, gostaríamos que respondesse as perguntas seguintes pensando em seu filho ou sua filha mais nova(o).

Qual é o sexo do(a) seu(sua) filho(a) mais novo(a)? *

Só responder essa pergunta sob as seguintes condições:

[A resposta foi 'Sim' na questão '2 [OFF1x]' (Você tem pelo menos um(a) filho(a)?)]

Favor escolher apenas uma das opções a seguir:

- Feminino
- Masculino

Qual a data de nascimento dele/dela? *

Só responder essa pergunta sob as seguintes condições:

[A resposta foi 'Sim' na questão '2 [OFF1x]' (Você tem pelo menos um(a) filho(a)?)]

Favor informar uma data:

Nas questões abaixo (1-63) marque o quanto você realiza ou realizou cada uma das tarefas abaixo (use o “não se aplica” quando a questão se referir a uma fase a qual a criança ainda não chegou. Por

exemplo, só responda a questão “Levar a escola” se a criança já frequenta escola ou creche). Se seu filho ou filha mais nova(o) tem mais de 12 anos, pense no quanto você realizava as tarefas durante o período em que ele ou ela eram crianças. *

Só responder essa pergunta sob as seguintes condições:

[A resposta foi 'Sim' na questão '2 [OFF1x]' (Você tem pelo menos um(a) filho(a)?)]

Por favor, escolha a resposta adequada para cada item:

0 - Não se aplica 1 - Nunca 2 - Raramente 3 - Às vezes 4 - Quase sempre 5 - Sempre

1. Comemorar o aniversário da criança com a família.
2. Dar brinquedos educativos.
3. Manter a família unida.
4. Manter a família em harmonia.
5. Convidar os amiguinhos da criança para atividades em conjunto.
6. Falar sobre a criança com outras pessoas.
7. Preocupar-se em fazer coisas em família.
8. Abrir uma poupança para a criança.
9. Manter a criança em contato com a família.
10. Olhar fotos da criança.
11. Colocar a criança para dormir.
12. Aconselhar a criança sobre as suas companhias.
13. Levar a criança nas festinhas infantis dos amigos/vizinhos.
14. Procurar manter vivas as tradições familiares.
15. Fazer a criança rir.
16. Estimular a criança a aprender a pedir as coisas (ensinar a pedir ao invés de pegar sem o consentimento).
17. Cuidar para que a criança durma e descansa.
18. Estimular que a criança leia.
19. Preocupar-se com a criança quando ela não está presente.
20. Dar carinho à criança.
21. Estimular a criança a aprender a falar.
22. Cuidar quando a criança está doente.
23. Levar a criança para brincar com os primos(as).
24. Pensar na criança quando ela não está com você.
25. Ensinar sobre valores morais.
26. Estimular a imaginação da criança (ex: brincar de faz de conta, inventar histórias, desenhar)
27. Visitar os parentes com a criança.
28. Impor limites à criança quando necessário.
29. Dizer para a criança que a ama.
30. Trocar as roupas da criança.
31. Fazer passeios em família.
32. Contar para a criança histórias sobre a família.
33. Dar amor à criança.
34. Ensinar à criança sobre direitos e deveres.
35. Estimular a criança a observar as coisas ao seu redor.
36. Mudar de hábitos para dar bom exemplo à criança (por ex., passar a fazer refeições à mesa).
37. Levantar a noite para cuidar e atender a criança.
38. Estimular a criança a aprender línguas estrangeiras.
39. Estar sempre de olho na criança.
40. Cuidar dos cabelos da criança (lavar, pentear).

41. Se preocupar quando a criança está triste.
42. Ensinar valores religiosos à criança.
43. Mostrar exemplos de bom comportamento à criança.
44. Dar banho ou colocar a criança para tomar banho.
45. Estar presente nos momentos importantes da vida da criança.
46. Levar ao médico quando a criança está doente.
47. Elogiar quando a criança se comporta bem.
48. Tranquilizar quando a criança tem medo.
49. Dar de comer ou beber à criança.
50. Levar a criança ao pediatra regularmente.
51. Consolar a criança quando ela está sofrendo.
52. Cuidar da alimentação da criança.
53. Manter as vacinas da criança em dia.
54. Repreender a criança quando ela perturba ou incomoda.
55. Oferecer alimentos alternativos à criança (quando a criança não aceita algo importante na dieta).
56. Manter uma reserva de dinheiro para emergências.
57. Estimular a criança a brincar com os amigos.
58. Tentar evitar que a criança se acidente.
59. Repreender quando a criança desrespeita alguém.
60. Ensinar a criança a usar o dinheiro de forma apropriada.
61. Auxiliar a criança nas lições de casa.
62. Cuidar da criança quando ela se machuca.
63. Corrigir o comportamento da criança à mesa.

RELACIONAMENTOS I

As afirmações abaixo dizem respeito a como as pessoas podem se sentir em relacionamentos românticos. Nós estamos interessados em saber como você geralmente vivencia relações, não apenas no que acontece no seu relacionamento atual, se você estiver em um. Responda cada afirmação indicando o quanto você concorda ou discorda com ela. Observe que o ponto 1 significa “discordo fortemente” e o ponto 7 significa “concordo fortemente”. *

Só responder essa pergunta sob as seguintes condições:

[A resposta foi 'Sim' na questão '2 [OFF1x]' (Você tem pelo menos um(a) filho(a)?)]

Por favor, escolha a resposta adequada para cada item:

1 - Discordo totalmente 2 3 Neutro 5 6 7 - Concordo totalmente

1. Eu prefiro não demonstrar a uma(um) parceira(o) os meus sentimentos mais profundos.
2. Eu me preocupo em ser abandonado.
3. Eu me sinto muito confortável tendo um alto grau de proximidade afetiva com uma(um) parceira(o) romântica(o).
4. Eu me preocupo demais com os meus relacionamentos românticos.
5. Assim que minha(meu) parceira(o) começa a se tornar mais próxima(o) afetivamente de mim, eu percebo que começo a me afastar
6. Preocupa-me a ideia de que uma(um) parceira(o) romântica(o) não goste de mim tanto quanto eu gosto dela(e).
7. Eu me sinto desconfortável quando uma(um) parceira(o) romântica(o) quer muita proximidade afetiva comigo
8. Eu me preocupo bastante em perder minha(meu) parceira(o).
9. Eu não me sinto confortável em me abrir para uma(um) parceira(o) romântica(o).

10. Frequentemente, eu desejo que os sentimentos da(o) minha(meu) parceira(o) por mim sejam tão fortes quanto os meus sentimentos por ela(e).
11. Eu quero me aproximar afetivamente de minha(meu) parceira(o), mas eu acabo me distanciando.
12. Frequentemente, eu tenho vontade de me unir completamente com minhas(meus) parceiras(os) românticas, e isso às vezes as(os) afugenta.
13. Eu fico apreensivo quando uma(um) parceira(o) fica muito próxima(o) afetivamente de mim.
14. Eu me preocupo em ficar sozinho (a).
15. Sinto-me confortável compartilhando meus pensamentos e sentimentos íntimos com meu(minha) parceiro(a).
16. Meu desejo de ficar muito próximo afetivamente, às vezes, afasta as pessoas
17. Eu tento evitar ficar muito próximo afetivamente de minha(meu) parceira(o).
18. Eu necessito que minha(meu) parceira(o) reafirme constantemente que sou amado(a) por ela(e).
19. Eu considero que é relativamente fácil aproximar-me afetivamente da(o) minha(meu) parceira(o).
20. Às vezes eu sinto que forço meus(minhas) parceiros(as) a demonstrarem mais sentimento, mais comprometimento.
21. Acho difícil permitir-me depender de parceiros(as) românticos(as).
22. Em geral, eu não me preocupo em ser abandonado.
23. Eu prefiro não ficar muito próximo afetivamente de uma parceira(o) romântica(o).
24. Se eu não consigo fazer minha(meu) parceira(o) demonstrar interesse por mim, eu fico chateado(a) ou irritado(a).
25. Eu falo praticamente tudo ao meu(minha) parceiro(a).
26. Eu acho que minha(meu) parceira(o) não quer ficar tão próxima(o) afetivamente quanto eu gostaria.
27. Eu normalmente discuto meus problemas e minhas preocupações com meu(minha) parceiro(a).
28. Quando eu não estou envolvido(a) em um relacionamento, eu me sinto um pouco ansioso(a) e inseguro(a).
29. Sinto-me confortável em depender afetivamente de uma(um) parceira(o) romântica(o).
30. Eu fico frustrado(a) quando meu(minha) parceiro(a) não está por perto tanto quanto eu gostaria.
31. Não me importo em solicitar carinho, conselho ou ajuda para parceiros(as) românticos(as).
32. Eu fico frustrado(a) se meu(minha) parceiro(a) romântico(a) não está disponível quando eu preciso dele(a).
33. Ajuda muito poder contar com minha(meu) parceira(o) romântica(o) em momentos de necessidade.
34. Quando minha(meu) parceira(o) me reprova, sinto-me realmente mal comigo mesmo.
35. Eu recorro à minha(meu) parceira(o) para muitas coisas, incluindo conforto e segurança.
36. Eu fico magoado(a) quando minha(meu) parceira(o) passa seu tempo longe de mim.

PERCEPÇÃO DE MUNDO I

Observe as afirmações abaixo e marque o quanto você se identifica com elas. *

Só responder essa pergunta sob as seguintes condições:

[A resposta foi 'Sim' na questão '2 [OFF1x]' (Você tem pelo menos um(a) filho(a)?)]

Por favor, escolha a resposta adequada para cada item:

Discordo totalmente Discordo moderadamente Discordo em parte Concordo em parte
 Concordo moderadamente Concordo totalmente

1. Minha vida é caótica
2. Minha vida é relativamente estável.
3. Eu me decepciono comigo mesmo frequentemente.
4. Minha vida é desordenada.
5. Meu funcionamento do dia-a-dia é variável.
6. Parece existir ordem na minha vida.
7. As pessoas frequentemente fazem promessas que não são capazes de manter.
8. As atitudes das pessoas e suas ações são geralmente inconsistentes.
9. Se eu crio expectativas com outras pessoas, elas frequentemente me desapontam.
10. Basicamente, as pessoas não são confiáveis.
11. É difícil depender das pessoas.
12. A vida é imprevisível
13. O mundo parece instável.
14. O mundo tende a variar
15. O mundo é turbulento
16. É difícil prever os acontecimentos da vida

ENCERRAMENTO

Ufa! Obrigado por ter chegado até aqui, e escolher participar do nosso estudo!

Sabemos que não deve ser fácil lidar com tantas perguntas sobre a vida, e por isso gostaríamos de saber sua opinião sobre a experiência de responder a essa pesquisa. Essa tarefa é opcional.

Fique à vontade para escrever no campo abaixo suas observações, seja em forma de sugestões, dúvidas, ou mesmo se quiser falar brevemente sobre alguma questão que te incomodou.

ENCERRAMENTO (Condicional 1, para quem marcou não ter filhos)

Só responder essa pergunta sob as seguintes condições:

[A resposta foi 'Sim' na questão '2 [OFF1x]' (Você tem pelo menos um(a) filho(a)?)]

Poxa! Como o público-alvo da nossa pesquisa são de adultos que possuem ao menos um(a) filho(a), não será possível prosseguir com sua participação neste estudo. Agradecemos o seu interesse em contribuir com a construção do conhecimento científico, e, se desejar, pode colocar o seu e-mail abaixo para ser convidado a participar de pesquisas futuras.

ENCERRAMENTO (Condicional 2, para quem não consentiu na realização do estudo)

Só responder essa pergunta sob as seguintes condições:

[A resposta foi 'Não' na questão '2 [OFF1x]' (Você tem pelo menos um(a) filho(a)?)]

Sentimos muito, mas esse estudo só pode ser respondido mediante a sua concordância em participar. Obrigado pelo interesse!

Só responder essa pergunta sob as seguintes condições:

A resposta foi 'Não concordo em participar.' na questão '1 [CONSENT]' (Você concorda em participar desta pesquisa?)

Novamente agradecemos por sua colaboração e interesse na nossa pesquisa! :-)

Enviar questionário

Obrigado por ter preenchido o questionário.